

Marcelo Meyer

Tênis

muito mais
que um jogo

**Marcelo
Meyer**



Tênis
muito mais
que um jogo

FICHA TÉCNICA

Edição

Erick Castelhero

Revisão

Cláudio Fatigatti

Capa e Projeto Gráfico

Berel Alterman / Luis F. Chiapinotto

Diagramação

Atlanta Propaganda

©2004 Marcelo Meyer

ENDEREÇOS PARA
CORRESPONDÊNCIA:

Marcelo Meyer

Meyer Tennis

Rua Mesopotâmia, 459 – Granja Viana

Cotia – SP – CEP 06712-100

(11) 4702-6097 / 4702-5249

meyer@meyertennis.com.br

www.meyertennis.com.br

Erick Castelhero

ecastelhero@uol.com.br

**Dados Internacionais para Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Meyer, Marcelo, 1952 –

Tênis : muito mais que um jogo / Marcelo Meyer. --

São Paulo : Ed. do Autor, 2004.

1. Meyer, Marcelo, 1952 – Tênis – Brasil

3. Tenistas – Brasil I. Título.

04-2454

CDD-796.342092

Índices para catálogo sistemático:

1. Tenistas : Autobiografia e atividades

796.342092

Aos meus pais, Arnold e Renate.

Aos meus filhos, Tatiana e Denis.

Ao meu amigo, Erick Castelhero, pela paciência que teve de ouvir todas essas histórias e reproduzi-las por escrito.

E um agradecimento especial à minha esposa, Sonia, por ser parte integrante total em todos esses acontecimentos nos últimos 30 anos ao meu lado. Com certeza, o suporte dela é que me deu condições, de uma maneira muito estruturada e propícia, de ajudar muita gente.

PATROCÍNIO ESPORTIVO-CULTURAL:



APOIO:



NOVA MERCANTE

REVISTA
TÊNIS

tenisbr@sil
www.tenisbrasil.com.br

**CAPÍTULO I**

<i>O começo de tudo</i>	13
<i>Jogo para maricas</i>	15
<i>Maneco, um técnico especial</i>	17
<i>O dia certo, a hora certa, o lugar certo</i>	20

CAPÍTULO II

<i>Da zona sul de São Paulo para o Oriente Médio</i>	23
<i>Tênis infanto-juvenil: roda de amigos e futuros empresários</i>	25
<i>Tênis e faculdade nos Estados Unidos</i>	30
<i>Transição para a carreira profissional</i>	31
<i>Copa Davis, um atraso para o tênis mundial</i>	34

CAPÍTULO III

<i>Meus primeiros pontos no circuito profissional</i>	41
<i>Patrocínio inesperado e visão de marketing esportivo</i>	43
<i>Alteração de sexo. Escândalo e polêmica.</i>	45

CAPÍTULO IV

<i>Mudança de planos e a vitória contra o preconceito</i>	47
---	----

CAPÍTULO V

<i>Parceria com Paulo Cleto. Pioneirismo e novos rumos.</i>	53
---	----

CAPÍTULO VI

<i>Criação de novos negócios dentro da profissão</i>	59
<i>Agenciador de cães</i>	60

CAPÍTULO VII

<i>Clínicas de tênis. Com expulsão de um campeão.</i>	61
<i>Futebol brasileiro ajuda tenista profissional norte-americano</i>	65
<i>Personagem - Carlos Goffi</i>	68

CAPÍTULO VIII

<i>O difícil relacionamento entre técnico e jogador</i>	73
<i>Personagem - Paschoal Penetta</i>	75

CAPÍTULO IX

<i>Odair Santos, planejado para as conquistas</i>	77
<i>Mestre em trapalhadas</i>	83
<i>Caso de polícia</i>	84
<i>Exercícios para a maturidade</i>	85
<i>Personagem - Odair Santos</i>	87

CAPÍTULO X

<i>Marcelo Saliola, o garoto prodígio</i>	89
<i>Sinal de alerta</i>	92
<i>Esportes coletivos x esportes individuais</i>	94
<i>Vexame! E muita coragem...</i>	97
<i>Personagem - Marcelo Saliola</i>	99

CAPÍTULO XI

<i>Fernando Meligeni, um exemplo de garra e determinação</i>	101
<i>O processo de naturalização</i>	104
<i>“Vôos” mais altos e a maior briga</i>	105
<i>Um grande susto</i>	108
<i>A separação</i>	109
<i>Fofocas e seu mal para o tênis brasileiro</i>	112
<i>Personagem - Fernando Meligeni</i>	113

CAPÍTULO XII

<i>Trabalhando com o tênis feminino</i>	115
<i>Personagem - Andréa Vieira</i>	118

CAPÍTULO XIII

<i>Juvenil brilhante não é sinônimo de profissional vencedor</i>	121
<i>Personagem - William Kyriakos</i>	125

CAPÍTULO XIV

<i>Escolas nacionais de tênis, um conceito duvidoso</i>	127
<i>Modelo de treinamento</i>	131
<i>Aulas de tênis e receitas de bolo</i>	133
<i>Caminho de desenvolvimento para o tênis brasileiro</i>	134

CAPÍTULO XV

<i>Nova oportunidade</i>	137
<i>Personagem - Cássio Motta</i>	144

CAPÍTULO XVI

<i>Promoção de torneios infanto-juvenis e amadores</i>	147
<i>A concorrência das academias de ginástica</i>	150
<i>Próximo passo</i>	151
<i>Personagem - Regina Brandão</i>	155

CAPÍTULO XVII

<i>Inovação nos calendários paulista e nacional</i>	157
<i>Estrutura equivocada e perigosa</i>	158

CAPÍTULO XVIII

<i>Guga com pinta de campeão</i>	161
<i>A responsabilidade é nossa</i>	164
<i>Nos Estados Unidos, a maior homenagem</i>	166

CAPÍTULO XIX

<i>Comentarista de TV, uma nova atividade</i>	169
<i>Costa do Sauípe: tripla satisfação</i>	171

CAPÍTULO XX

<i>O jogo mais difícil</i>	175
<i>Personagem - Carla Foschini</i>	180



O esporte é capaz de mudar a vida das pessoas?

Comprovadamente, sim.

Há inúmeros exemplos no Brasil e em todo o mundo. Anônimos transformam-se em heróis, humildes conhecem o glamour, desesperançados encontram o caminho para um futuro digno.

Poucos são os segmentos que permitem, de maneira tão ampla, a possibilidade de ascensão social, financeira e intelectual.

A prática esportiva é, ainda, um dos melhores exercícios para se aprender a disciplina e o respeito para com o próximo.

Nesta obra, Marcelo Meyer reproduz sua experiência de três décadas dedicadas ao tênis.

No começo, enfrentou a resistência do professor de natação do clube A Hebraica, São Paulo, quando decidiu trocar as piscinas pelas raquetes. Desenvolveu uma vitoriosa carreira infanto-juvenil, teve um bom início na fase adulta e ainda disputou os primeiros dias do circuito na era profissional. Uma contusão e o casamento com Sonia indicaram novos caminhos para Meyer, que, com arrojo e competência, também trilhou trajetórias vencedoras como empresário e técnico.



Meyer inovou e construiu, em companhia de Paulo Cleto, a primeira academia particular de tênis no Brasil. Mais tarde, investiu em seu próprio centro de treinamento, na Granja Viana, em São Paulo, considerado um dos mais completos da América do Sul.

Fernando Meligeni, Cássio Motta, Marcelo Saliola, Odair Santos, Andrea Vieira, William Kyriakos e Paschoal Penetta são exemplos bem sucedidos, dentro e fora das quadras, que souberam assimilar os conselhos do mestre.

O que realmente faz com que Meyer sinta-se realizado é saber que seu trabalho surtiu efeito positivo, para famosos ou anônimos, para jovens ou adultos, na vida esportiva ou social.

Ao longo desse período, ele abriu seus próprios horizontes e mostrou a quem esteve consigo que o esporte é como uma estrada que pode levar a um feliz destino.

Embarque nesta viagem!

Erick Castelhero



CAPÍTULO I

O começo de tudo

Nasci em outubro de 1952 e o meu primeiro contato com o tênis foi aos sete anos de idade. Nos finais de semana, meus pais jogavam no clube A Hebraica que, naquela época, possuía apenas duas quadras de saibro. Era localizado no mesmo ponto onde está até hoje, na rua Gabriel Monteiro da Silva, perto do Shopping Iguatemi, nos Jardins, zona sul de São Paulo. Era um clube simples, de apenas duas quadras de tênis, uma piscina e um ginásio poliesportivo.

Minha primeira atividade esportiva com um pouco mais de seriedade antes de ingressar de vez no tênis foi a natação. Eu cheguei a competir em alguns torneios estaduais pelo A Hebraica até os meus 11 anos de idade. Acredito que aquela base esportiva tenha ajudado na minha formação atlética para toda a vida. Sempre fui um garoto com bom físico e credito a isso, em partes, o fato de eu ter conseguido nadar de uma forma competitiva por pelo menos quatro anos.

Naquela época existia uma particularidade interessante relacionada ao tênis. Eu via meus pais jogando e um garoto nessa faixa etária é claro que se



identifica muito com atividades do pai, da mãe ou de ambos. Embora eu praticasse a natação, o que eu queria mesmo era jogar tênis. De vez em quando, eu pegava a raquete de minha mãe para brincar. Às vezes, até jogava um pouco com minha mãe, mas sempre de forma bem lúdica.

Existia um conceito muito forte e que as pessoas acreditavam demais, que era o seguinte: os chamados entendidos, porque na verdade não existiam especialistas, diziam que um garoto não podia começar a jogar tênis com menos de dez anos. Eu tinha oito anos, fazia natação e queria jogar, porém os amigos de meus pais e os professores diziam que não era recomendável uma criança praticar tênis com aquela idade.

Apesar de eu discordar atualmente desse tema, pois, hoje tenho alunos em minha academia começando com cinco anos, para a época, tinha fundamento tal conceito: as raquetes de tênis eram padronizadas, não existiam modelos específicos de raquetes para crianças, eram as mesmas para profissionais, homens, mulheres ou juvenis. Por ser um jogo unilateral e pelos equipamentos da época serem rústicos, o que as pessoas falavam tinha algum fundamento. Não sei se elas pensavam nisso ou falavam da boca para fora, mas com certeza aquilo ajudou na minha formação.

Fui picado pelo bichinho que entra no sangue do tenista, logo após ter acertado duas boas bolas para o outro lado da quadra. Foi um vício para o resto da vida. Tinha sete anos, mas só comecei a treinar mais assiduamente aos nove. A partir daí, comecei a sentir a pressão como tenista.

O meu técnico de natação percebeu que, ao invés de treinar na piscina, eu ficava rodeando as quadras de tênis e, nos finais de semana, amolava os velinhos para bater uma bola comigo. Tênis era um esporte para adultos... Era esquisito, feio e fora dos padrões ver uma criança jogar tênis. Esse técnico de natação procurou meus pais e impôs uma condição:



– Ou ele nada, ou joga tênis. Não tem como seu filho conciliar os dois esportes.

A prática das duas modalidades simultaneamente era impossível na visão dele:

– Na natação, a musculatura é amolecida. No tênis, é o contrário, fica enrijecida, insistia o professor.

Segundo o professor, o tênis fazia mal para meus treinos de natação e ele queria que eu fosse um competidor nas piscinas. Eu, no entanto, não pensei duas vezes em optar pelo tênis.

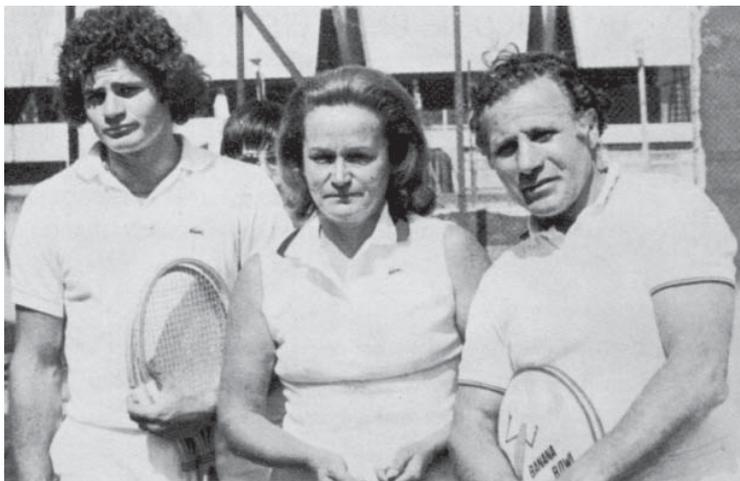
Assim foi meu começo nas quadras...

Jogo para maricas

Diante das dificuldades, eu só jogava aos finais de semana. O primeiro grande problema é que não havia uma pessoa durante a semana no clube para jogar tênis. Esse esporte era restrito para os dias dos finais de semana, era uma atividade de lazer. Outro empecilho era a longa distância: eu morava perto do Aeroporto de Congonhas, na alameda dos Aicás, e não tinha a menor possibilidade de meus pais me deixarem, com aquela idade, pegar um ônibus para ir treinar no clube.

Só depois de muita insistência, consegui convencê-los. Pegava o ônibus na avenida dos Imarés, que me deixava na avenida Santo Amaro. Dali pegava outro até a rua Joaquim Floriano e mais outro até a atual avenida Brigadeiro Faria Lima, que, na época, se chamava rua Iguatemi. O trecho até A Hebraica eu percorria a pé. Tudo isso sozinho aos 10 anos de idade e, às vezes, acompanhado da minha irmã mais velha, Anita.

Existia um agravante na época que, aliás, era um fato curioso. A consideração que se tinha é que o tênis era um esporte para maricas. Ou embrulhava



*Marcelo Meyer
com seus pais
Renate e Arnold*

a raquete no jornal, que era o que eu fazia na maioria das vezes, ou eu enfiava a cabeça da raquete para dentro de uma mala (não existia raqueteira) para ir de casa até o clube e vice-versa. Fiz isso por anos e anos.

O Antenor Zuchetto era tenista do clube Tietê e um dos melhores do país. Foi com ele que aprendi a fazer isso. Eram três ou quatro torneios de 1ª Classe por ano no Brasil. Eu via que, depois do jogo, ele embrulhava a raquete no jornal para ir para sua casa, que era localizada na zona norte. Imagine, à noite, um adulto entrando num ônibus com uma raquete de tênis! Ele iria passar uma vergonha enorme... Em roda de amigos da minha idade, entre meus colegas do bairro ou da escola, eu não falava que jogava tênis. Escondia isso.

Com 11 anos, comecei a disputar competições. As categorias infanto-juvenis tinham divisões diferentes. Eram divididas de três em três anos, de 9 a 12 anos, de 13 a 15 e de 15 a 18, bem mais difícil do que é hoje a distribuição, de dois em dois. Era muito difícil para um garoto de 9 enfrentar e vencer um rival de 12 anos.

Quando eu completei 12 anos, as coisas começaram a acontecer de uma maneira melhor para o meu tênis. O clube A Hebraica não oferecia condições



para eu evoluir. Eram apenas duas quadras, não havia treinamento, não existia equipe de competição, era uma modalidade totalmente de lazer. Naquela idade eu já ganhava de praticamente todos os sócios, os adultos não queriam mais jogar comigo e durante a semana não aparecia ninguém no clube. Eu ficava, então, a tarde toda batendo bola no paredão ou com os pegadores.

Maneco, um técnico especial

Os entendidos diziam que o melhor tenista brasileiro da época chamava-se Maneco Fernandes. Não o vi jogar. Antes de ir para o clube Pinheiros, meus pais, com sacrifício, me deram boas escolas, além da possibilidade de estudar outra língua (o alemão).

Eles me colocaram para treinar uma vez por semana com o Maneco Fernandes na quadra coberta do Estádio Municipal do Pacaembu. Era entre 1963 e 1965. O Maneco tinha um acordo com a Prefeitura de São Paulo para dar aula naquela quadra e a fila de espera era gigantesca. Melhor do país, o Maneco era muito requisitado. Ele havia me visto jogar um torneio, aos 11 anos. Meus pais conversaram com ele, que se dispôs a me dar aula às 5h30 da manhã. Suas aulas começavam às 6 horas, mas ele abriu exceção para atender ao meu caso. Eu acordava às 4h15, saía da minha casa, perto do Aeroporto de Congonhas, pegava três ônibus para ter meia hora de tênis por semana com o Maneco.

O treino terminava às 6 horas. Eu tomava um banho lá mesmo, nos vestiários do Pacaembu, pegava um ônibus e ia para a escola. Fiz todo esse sacrifício durante mais de um ano. Estudei do pré-primário até a 2ª série ginásial no colégio Benjamin Constant, uma escola alemã muito rígida. Depois, comecei a jogar melhor e fui para a pior escola que existia em São Paulo, que se chamava Oxford. Era a escola dos tenistas, dos nadadores, dos esportistas em geral, acei-



tava todo mundo, mesmo os reprovados e os que tinham sido expulsos de outros colégios. Essa escola teve suas portas fechadas devido à intervenção do MEC. Todo mundo perdeu aquele ano de 1965. Fui para o Costa Manso, considerado ao lado do Caetano de Campos e Alberto Levi, os melhores colégios de São Paulo. Fiquei lá até o 2º colegial. Para ganhar tempo, fiz o exame de Madureza e concluí o colegial para poder viajar pelo tênis.

A aula com o Maneco era uma realização...

O método de ensino tinha características tradicionais. A técnica era a seguinte: para bater direita, a perna esquerda na frente; para bater a esquerda, a perna direita na frente. Golpes com duas mãos não existiam. Você podia ter a melhor esquerda do mundo com as duas mãos, mas quando chegava nas aulas o professor mandava mudar. Era considerada uma maneira errada de golpear a bola. O saque era feito com a “tesoura” nas pernas. Na execução do golpe, a perna de trás deveria cruzar com a da frente. Só existia a batida de esquerda em slice. Como quase todas as quadras eram de saibro e a bola não “andava”, não havia necessidade de se fazer força. Usava-se muitas curtinhas e o lobs. A estratégia do jogo, em poucas palavras, era essa.

A empunhadura que se usava era só a continental para todos os golpes. Alongamento não passava pela cabeça de ninguém. Era uma aula muito interessante: o professor tinha seis bolinhas e um pegador. As aulas de tênis foram ministradas dessa maneira por muito tempo, até meados de 1970. Em meia hora de aula, batia-se pouquíssimas vezes na bola.

As bolinhas de tênis já eram produzidas no Brasil. A Mercur foi a pioneira no país nesse mercado. Como as quadras eram de saibro e o jogo muito lento, as bolas duravam muito tempo. A Mercur, que é uma fábrica de borracha, só tinha o trabalho de importar o feltro. Elas eram vendidas em caixas de papelão, parecidas com as de sapato. Vinham seis bolas e eram da cor branca. Nossas bolas



não deviam nada às estrangeiras. O problema é que custavam muito caro.

Só existiam raquetes de madeira, que pesavam mais de quatrocentos gramas. Naquela época, algumas raquetes seguravam-se direto no cabo de madeira, não existia uma proteção para tornar a empunhadura mais confortável. Existiam raquetes importadas e as marcas que predominavam no mercado brasileiro eram a Dunlop, Wilson, Slazenger e Spalding. Produziam-se, de uma forma bastante artesanal, por aqui, as raquetes da família Procópio. Foi o início da indústria das raquetes de tênis no país.

As cordas no Brasil, em sua grande maioria, eram de náilon. Para se fazer o encordoamento, as raquetes eram presas numa morsa. O encordoador esticava na mão, corda por corda, usando uma espécie de chave de fenda nos furinhos por onde passam as cordas.

Apesar de toda a minha dedicação ao tênis como jogador, mesmo numa época em que só existia raquete de madeira, nunca sofri uma contusão grave. Só fui sentir os reflexos de equipamentos ruins em 1990, quando fui submetido à cirurgia no cotovelo e, depois de dois meses, precisei de nova operação no mesmo local.

Da primeira cirurgia eu tive uma recuperação mais lenta e sofrida. Com aquelas raquetes pesadas, criava-se uma hipertrofia muscular no antebraço que mais tarde causava uma compressão nos nervos e tendões. A cirurgia que fiz foi para transferir o tendão para um outro lado, para acabar com a inflamação.

Sessenta dias depois e a dor continuava forte. O médico, doutor Ronaldo Azze, um dos maiores especialistas em nosso país de mão e braço, precisou limpar e raspar parte do osso para tratar uma epicondilite crônica. Acreditou-se que, com a primeira cirurgia, esse problema seria resolvido, mas não foi o que aconteceu.

Esses problemas que tive podem até ser considerados insignificantes se levado em consideração as condições para a prática do esporte na minha época



de jogador. As raquetes eram pesadas, não existia medicina esportiva, alongamento era uma palavra desconhecida. Diante de todas essas circunstâncias, posso afirmar que tive uma vida esportiva amplamente saudável.

Como tenista juvenil, e depois também na minha fase profissional, sempre tive como ídolo o Thomaz Koch. Quando garoto, joguei contra os melhores da época, como o Edison Mandarino, Lelé Fernandes, Arnaldo Moreira, Jorge Paulo Lehman, Carlos Alberto Kirmayr, Aírton Cunha, Eulício Silva e Fernando Gentil, entre outros.

O Arnaldo “Anão” Moreira era o que mais utilizava a técnica das cortinhas e lobs, característica de um jogo extremamente lento. Ele ganhava a maioria dos jogos no cansaço dos adversários. Ensinava-se isso na época. A beleza do jogo para o público era maior... As partidas eram mais emocionantes, pois o que se via eram jogadas pensadas, existia variedade... Era quase impossível fazer ponto através de winner, batendo na bola com raquete de madeira, com encordoamento ruim e em quadra de saibro. Por isso que o esporte era chamado de tênis-arte, mais criativo, estratégico. Hoje é mais físico, mais força.

O dia certo, a hora certa, o lugar certo

Participando do Campeonato de Interclubes de 4ª Classe, com 13 anos, no Esporte Clube Pinheiros, enfrentei o Hans Abiling. Aquele jogo começaria a mudar minha vida dentro do tênis. Ele era muito melhor do que eu: era o campeão estadual de 4ª Classe e tinha uns 35 anos. O então diretor do Pinheiros, Hermenegildo Grassi, assistiu ao jogo. Ele gostou tanto da minha atuação que ao término da partida me convidou para ser sócio-militante do clube. Aquilo, para mim, foi mais do que ganhar na Loteria...



O Pinheiros era o clube de tênis do país e ponto final! Para se ter uma idéia, em 1964, o clube já tinha mais de 20 quadras de tênis. E alguns dos melhores jogadores do Brasil eram de lá, desde os juvenis até os de 1ª Classe. O Paulo Gomieiro e o Cláudio Penetta eram os principais da equipe, que também tinha os irmãos Paulo, Marco e Tércio Ferreira; Luiz, Marcelo e Maria Inês Grassi; Sebastião Silva, Vera Cleto e Laura Saracchi, entre outros.

Aquele convite foi a melhor coisa que poderia acontecer para eu manter aceso o meu sonho, que era jogar bem tênis e ganhar medalhas e troféus. Não almejava uma profissão, não pensava em faturar dinheiro.

No dia seguinte ao convite, às 14 horas, eu estava na quadra do Pinheiros. O treinamento era uma vez por semana, durante meia hora, com o Gomieiro, com o Penetta ou com o Sebastião, que eram os três melhores do clube. No Pinheiros, não era uma aula, era um treinamento de meia hora. A gente aquecia cinco minutinhos e jogava pontos, disputava sets. Os treinamentos, naquela época, eram assim: aquecimento, sorteio para o saque e disputas de muitos pontos, vários e vários sets.

Um fato positivo que trago para a parte didática dos meus treinamentos atuais é algo que, no Brasil, está meio esquecido até em função de poucas quadras para o número grande de alunos em determinados horários, principalmente nas academias de tênis. A minha geração, por exemplo, aprendeu a jogar tênis disputando sets. Drills e jogadas simuladas eram coisas que não conhecíamos.

Percebo que hoje a grande maioria dos nossos juvenis é aquele “leão de treino”. Batem muito bem na bola, mas não desenvolvem a maneira de jogar. Se fosse possível mesclar aquela nossa antiga experiência, que era a disputa de sets, com o método dos dias de hoje, que são os drills, acredito ser esse um modelo adequado para o desenvolvimento de um jogador.



*Marcelo Meyer
no Esporte Clube
Pinheiros*

Minha primeira competição importante transformou-se num prêmio, uma retribuição ao Pinheiros, que me aceitou como militante. Cinco ou seis meses depois de entrar para o clube, quando eu tinha uns 14 anos, eu conquistei o Campeonato Estadual infantil.

Naquela época, esse tipo de competição era muito valorizado. Existia o Campeonato Estadual, o Campeonato Brasileiro e o Campeonato Sul-americano. Hoje, cada um desses eventos tem várias etapas realizadas em diversas cidades. Era impressionante o interesse do público. A quadra central do Pinheiros ficou completamente lotada. Eu era um total desconhecido, nunca tinha participado de nenhuma competição oficial até os 11 anos. Foi meu início em eventos oficiais.

Logo depois da minha final de simples na categoria infantil, entraram em quadra para a decisão da categoria juvenil Carlos Alberto Kirmayr e Denis Giacometti. O Kirmayr foi o campeão.

Com essa conquista, fui convocado pela Federação Paulista de Tênis, que era presidida pelo Alcides Procópio, para ir disputar o Campeonato Brasileiro. E o Brasileiro era a única oportunidade de se reunir todos os melhores juvenis do país inteiro. Foi em Porto Alegre, na Sogipa.

* * * * *



CAPÍTULO II

Da zona sul de São Paulo para o Oriente Médio

Acostumado a pegar três ônibus para ir treinar no Pinheiros, vivi uma grande emoção quando recebi passagens de avião para defender o Brasil no Exterior. Graças ao meu desempenho dentro das quadras, fui convocado, aos 14 anos, para disputar a Macabíada Mundial, em Tel Aviv, Israel, em 1966. O evento reuniu vários campeões olímpicos e mundiais de diversas modalidades. O nadador norte-americano Mark Spitz, dono de sete medalhas de ouro nas Olimpíadas de Munique-1972, foi a principal estrela naquela edição.

No tênis, o maior destaque foi o norte-americano Alan Fox, jogador titular da equipe da Copa Davis de seu país. Tive o privilégio de enfrentá-lo na primeira rodada de duplas. Logicamente, perdi. Porém, as vitórias que conquistei como experiência de vida e de atleta foram preciosas. Afinal, era muito raro ter a oportunidade de alguém, com aquela minha idade, poder estar sozinho no Oriente Médio, hospedado na Vila Olímpica, conviver ao lado de tantas feras do esporte mundial, enfrentar adversário daquele nível, assistir



a excepcionais competições e ainda ter a liberdade de conhecer lugares como o Mar Morto, Jerusalém e outras cidades históricas.

Valorizei muito o fato de poder conhecer de perto o dia-a-dia de um povo que, já naquela época, se preocupava com atos terroristas. Jovens, de ambos os sexos, sabiam que a partir dos 18 anos de idade teriam de encarar cinco anos obrigatórios de serviços militares. Fiquei impressionado ao conhecer adolescentes que falavam fluentemente três línguas – hebraico, inglês e francês.



*Marcelo Meyer
na Macabíada,
em 1977, em
Tel Aviv, Israel*

Meu parceiro de duplas, nessa minha primeira participação na Macabíada, foi Daniel Azulay. Mais tarde, ele acabou ficando conhecido através da Turma do Lambe-Lambe, programa infantil exibido pela televisão brasileira.



Juntos, enfrentamos o Alan Fox, que era top 10. Seria o mesmo que um jogador brasileiro de 14 anos estivesse hoje disputando uma partida contra um adversário do nível do Guga ou Andy Roddick. Paralelamente à emoção de estar em quadra contra uma personalidade mundial do tênis, eu vivia uma outra situação inusitada, que era olhar ao redor das quadras e ver militares com fuzis em punho, preservando a segurança do público e dos jogadores.

Tenho de agradecer aos meus pais. Eles confiaram na minha responsabilidade, para que eu realizasse essa viagem num clima de guerra, do outro lado do mundo e em condições que para se conseguir completar um telefonema para o Brasil eram necessárias 48 horas.

Alan Fox é considerado, até hoje, um dos melhores técnicos de tênis universitário nos Estados Unidos. É um professor de Psicologia Esportiva e os principais livros sobre o tema, voltados para o tênis, são de sua autoria. Em 1997, fui dar uma palestra para a USPTR (United States Professional Tennis Registry) na República Dominicana e nos encontramos. Ali, estávamos em igualdade de condições: eu era a pessoa para falar de treinamento infanto-juvenil, experiências no tênis em quadra de saibro vermelho, e ele palestrava sobre Psicologia Esportiva. Trinta anos depois, lembrei que nos enfrentamos nas Macabíadas de 1966. Ele já estava perto de seus 70 anos de idade. Foi um momento agradável, que nos emocionou bastante.

Tênis infanto-juvenil: roda de amigos e futuros empresários

O enfoque do tênis na década de 60 era outro... O objetivo principal, acima de vitórias, rankings, patrocínios e convocações, era a preservação do ambiente de amizade. E isso se estendia, além da roda de tenistas, aos familiares



dos jogadores. A cena mais comum era ver jovens, após acirradas disputas, todos juntos numa pizzaria com a família reunida. Posso até estar enganado, mas talvez tenha surgido daí a expressão “tudo acaba em pizza”.



Marcelo Meyer, Tatiana Meyer, Carlos “Chapecó” Chabalgoity, Fernando Roese, Mauro Brandão, Renato Joaquim, Nelson Aerts e Carlos Goffi durante o Banana Bowl, no Esporte Clube Pinheiros, em São Paulo, em 1979

Com a entrada do dinheiro no esporte, obviamente que o enfoque mudou. Infelizmente, o que mais vejo hoje nos torneios juvenis são jogadores, técnicos e familiares falando mal da vida dos outros. Esse é um clima típico em qualquer canto do mundo, onde vitórias e rankings podem significar o sucesso ou insucesso de um jogador.

O meu primeiro Campeonato Brasileiro infantil, aos 13 anos, foi disputado no Tijuca Tênis Clube, no Rio de Janeiro. Toda a delegação paulista cabia



em dois ônibus e todo o grupo ficava num alojamento, na verdade, um convento. Era um quarto enorme, com 100 camas. Nesse lugar dormíamos eu, o Luís Felipe Tavares, Alcides Procópio Jr, Lelezinho Fernandes, Paulo Cleto, Paulo Ferreira, Marco Ferreira, Wilton Carvalho, Marcelo Grassi, Luís Grassi, Luís Ohara, Ciro Gomes, José Segala e Milton Mota, o então vice-presidente da Federação Paulista de Tênis.

Era o meu primeiro grande campeonato. Estava completamente “verde”, não sabia exatamente o que estava fazendo ali. Perdi na primeira rodada para um jogador do Rio de Janeiro, Luís Lobão. Eram três irmãos na família que jogavam muito bem e perdi para Luís.

Apesar do talento, o Luís Lobão parou de jogar cedo, aos 16 anos. Ele se transformou, mais tarde, no presidente da Coca Cola no Brasil. Em 1994, eu lia a revista Exame, quando vi na capa a foto de uma pessoa familiar. Era o Luís. Mande uma carta (ainda não existia e-mail aqui no Brasil) para ele e o convidei para conhecer a minha academia em São Paulo. Pouco depois, ofereci um projeto de patrocínio e, através desse relacionamento com o Luís, o negócio foi fechado. De adversários, aos 12 anos de idade, na quadra de tênis, fomos nos reencontrar 30 anos depois para viabilizar um negócio.

Esse é um exemplo da importância que o tênis tem não apenas dentro das quadras e que poucas pessoas dão o devido valor. Existem muitos pais de infante-juvenis que estão visualizando a carreira profissional do filho, pensam em transformá-lo em 50º colocado do ranking mundial para ganhar dinheiro, senão o tênis não serve para nada. Há um outro lado no tênis, de negócios, oportunidades e relacionamentos, que também é muito importante para uma pessoa. Meus melhores amigos, até hoje, são aqueles que foram meus adversários na adolescência em torneios de tênis.

Tive vários colegas que, em função do tênis, aproveitaram oportuni-



des e se tornaram grandes empresários, assim como Luís Lobão. Pessoas que, com o aprendizado e a disciplina que o esporte exige, se transformaram em grandes líderes empresariais.

Jorge Paulo Lehman, que foi por muitos anos, ao lado de Thomaz Koch, o principal tenista do Brasil, é um dos empresários mais bem sucedidos do país, assim como Fernando Gentil. Luís Felipe Tavares é sócio de uma das maiores empresas de eventos e marketing esportivo do mundo, a Octagon Koch Tavares; José Salibi Neto tornou-se um executivo de sucesso e dirige a HSM; Fenando von Oertzen é um importante executivo na Octagon Koch Tavares; Luiz Mattar e Cássio Motta também se transformaram em empresários respeitados.



Vista aérea Resort PGA Village



O tênis me ensinou muito. Aprendi a atuar também em outros ramos de atividade, como no de empreendimentos imobiliários e na representação, no Brasil, do Resort PGA Golf, com sede em Port Saint Lucie, na Flórida (EUA).

É uma grande quantidade de ex-tenistas que se tornaram bem sucedidos em seus negócios, dentro ou não do esporte, perto ou longe das quadras de tênis, nos mais diversos segmentos da nossa sociedade.

O esporte, de uma maneira geral, não só o tênis, tem formado grandes administradores e líderes. O vôlei, sem dúvida, é uma modalidade que se desenvolveu espetacularmente no Brasil em função do trabalho competente de Carlos Arthur Nuzman. Atual presidente do Comitê Olímpico Brasileiro e integrante do Comitê Olímpico Internacional, Nuzman foi meu companheiro de viagem em duas Macabiadas. Ele, na época, era o principal atacante da seleção brasileira de vôlei. Enquanto atletas, tivemos contatos durante as viagens.

É uma pena que nenhuma pessoa do tênis até hoje, com capacidade e sucesso pessoal e profissional, tenha assumido o comando da Confederação Brasileira de Tênis. Se alguém, com essa qualidade, tivesse sido o presidente da nossa entidade, certamente o tênis hoje estaria num estágio muito mais avançado.

O tênis ensina muito para a vida. Na verdade, quando você vai vender um projeto, é como se encaminhasse para um jogo de tênis. Tem começo, meio e fim. Você tem de vencer aquela batalha. Tem projeto que, quando vou começar a viabilizá-lo, sei que vou vencer por 6/3 e 6/3; tem outro que, para ganhar, sei que vou precisar ir até o quinto set; existem outros em que a derrota por 6/0 e 6/0 é inevitável. Sempre faço esse paralelo nos meus negócios. As pessoas que tiveram a experiência dentro e fora das quadras são mais preparadas para administrar ou liderar seus negócios. Essa escola que o tênis proporciona é algo que não se aprende em uma cadeira de faculdade.



Tênis e faculdade nos Estados Unidos

Um caminho que muitas pessoas pegam para conciliar tênis-estudo, e se não conseguirem êxito no tênis, têm, pelo menos, a oportunidade de se preparar para a vida fora das quadras, são as bolsas de estudos em faculdades no Exterior. Nos Estados Unidos, mais especificamente.

Meus filhos, Tatiana e Denis, praticamente nasceram dentro de uma quadra de tênis. Sendo pai-coruja, classifico a Tatiana como tendo sido jogadora de 2ª Classe. Como técnico, diria que ela não passou de 3ª Classe. Mas mesmo com uma técnica não tão apurada, ela conseguiu benefícios através do esporte. Com um nível de tênis apenas razoável, mas com seus próprios méritos, ganhou uma bolsa de estudos na Lambuth University, em Jackson, Tennessee (EUA), onde ficou por quase cinco anos, jogando e cursando uma faculdade de Educação Física.



Carlos Alberto Kirmayr, Marcelo Meyer, Tatiana Meyer e Cássio Motta



Essa é uma ótima alternativa para muitas dessas pessoas que não têm talento natural para ser um tenista profissional precoce. Aproveitar o nível de tênis que tem, aliar isso aos estudos e ter uma experiência internacional é fazer esse tipo de intercâmbio. A pessoa certamente amadurecerá mais rapidamente, voltará ao Brasil com diploma internacional e jogará tênis por cinco anos, viajando o país inteiro, representando seu colégio. Existe um mercado muito grande nesse segmento nos Estados Unidos. Muitos brasileiros aproveitaram e outras centenas, todos os anos, continuam aproveitando esse tipo de oportunidade.

Apesar de a Tatiana não ter a mínima condição de ser uma jogadora profissional, ela conseguiu, através do tênis, uma excelente preparação para a sua vida profissional e pessoal. O tênis proporcionou a ela algo que outras modalidades raramente podem oferecer.

Transição para a carreira profissional

A fase mais difícil para qualquer tenista, desde que esse tenista não seja um gênio, é a transição da fase juvenil para a profissional:

- a pressão aumenta;
- os adversários têm mais experiência;
- é necessário um grande respaldo financeiro;
- os técnicos já não têm tanto interesse, já que é a fase onde o jogador mais perde que ganha;
- existe uma cobrança de familiares e amigos em relação aos estudos.

Esses são apenas alguns dos problemas enfrentados, levando-se sempre em consideração os casos normais. Gênios fazem parte de uma outra história, são exceções.



Na minha fase juvenil, tive a oportunidade de vencer alguns torneios nacionais. Juntamente com Fábio Pontes e Joaquim Rasgado fomos vice-campeões sul-americanos por equipe em uma competição que teve a participação do argentino Guillermo Vilas.

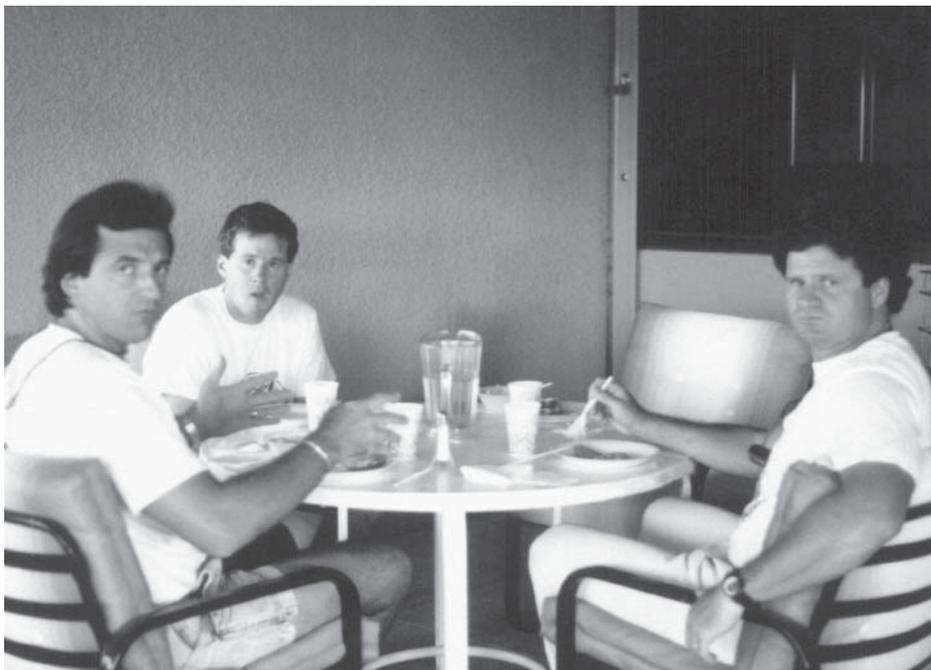
Talvez uma das principais lembranças que carrego dos meus tempos de juvenil foi ter disputado a primeira edição do Banana Bowl, torneio realizado até hoje e considerado o mais tradicional e importante da categoria no país.

Na segunda edição do Banana Bowl, eu e meus companheiros, Fábio Pontes e Joaquim Rasgado, conquistamos o título para o Brasil. Naquela época, existia uma diferença radical em comparação ao formato atual da disputa: a prova mais importante não era a individual, mas sim a de equipes, uma espécie de Copa Davis juvenil. Ainda nessa fase, viajei por quase toda a América do Sul, representando o país em competições oficiais.

Aos 18 anos, Joaquim Rasgado foi para a Flórida (EUA), estudar e defender tenisticamente a Universidade de Miami. Obteve grandes resultados, casou-se com uma norte-americana, teve duas filhas, vive até hoje nos Estados Unidos e, o que poucos sabem, é que foi, por muitos anos, o presidente da Florida Tennis Association, uma das maiores e mais importantes federações de tênis do mundo. Hoje, possui uma agência de seguro-saúde e é um dos líderes do ranking norte-americano na categoria seniors.

Outros parceiros em eventos relevantes da minha fase de juvenil foram Carlos Goffi e Otávio Piva.

Goffi é mais um exemplo de que o tênis é muito mais que um jogo para a vida de uma pessoa. Aos 18 anos, ele foi estudar e jogar pela faculdade Corpus Christi, no Texas (EUA). Casou-se com uma norte-americana, Jeanne, teve dois filhos, Jordan e Joshua. Goffi foi técnico do astro John McEnroe,



Carlos Goffi, Patrick McEnroe e Marcelo Meyer no Hotel Bonaventure, em Ft. Lauderdale – Flórida

tenista número 1 do mundo, e de seu irmão Patrick McEnroe, que figurou entre os 30 melhores duplistas do ranking mundial.

Joshua, que nasceu em Bertioga e viveu toda a sua vida nos Estados Unidos, acabou sendo convocado para representar o Brasil na Copa Davis, em 2004, numa situação atípica. Um movimento dos principais jogadores e técnicos contra a administração do presidente da Confederação Brasileira de Tênis, Nelson Nastás, culminou com o boicote à competição. Diante da situação, uma Comissão Técnica provisória convocou um time que incluiu Joshua. Em sua estréia, ele e o paulista Alexandre Simoni venceram a dupla formada por Ramon Delgado e Paulo Carvallo, garantindo um dos pontos na derrota brasileira, por 3 a 2, no confronto com o Paraguai.



Copa Davis, um atraso para o tênis mundial

Enquanto treinei o Fernando Meligeni, fui especulado várias vezes para ser o técnico da equipe brasileira da Copa Davis. Sempre fui muito fiel sobre o que eu penso sobre esse cargo. Tem de ser uma pessoa que conheça muito bem o circuito profissional, que tenha tido experiência como jogador de tênis e, principalmente, não pode ter vínculo direto com nenhum possível tenista dessa equipe.

Para a Copa Davis, a CBT deveria manter um técnico especificamente para o cargo. A entidade daria um respaldo para que essa pessoa acompanhasse de um número considerável de torneios no circuito profissional. Se eu fosse um técnico de Copa Davis hoje, eu deveria ir, por conta da CBT, para 10 ou 12 torneios da ATP por ano. Estaria acompanhando jogadores brasileiros, convivendo com o grupo, avaliando possíveis adversários, vivenciando o que interessa a alguém com essa função. É o que faz, por sinal, a maioria dos países desenvolvidos no tênis.

O Fernando Meligeni seria, hoje, na minha opinião, a pessoa mais indicada para ser o técnico da equipe brasileira da Copa Davis. Sabe tudo de tênis, acabou de deixar o circuito profissional, conhece todo mundo, não é treinador de nenhum tenista profissional, tem carisma, tem respeito e, o principal para um time de Copa Davis, faz o público jogar junto com o time. Seria exatamente o que o Yannick Noah foi para a França por muito tempo.

Não gosto de ver um capitão da Davis sendo técnico de um jogador que se enquadre no perfil de titular da equipe. Essa ligação pode prejudicar o jogador devido ao técnico tentar ser o mais neutro possível, assim como pode defender apenas os interesses de seu atleta. Em qualquer situação, os dois ficariam em situação delicada.



Técnico de Copa Davis, na minha opinião, é um administrador de egos e vaidades.

No mesmo país, por mais que eles apareçam abraçados, sorrindo, dando a idéia de equipe, todos os jogadores e treinadores são adversários. No fundo, a rivalidade, o ciúme, a inveja é enorme.

Em 1994, o Nelson Nastás, então presidente da Confederação Brasileira de Tênis, ficou numa situação muito delicada. O Meligeni passou a ser o número 1 do país, treinado pelo Marcelo Meyer. O técnico da equipe era o Paulo Cleto. Jaime Oncins, Fernando Roese e Roberto Jábali completavam a equipe. O Luiz Mattar estava com o pulso contundido. O Meligeni não se sentia tão à vontade com o Paulo Cleto, até porque ele, Meligeni, participou de uma experiência difícil, quando foi para o confronto de Copa Davis na Bélgica com a equipe que tinha o Mattar, o Jaime e o Roese, todos treinados pelo Cleto.

No ano seguinte, contra o Peru, o Meligeni era o número 1 do Brasil e com o meu aval chegou ao Nastás, expondo a situação. Habilmente, Nastás criou o cargo de capitão para o Marcelo Meyer. Quem ficava na quadra durante os jogos era o Paulo Cleto, mas quem acompanhava a equipe durante o dia-a-dia era o Marcelo Meyer. Foi uma maneira encontrada para deixar o Meligeni mais confortável num momento em que ele mais precisava do técnico, justamente quando você defende seu país e representa 170 milhões de pessoas. Ainda tínhamos a vantagem que era o meu bom relacionamento com o Cleto.

Foi uma boa experiência, só que eu não quis prosseguir com esse cargo. Afinal, aquilo ia contra os meus princípios. Ainda prevalecia o conceito de que técnico ou capitão de Copa Davis deveria ser uma pessoa neutra. Mantive essa postura, muitas vezes até contra os meus interesses.



Sinceramente, considero o modelo de disputa da Copa Davis o maior atraso de vida para o desenvolvimento do tênis mundial.

1• Primeiro porque do jeito que é a forma de disputada, desrespeita o tenista. De quem será a responsabilidade no dia em que um jogador vier a falecer dentro de uma quadra de tênis em função das regras que essa competição permite? Um exemplo recente, de tantos os que já vi, é o que aconteceu no confronto Brasil x Paraguai, em Costa do Sauípe, em abril de 2004: a temperatura girava em torno de 40 graus centígrados, com jogos sendo disputados no saibro, em nível do mar, começando às 10 horas e terminando às 15 horas. É desumano jogar por cinco horas seguidas nessas circunstâncias. Isso é uma grande irresponsabilidade para com a saúde dos tenistas e para com a imagem do próprio jogo.

2• O tênis passou a ser um esporte completamente individual, onde a grande maioria dos jogadores está preocupada com seu ranking. Jogos de Copa Davis deveriam ser como a Copa do Mundo de futebol, a cada quatro anos, num país sede, com 16 ou 32 nações. Isso atrairia mídia e público bem maiores do que qualquer torneio do Grand Slam. O brasileiro, argentino, francês, norte-americano acompanharia o Australian Open ou iria para a Copa Davis em formato de Copa do Mundo do futebol, com várias estrelas reunidas numa grande disputa por equipe? Existiria um tempo de preparo em favor dos jogadores muito mais adequado do que no meio da temporada, quando eles precisarem sair do saibro para jogar em quadra de grama e vice-versa. O que se faz hoje é um corta-físico desumano para o atleta.

3• O regulamento da Copa Davis é muito confuso. No ano 2000, durante um curso para 150 professores profissionais de tênis, na Meyer Tennis, eu estava fazendo palestra e perguntei quem sabia me dizer quais



eram os 16 países que compunham o Grupo Mundial – a chamada Primeira Divisão da Davis. Ninguém soube me responder. Se 150 especialistas do assunto não conseguiram responder isso, imagine o público. Que apelo pode ter a Copa Davis nessas circunstâncias. Isso sem falar nas divisões de acesso, zonais, repescagem...

Com o formato semelhante ao da Copa do Mundo de futebol, o apelo certamente seria muito maior. Para o Brasil, onde a cultura é muito mais de torcedor do que de apreciador do esporte, o envolvimento seria gigantesco. Seria semelhante ao que ocorre durante os Jogos Olímpicos. Quando acontecem as Olimpíadas, todas aquelas pessoas que nunca ouviram falar de iatismo, de ginástica olímpica, de atletismo, naquele momento ele estarão focados no tema. Com esse novo formato, a Copa Davis ganharia mais credibilidade e audiência não só no Brasil, mas no mundo inteiro. Atrairia também as principais estrelas do circuito profissional que, cansados, acabaram se afastando da competição.

Em vários congressos mundiais que participei, inclusive da USPTR, nos Estados Unidos, fiz essa sugestão, compartilhada por outros profissionais e especialistas de vários outros países. O problema é que os interesses financeiros da ITF estão acima dessa sugestão. Por consequência, quem perde é o mercado tenístico internacional. É triste constatar que os dirigentes do nosso tênis não se preocupam com o aumento de praticantes. É com o aumento desses praticantes que vai se encher as academias, revelar novos talentos, atrair mais mídia e, conseqüentemente, mais empresas para investimentos.

Em 1985, num jogo entre Brasil e Argentina pela decisão da zona americana, nossos adversários tinham um time com Guillermo Vilas e Jose Luis-Clerc, ambos top 10, e a equipe nacional era formada por Thomaz



Koch e Carlos Alberto Kirmayr em ótima fase. O confronto decisivo da Copa Davis, nas quadras do Esporte Clube Sírio, em São Paulo, já era disputado com as regras atuais, mas ainda sob caráter completamente amador. Três dias antes dos jogos, eu recebi o convite, por telefone, da CBT, para ser o juiz de cadeira. Outro convidado foi Antônio Torello, que havia sido um bom jogador juvenil e sabia falar outra língua.

O que me surpreende é que 20 anos se passaram e a Copa Davis continua sem grandes mudanças. Existe um quadro de juízes preparados e à disposição dos torneios da ITF, ATP e WTA, mas a competição não acompanhou a evolução do esporte, do marketing esportivo e do próprio jogo de tênis.

Eu nunca sentei no cockpit de um carro de Fórmula 1, nunca corri prova nenhuma de automobilismo, mas ligo a televisão e sei exatamente o que está acontecendo. Quem está na frente e quem está atrás na prova e no campeonato, quais são as escuderias mais fortes e mais fracas, quem fez a pole-position, a volta mais rápida, a pontuação por equipe e tudo o mais.

Também nunca joguei basquete, mas pego o exemplo da NBA e sem ser um expert na modalidade sei o que está acontecendo. O time que está jogando bem na temporada está lutando pelo título e ponto final.

Agora como é que você vai explicar que o Guga, que foi campeão de um torneio no domingo, aparece na segunda-feira perdendo cinco posições no ranking mundial? Se as pessoas que estão no tênis não conseguem explicar as regras, não entendem como funciona a classificação, como é que você quer interação com o público externo à modalidade?

O Andre Agassi ficou, certa vez, dois meses e meio sem jogar devido a uma contusão e ainda assim manteve-se como número 1 do mundo. É a mesma coisa que pegar o Campeonato Paulista, afastar o Corinthians por dois meses e meio e este time seguir ocupando o primeiro lugar na tabela de classificação.



A ATP até quis copiar a Fórmula 1, mas acabou complicando ainda mais as regras do tênis. O ranking de entradas já era (e continua sendo complicado), quando inventaram de fazer a Corrida dos Campeões.

As entidades que comandam o tênis no mundo – ITF, ATP e WTA – não enxergam que todos os outros esportes estão evoluindo assustadoramente e que o tênis, que já teve 25 milhões de praticantes e perdeu $\frac{3}{4}$ desse número nos Estados Unidos, precisa de mudanças.

Há muitos anos, a ATP está acabando com a saúde dos tenistas. A quantidade de torneios que os jogadores são obrigados a disputar é muito grande. O calendário não pára. Claro, o atleta pode se preservar e não competir em todos os eventos. Mas os adversários estão jogando e quem pára deixa de ganhar aqueles pontos. A consequência disso é o que se vê nos eventos – uma grande quantidade de desistências logo nas primeiras rodadas e o estado físico deplorável com que eles conseguem chegar nas finais.

Em todas as modalidades há começo, meio e fim. No tênis, não tem começo, nem fim... São torneios durante todos os meses do ano.

* * * * *



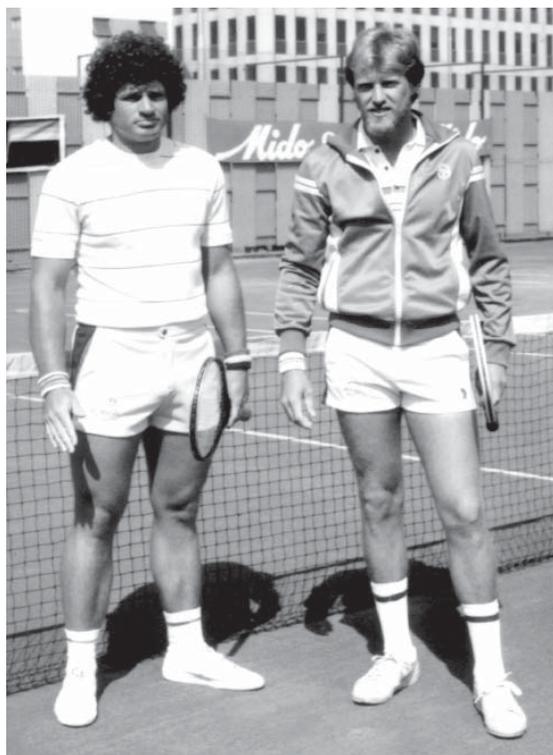
CAPÍTULO III

Meus primeiros pontos no circuito profissional

Quando saí da fase juvenil e fui disputar meus primeiros torneios profissionais na Europa, a ATP ainda não existia. A entidade estava começando a ser articulada. Um sistema de ranking computadorizado e com pontuação bem definida ainda estava longe de surgir. O que posso afirmar com muita convicção é que os pontos que conquistei para a minha vida pessoal nessa experiência na Europa foram muito mais importantes do que os meus resultados obtidos dentro das quadras.

Aos 19 anos, viajei para a Europa com o Flávio Arenzon. Nessa excursão, disputamos três torneios na Espanha, em Madri, Sevilha e Barcelona. Os espanhóis já eram bem avançados e tinham tradição no tênis. O Manuel Santana era um grande destaque e o Manuel Orantes tinha conquistado o Aberto dos Estados Unidos.

O Arenzon era o principal tenista juvenil brasileiro e foi jogar o Torneio de Roland Garros, em Paris. Eu o acompanhei. Naquela época, o tenista mandava seu currículo com alguns resultados e o organizador respondia se autorizava



Marcelo Meyer e Flávio Arenzon durante jogo-exibição no clube A Hebraica

ou não sua participação. Fui para assistir, mas até poderia ter disputado o qualifying de Roland Garros. A chave principal era de 128 tenistas, mas o qualificatório tinha um número bem menor de participantes. Se tivesse feito inscri-

ção, eu jogaria tranqüilamente o quali. Mas faltavam informações na Confederação Brasileira de Tênis e recursos, como a internet, fax e revistas especializadas. Desinformado, fiquei fora da competição.

Como jogador, mesmo não estando inscrito, eu tinha acesso a todas as dependências do complexo e pude, pela primeira vez, entrar na quadra central. Era um domingo à tarde, estava jogando o francês Patrice Dominguez e vi um estádio daquele tamanho, totalmente lotado, com gente para todos os lados, algo impressionante... Eu freqüentava o hotel dos melhores jogadores do mundo, usava os mesmos vestiários deles, almoçava e jantava no mesmo refeitório deles. Era um mundo novo para mim. Fiquei abismado com tudo aquilo.

Enxerguei, ali, o tênis de uma maneira bem diferente de tudo o que vivi dos 8 aos 18 anos. Tive a oportunidade de conhecer o Grand Slam,



pude bater bola com o Ilie Nastase, imbatível no saibro e que naquele ano ganhou o torneio sem perder nenhum set. Jimmy Connors era um molecão que começava a aparecer, Stan Smith era o melhor do mundo em quadras rápidas, o Guillermo Vilas estava ganhando espaço. Estavam em Roland Garros naquele ano Roger Taylor, da Inglaterra, todos os sul-americanos, entre eles Thomaz Koch, Edison Mandarino, Patricio Cornejo e Jaime Fillol.

Meu amigo, Arenzon, perdeu na primeira rodada para o paraguaio Victor Pecci, que alguns anos depois fez a final da chave principal em Roland Garros.

Patrocínio inesperado e visão de marketing esportivo

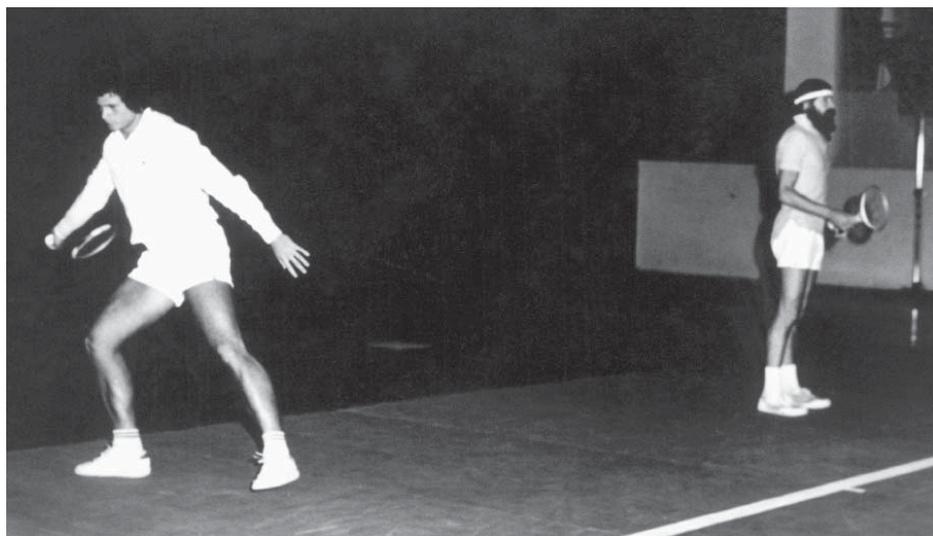
Como estávamos jogando na Europa, eu e o Arenzon conseguimos o patrocínio da Lacoste, que era o máximo em apoio para tenistas na época. A empresa nos dava uma mala de roupas e outra de raquetes. As raquetes da Lacoste eram as primeiras a serem fabricadas em alumínio, uma inovação, pois até então só existiam as de madeira. Era uma quantidade tão grande de produtos, que não tínhamos como usar tudo. A Adidas me forneceu calçado esportivo, de acordo com meus resultados. Era tudo na base da informalidade.

Durante essa minha primeira visita a Roland Garros, detectei o potencial do mercado do tênis. Por quê a Lacoste estava me dando malas de raquete e artigos esportivos? Por quê a Adidas estava me abastecendo de pares de tênis? Tudo isso, associado ao que acompanhei no Grand Slam, na França, foi suficiente para eu perceber que por detrás daquele meu amor na busca por uma medalha havia um campo bem maior a ser explorado, um grande negócio a ser trabalhado. Foi o start para um novo horizonte profissional na minha vida dentro do tênis.



Outra novidade para mim, nessa excursão, foi saber que existiam torneios com premiação em dinheiro. Nos torneios que disputei na Espanha e em alguns outros que joguei na França, após a passagem por Roland Garros, eu pude faturar meu primeiro dinheiro como tenista. Passar pela primeira ou segunda rodada de simples, mais uma outra semifinal de duplas, eram resultados suficientes para garantir o sustento da semana posterior. Foi assim que eu comecei a sobreviver no mundo do tênis. Eram quantias muito inferiores ao que se paga atualmente no circuito profissional, mas garantiam a hospedagem e a alimentação que eu precisava para continuar viajando pela Europa com minha mochila e raquete à tiracolo.

A dificuldade de comunicação era muito grande. Certa vez, o dinheiro acabou e minha mãe fez uma transferência bancária que demorou uma semana para ser creditada num banco europeu. Recebi o recado no hotel e fui para a agência, mas a pessoa que anotou os dados escreveu o nome do banco errado. Eu não tinha nada no bolso. Para pegar as informações corretas,



Marcelo Meyer e Torben Ulrich durante um torneio da ATP no Tijuca Tênis Clube, no Rio de Janeiro



foram mais dois dias só para conseguir completar a chamada telefônica para o Brasil. E foram dois dias sem comer e beber quase nada...

Infelizmente, observo alguns jovens tenistas brasileiros reclamando de barriga cheia. Por quê? Atualmente, é enorme a quantidade de torneios com premiações de todos os níveis, há informação sobre tudo e nunca foi tão fácil se comunicar. Portanto, para alguns, o que falta mesmo é o amor ao esporte e a determinação necessária.

Durante a viagem para a França, joguei em Mont Rouge e depois em Versalhes. Nesta última cidade, cheguei à semifinal de simples. Uma garrafa de água mineral custava o equivalente a quatro dólares. Não dava para treinar tênis por quatro, cinco horas naquele verão europeu e tomar água o tempo todo pagando aquele alto preço. Eu tomava água da torneira mesmo.

Na véspera da minha semifinal, comecei a passar muito mal no hotel durante a madrugada. Estava sozinho. O Flávio Arenzon já havia viajado para outra localidade. Fui parar no hospital, onde fiquei internado o sábado inteiro. O hospital só me liberou no domingo de manhã. Fui ao clube, onde estava sendo disputado o torneio, para me explicar e me desculpar, além, é claro, de receber o dinheiro pela minha participação. Os organizadores não queriam pagar a premiação por eu ter faltado na semifinal. Fiz eles ligarem para o hospital, que confirmou a enfermidade e a internação. Só então é que o torneio fez o meu pagamento. Foi uma verdadeira novela...

Alteração de sexo. Escândalo e polêmica.

Da França segui para Israel e conheci uma pessoa que causaria uma grande polêmica para o tênis e para o esporte em todo o mundo nos anos 70. Foi o fato mais inusitado que já presenciei em toda a minha vida esportiva.



Um tenista que conheci homem e que veio, mais tarde, jogar no Brasil como mulher. Isso mesmo! Em Israel, durante um torneio internacional, em 1972, esse jogador inclusive venceu meu parceiro de viagens, Flávio Arenzon. Quatro anos depois, esse mesmo tenista jogou, usando um vestidinho, uma competição no ginásio do Ibirapuera, em São Paulo.

Se hoje isso ainda soa meio estranho, imagine qual não foi a repercussão em 1977!

O doutor Richard Raskind, um conceituado oftalmologista, virou Renneé Richards após cirurgia. Através de documentos, essa pessoa conseguiu na Suprema Corte Norte-americana permissão para disputar o circuito feminino de tênis. O fato era raro para a sociedade e ganhou ainda mais projeção devido ao personagem ser alguém de uma atividade pública, como a prática do esporte de alto rendimento.

Quando eu o conheci, em 1972, eu tinha 20 anos.

O assunto foi muito polêmico – como não deveria ser diferente. Os Estados Unidos permitiram a sua inclusão em torneios femininos, mas teve países que não aceitaram aquela condição, como a Itália, que impediu sua presença em torneios de mulheres. Ela é a única pessoa, em toda a história do tênis de alto nível, a disputar as chaves masculina e feminina de um Grand Slam. Em 1960, competiu no US Open entre os homens e, em 1977, voltou a disputar a competição entre as mulheres. Em ambas as oportunidades, ela perdeu na primeira rodada. Em sua investida no circuito feminino, não obteve resultados expressivos. Mas, mesmo assim, marcou época.

Reneé tinha 42 anos quando fez a opção pela mudança de sexo. Foi treinadora de Martina Navratilova nos anos 80 e tem essa fase da sua vida registrada no filme “Jogo Perigoso” (Second Serve), estrelado por Vanessa Redgrave.

* * * * *



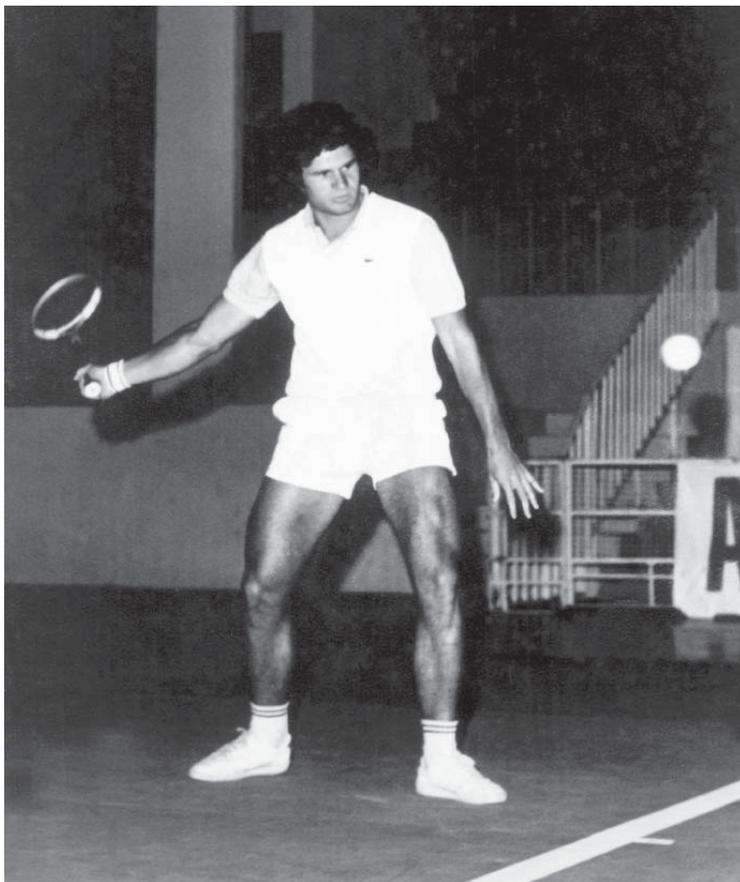
CAPÍTULO IV

Mudança de planos e vitória contra o preconceito

De volta para casa, começou uma nova fase na minha vida. Eu estava com 20 anos. A viagem para a Europa foi importante para eu observar que a profissão de professor de tênis no exterior era extremamente interessante. Rendia um bom dinheiro, dava reconhecimento e status. No Brasil, essa ainda não era uma profissão reconhecida. Quem exercia essa função eram os rebatedores e pegadores de bola.

Eu estava diante de um dilema: ou ia para a faculdade ou então me arriscava nessa profissão de professor de tênis. Era a única maneira de conciliar a carteira da escola com as quadras de tênis. Para a época, era inconcebível interromper os estudos para jogar tênis. A faculdade era o caminho natural para qualquer pessoa de classe média.

Outra opção que existia era aproveitar a bolsa de estudo para defender uma faculdade norte-americana. Foi a alternativa escolhida por Rasgado, Kirmayr, Goffi, Ricardo Bernd, Alcides Procópio Jr., além de muitos outros.



Marcelo Meyer durante um torneio da ATP no Tijuca Tênis Clube, no Rio de Janeiro

Fiz alguns contatos e consegui uma bolsa de estudo na Louisiana State University.

Estava tudo acertado...

Naquela época eu fazia um treinamento com o Airton Cunha, que era jogador da equipe brasileira da Copa Davis em companhia de Thomaz Koch, Edison Mandarino e Ivo Ribeiro. Airton trabalhava no banco dirigido pelo também tenista Jairo Loureiro. Ele era obrigado a cumprir sua jornada de trabalho, antes de ir para as quadras se preparar para a competição. Eu era uma das



poucas pessoas com quem o Aírton podia treinar em São Paulo. Koch e Mandarino eram do Rio Grande do Sul e o Ivo Ribeiro, do Paraná. Restavam poucas alternativas para a sua preparação.

Na manhã da véspera do dia de meu embarque para os Estados Unidos, fui para o treinamento com o Aírton. Era bem cedinho, 6h30 da manhã, para dar tempo que ele deixasse a quadra e fosse para o banco. Havia chovido bastante na noite anterior e a quadra estava bastante pesada. Eu estava com o corpo ainda frio e me estiquei todo para salvar uma bola. Resultado: rompi todos os ligamentos do tornozelo direito.

Eu não acreditava... Como aquilo poderia estar acontecendo comigo?

Não teve outro jeito. Perdi a oportunidade de estudar e jogar nos Estados Unidos. Telefonei para o técnico Bob Hope, expliquei e ele me deu a esperança de embarcar seis meses depois.

Desencanei dos Estados Unidos... Foi um balde de água fria nos meus planos! Fiquei dois meses sem poder jogar. Quarenta dias de gesso, mais 20 dias de fisioterapia. Foi então que precisei tomar uma decisão para não deixar de jogar tênis. Teria de fazer uma faculdade no Brasil e para não depender de mesada de meu pai, com 20 anos de idade, precisaria ganhar dinheiro. A alternativa mais viável, pelo meu relacionamento, era dar aula de tênis no clube A Hebraica durante o dia e estudar à noite.

Algumas pessoas de classe média também estavam iniciando nessa profissão, casualmente, lá mesmo no A Hebraica. O Paulo Ferreira e seu irmão, Marco Ferreira, e o saudoso Yerwant Kassabian eram alguns exemplos.

O diretor de tênis do A Hebraica, na época, que era um dos melhores amigos de meus pais, foi radicalmente contra essa minha decisão. Ele não admitia me aceitar, como sócio do clube, com o currículo tenístico que eu tinha e, principalmente, sendo filho de amigos dele, vir a ser um professor de tênis.



Resumindo: discriminação. Professor de tênis ainda era encarado como profissão para rebatedor, para pegador de bola, não era função para quem sonhava com um futuro promissor. Foram brigas homéricas com relação ao assunto. Mas meus pais estiveram 100% ao meu lado.

O presidente do clube era o Marcos Arbaitman, que gostava de tênis, sempre me ajudava e assistia aos meus jogos. Ele determinou ao diretor de tênis que eu seria professor no clube. Eu ganhei a oportunidade e, conseqüentemente, a amizade de meus pais com o tal diretor terminou ali.

Foi uma revolução no clube. As pessoas tinham a oportunidade de fazer aulas com um professor do mesmo nível social, com uma bagagem internacional de torneios e classificado entre os melhores jogadores do país. Por tudo isso, eu podia cobrar um preço diferenciado. Eu, Eugênio Lobato, Yerwant Kassabian, Roberto Marcher, Otávio Piva e Paulo Cleto fizemos a revolução na classe chamada professor de tênis no Brasil. Nós rompemos um preconceito.

Assim foi meu começo como professor de tênis. Eu dava aulas de manhã no clube, na hora do almoço eu dava aulas numa casa familiar, treinava à tarde e jogava os poucos torneios que existiam à noite. Fiz isso por quase dois anos, até meus 21 anos. Eu guardava dinheiro e ainda aproveitava os meses de junho e julho para disputar torneios no verão europeu. Esse era o processo para ganhar dinheiro, treinar, fazer faculdade e competir.

Da minha fase inicial como professor, José Mauro Wasserfirer foi um dos alunos que começou comigo e ganhou projeção. Ele acabou se transformando, mais tarde, num dos melhores juvenis brasileiros ao lado de Fernando Roese, José Amin Daher e Carlos Chabalgoity, o Chapecó.

Conheci a Sonia em 1971. Ela era sócia do A Hebraica, tinha 16 anos e eu 19, quando começamos a namorar. Três anos depois nos casamos. A Tatiana nasceu em outubro de 1974.



Eu sonhava com o tênis competitivo, onde eu provavelmente teria condições de vir a obter resultados no circuito profissional da ATP, que estava começando a ser montado e planejado com boas premiações em dinheiro. A geração de Thomaz Koch, Carlos Alberto Kirmayr, João Soares, Roger Guedes, Lelezinho Fernandes, Fernando Gentil, Luís Felipe Tavares, da qual eu pertencia, pôde desfrutar do início da fase organizada do tênis mundial. Eu estava nesse mesmo nível tenístico, mas sabia que com a união e filho, teria de desistir de vez daquele sonho...

Era hora de pensar na família, no futuro e tive de tomar nova decisão. Estava certo de que esse era o foco onde eu ia colocar 100% da minha energia e das minhas atenções.

Eu estava no segundo ano de faculdade de Administração de Empresas, na Dom Pedro II, comprada depois pela São Judas, na Mooca. Eu me transferei para a Paulo Eiró, em Santo Amaro, onde concluí o curso. Escolhi Administração de Empresas em primeiro lugar, porque, na época, não era 100% seguro que eu iria sobreviver para o resto da minha vida do tênis. Não sabia até onde aquele esporte poderia me levar. Em segundo lugar, porque, o curso de Administração de Empresas poderia me ser útil no futuro.

Como o tênis estava mesmo no meu sangue e comecei a perceber que poderia transformar aquele esporte em negócio, era muito mais adequado eu fazer uma faculdade de Administração de Empresas do que a de Educação Física. Vislumbrei possibilidades de academia, promoções e eventos. Mas tudo ainda era abstrato na minha cabeça.

Com o casamento, fomos morar na rua Texas, no Brooklin, zona sul de São Paulo. Era um sobradinho pequeno, alugado. Foi muito importante a ajuda que recebemos dos pais da Sonia, que pagavam o nosso aluguel. Para economizarmos, jantávamos três ou quatro vezes por semana na casa dos meus



pais, que moram até hoje na região de Santo Amaro. Tudo o que ganhávamos, guardávamos. A vantagem era que a Sonia sempre foi uma pessoa mais econômica do que eu. Foi um “treinamento especial” para a minha futura vida empresarial.

Depois de algum tempo, constatei que alguns desses meus colegas que não conseguiram sucesso no circuito de tênis ficaram em larga desvantagem em relação à minha situação profissional. Outra vantagem foi a maturidade que ganhei com a nova vida. Esse foi o grande lado positivo que aconteceu para mim ao seguir um outro caminho diferente daquele que imaginei como jogador. Talvez até pudesse ter me transformado no 50º melhor tenista do mundo, mas e daí? Tudo o que construí em função do casamento, que ocorreu de uma forma não-planejada, foi o melhor que poderia ter acontecido.

* * * * *



CAPÍTULO V

Parceria com Paulo Cleto. Pioneirismo e novos rumos.

Ainda no primeiro ano do casamento, eu jogava as quartas-de-final de um torneio profissional no Clube Atlético Juventus contra o Gabriel Mattos. Logo após o encerramento do meu jogo, eu assistia à outra partida, quando aparece o Paulo Cleto. Ele era totalmente excêntrico. Era fotógrafo profissional, formado nos Estados Unidos, tinha jogado por uma universidade norte-americana, estava retornando ao Brasil depois de cinco anos e, naquela tarde, ele veio conversar comigo sobre a minha opinião de construirmos em sociedade uma quadra de tênis em São Paulo.

O Cleto me falou que seu pai, senhor Édson, tinha um terreno de 800 metros quadrados na rua Brejo Alegre, que ficava a 50 metros da casa onde eu morava, no Brooklin.

Eu dava aulas no A Hebraica e já havia aumentado bastante a carga horária em casas familiares.

Com o surgimento da ATP, o tênis estava começando o seu “boom”.



Bjorn Borg e Jimmy Connors eram as estrelas do circuito, que ganhava espaço na mídia e no gosto do povo. Só se falava em tênis e as pessoas não tinham onde jogar em São Paulo. Ou ficava-se sócio de um clube (e na época era restrito a meia dúzia de bons clubes) ou não existia outro lugar.

Foi então que decidimos criar a Tênis Arte, a primeira quadra particular para aulas de tênis em nosso país. O nome Tênis Arte foi dado por Paulo Cleto. O esporte estava sofrendo mudanças em seu estilo, com a força dos golpes de Bjorn Borg. Como nós éramos de uma fase na qual o tênis era mais arte do que força, o nome sugerido pelo Paulo caiu como uma luva e foi aceito sem nenhuma restrição.

Construída no início de 1975, Tênis Arte era uma quadra de saibro, com uma sede de 50 metros quadrados e dois banheirinhos. A Sonia era a secretária na parte da manhã e Tereza Cleto, irmã do Paulo, no período da tarde.

Eu dava aula das 7 às 15 horas e o Paulo ia das 15 às 22 horas. Além das minhas aulas, recebia ainda um percentual sobre as locações. Sem dinheiro, eu e o Paulo pintamos a academia inteira, todos os muros, toda a sede, partes interna e externa. Éramos nós mesmos quem fazíamos a manutenção das quadras. Os pegadores de bola eram os sobrinhos do Paulo.

O meu horário, das 7 às 15 horas, foi preenchido em um dia com meus alunos do A Hebraica. O Paulo, pela amizade que tinha e pela força do nome Cleto, da irmã Vera, campeã brasileira de tênis, também conseguiu outro número enorme de alunos. O status, na época, era saber jogar tênis. Nós éramos de um bom nível social, com conhecimento de tênis e com uma quadra particular. Resultado: ganhamos dinheiro.

Uma quadra era pouco e as filas de espera, gigantescas. E não existiam aulas em grupo; somente individuais. Quando um aluno desistia ou precisava sair de férias, eu fazia leilão para o seu lugar. Alguns que precisavam parar



temporariamente deixavam o período pago com antecedência, para não perderem seu lugar.

Foram dois anos de parceria e de um relacionamento muito bom. Almoçávamos, jantávamos e passávamos juntos os finais de semana.

Logo depois, outras quadras surgiram em São Paulo. A Hobby Sports, de propriedade do Eduardo Arruda Botelho com outros sócios, e a Play Tennis, do Eduardo Azevedo, nasceram em seguida. A Koch Tavares criou uma academia, que era comandada pelo Yerwant Kassabian. A partir dali, houve uma proliferação de quadras de tênis por toda a Capital paulista.

No final de 1976, surgiu a oportunidade de o Paulo Cleto treinar o Carlos Alberto Kimayr, que estava concluindo a faculdade nos Estados Unidos. O Paulo conseguiu um patrocinador (a empresa Guatapará), que fez proposta de bancar todos os gastos que teriam. Diante disso, o Paulo resolveu deixar sua parte na Tênis Arte para seu pai, um corretor de seguros que estava se aposentando e que também gostava de tênis.

Resolvemos, então, desfazer a sociedade. Do mesmo jeito que começou bem, a sociedade também acabou muito bem. Até hoje, eu e o Paulo temos um bom relacionamento. Vendi a minha parte e fui para a rua Guaraiúva, no bairro do Brooklin, onde aluguei um terreno e construí, no início de 1978, a minha primeira quadra, a Meyer Tênis. Meyer Tênis, com a palavra tênis em português, e um elefantinho como logomarca, como símbolo.

Quando a Meyer Tênis começou a ser montada, estavam chegando ao Brasil as primeiras quadras de tênis fast – aquela de piso duro, de pedrinha, com ótima sucção de água e que dispensava manutenção. Fizemos, então, uma quadra com esse tipo de piso, moderno, e novidade no país. O terreno era de 800 metros quadrados, na rua Guaraiúva, esquina com a rua Texas, pertinho da avenida Bandeirantes e da Hípica Paulista.



Pára-quedista em obras, fui enrolado pela construtora. O que deveria ser concluído em três meses, durou seis. Gastaria “x”; acabei pagando “x” mais “y”. Eu teria de pagar aquela dívida, manter minha família e não estava mais dando aulas.

A quadra ficou pronta antes da sede e comecei a dar aula com a academia semi-pronta. Para economizar tinta e ser mais ágil, decidi pintar o muro com o compressor, ao invés de utilizar o rolo. O vento estava forte e acabou levando aquela tinta verde para a roupa que estava no varal de uma casa vizinha. Estava cheio de contas para pagar, naquele estresse para deixar tudo pronto, e a vizinha aparece com um Boletim de Ocorrência para receber o prejuízo. Queria tudo novo.

Na época, existia uma grande lavanderia em São Paulo, a Lavita. Era de propriedade de um dos amigos de meus pais. Ele conseguiu deixar toda a roupa novinha em folha, devolvi para a vizinha. Um peso a menos no meu orçamento.

Comecei, então, a operar a primeira Meyer Tênis, no começo de 1978. Era a “febre” do tênis no Brasil. Dava desespero ter aquela multidão querendo jogar ou aprender e não conseguir atender todo mundo por falta de espaço. Uma quadra apenas era insuficiente para atender todo mundo.

Eu dava aula, ainda treinava no fim da tarde, fazia faculdade à noite. Uma correria total para cuidar da minha vida e saldar todos os compromissos financeiros.

Nesse período, a Hobby Sports abriu uma nova unidade na avenida Santo Amaro. Os donos da academia, o Eduardo Arruda Botelho e seu irmão, promoveram um dos maiores torneios profissionais com prêmio em dinheiro no Brasil. Com exceção de Koch, Mandarinino e Kirmayr, os



melhores tenistas do país – entre eles, Cássio Motta, Lelezinho Fernandes, Fernando Gentil, Júlio Góes – inscreveram-se para disputar a 1ª Copa Hobby. Era uma chave de 32 jogadores, de acordo com o ranking nacional.

Essa competição virou uma questão de honra e necessidade para mim. Caso conseguisse um bom resultado, garantiria recursos financeiros para abater minhas contas.

Com toda essa vontade, conquistei o título. Na semifinal, venci o Fernando Gentil, que era um dos jogadores da equipe da Copa Davis. Na decisão, superei o Lelezinho.

O dinheiro da premiação era bom. Consegui pagar todas as dívidas pela construção da quadra e ainda sobrou alguma coisa.

Para melhorar, o prestígio pela conquista ajudou ainda mais a divulgação de meu nome e da Meyer Tênis na mídia. Eram listas e listas de espera para aulas.

Dois anos depois da inauguração da primeira quadra, consegui, com muito esforço, localizar o dono do terreno exatamente em frente à Meyer Tênis. Essa pessoa morava na Alemanha e tinha um procurador em Portugal. Uma imobiliária, através de um de seus corretores, fez o contato e me viabilizou a locação desse espaço. Construí, então, a segunda quadra da Meyer Tênis. Era uma academia modesta: precisava-se usar o vestiário da unidade mais antiga e atravessar a rua para jogar na mais nova. Mas já era um ótimo começo para diminuir bastante aquelas enormes listas de espera.

A minha rotina seguia a mesma... Aulas, treinamentos, faculdade e algumas competições, como Copa Itaú e Circuito Vat 69. Ainda em 1978, voltei a vencer o Lelezinho na final do Aberto de Santos, que por muitos



anos foi o mais importante torneio profissional do país. Além de reunir os destaques brasileiros, teve também participação de jogadores estrangeiros de renome, como Guillermo Vilas e Ricardo Cano.

Um professor de tênis, que enfrentava e superava em eventos oficiais tenistas do circuito profissional, ganhava muito prestígio.

* * * * *



CAPÍTULO VI

Criação de novos negócios dentro da profissão

Uma receita paralela que rendeu algum dinheiro foi uma inovação para os tenistas brasileiros. Em 1977 e 1978, chegaram ao país as primeiras máquinas de encordoamento de raquete. Até então, isso era feito artesanalmente. Comprei do Mário Peres, que foi o primeiro técnico do Kirmayr. Ele foi um dos pioneiros no Brasil a importar esse tipo de equipamento, tinha experiência, sempre encordoou muito bem as raquetes e fazia esse trabalho para os melhores jogadores brasileiros.

Desde que nos conhecemos, a Sonia sempre foi quem cuidou da parte administrativa das quadras. Com a aquisição da máquina de encordoamento de raquetes, essa passou a ser uma nova função para ela, que aprendeu o serviço com o Mário Peres. O equipamento custava caro, a corda tinha um preço bem “salgado” e o serviço de encordoamento, evidentemente, não ficava barato.

Existia uma alternativa para que a Sonia ganhasse uma boa rotatividade da clientela. Para quebrar mais rápido a corda dos alunos e



aumentar nosso faturamento, eu usava minha melhor arma, que era o saque, disparava uns “torpedos” e logicamente que após um certo tempo as cordas das raquetes não suportavam.

Essas eram as origens do meu faturamento financeiro: as receitas das aulas e locações, dos torneios que eu ainda disputava, da cachorrada e do encordoamento.

Agenciador de cães

Outra paixão, além do tênis, são os cães. Por muito tempo, eu e a Sonia criamos cães da raça dálmata. Ganhei uma dálmata de um amigo veterinário. Levei-a numa exposição, comecei a gostar, passei a me interessar... Ela morreu. Já tinha certo domínio sobre o tema, conhecia os melhores criadores, comprei outros e sem querer estava me envolvendo tão fortemente que me transformei num negociador de cães. Não investi muito e tive uma boa receita extra.

Tivemos alguns dos campeões brasileiros pelo Kennel Club Paulista e, conseqüentemente, como tínhamos um macho que era um dos melhores dálmatas do Brasil todo mundo queria levar suas fêmeas para cruzamento. De cada ninhada, eu ganhava um ou dois filhotes. Vendia cada um por valores em torno de trezentos dólares. Aquilo era mais uma fonte de renda. Já fui até agenciador de cachorros, como diziam os amigos.

* * * * *



CAPÍTULO VII

Clínicas de tênis. Com expulsão de um campeão.

Em 1979, comecei a desenvolver algo inédito no Brasil. Ainda enquanto jogava, durante as minhas viagens para os Estados Unidos e Europa, eu observava as clínicas de tênis. O que eram as clínicas de tênis? Essa denominação ficou marcada e até hoje para qualquer coisa relacionada à aula de tênis. Mas na essência era você se clinicar tenisticamente. Do mesmo jeito que você vai a um spa para perder peso, as pessoas buscavam as clínicas de tênis, que eram feitas em grandes resorts, com toda a infraestrutura, para fazer um intensivo de treinamento ou aprendizado da modalidade. Eu e o Kirmayr fomos os pioneiros na realização desse tipo de programa no Brasil.

O Hotel Fazenda Duas Marias, em Jaguariúna, abrigou, em 1979, a primeira edição desse conceito em São Paulo. Já são 25 anos ininterruptos realizando esse programa, reunindo tenistas de todas as partes do país e até do exterior, em localidades como Jaguariúna, Águas de São Pedro, Monte Sião,



Marcelo Meyer e Fernando Meligeni durante clínica de tênis em Costa do Sauípe, na Bahia, em 2004

Embu das Artes, Campinas, Guarujá, Itu, Cotia, Hotel Transamérica Comandatuba, Costa do Sauípe e até em Orange Lake, na Flórida (EUA).

Essas clínicas são feitas em períodos de férias. A idéia é manter o aluno totalmente focado no programa. Longe da família, longe da escola ou do trabalho, num trabalho intensivo, você consegue um aproveitamento muito superior do que num dia normal de treinamento. São duas horas de treinos em quadra na parte da manhã, duas horas de treino em quadra à tarde, atividades físicas, prática de outras modalidades esportivas, palestras, gincanas, torneio interno, estudo teórico e demonstração em vídeo e pela internet.

Um caso curioso ocorreu numa das clínicas que fiz com o Wilton Carvalho, o Batata, em Monte Sião, em 1979. O Pedro Braga, mineiro que hoje é um dos melhores tenistas profissionais do Brasil, era um garoto de 12 ou 13 anos, bastante sapeca. Gente boa, família ótima, mas o Pedro gostava de arte. Em



determinado dia da clínica, no bar da piscina, havia uma cascata que jorrava água na piscina. Era um lugar perigoso, onde passava rede elétrica. O Pedro subiu nesse local para dar um mergulho. Para sua infelicidade, o dono do hotel flagrou esse momento, veio nos dizer que não admitia aquilo e que queria providências. Explicou que a criança poderia ter sofrido um choque de alta voltagem e que a responsabilidade seria dele. O dono do hotel só não soube nos apontar quem havia feito aquilo, entre os 70 jovens que participavam da clínica.

Reuníamos sempre a garotada após o jantar, para uma gincana, para descontrair depois de um dia de muito trabalho. O Wilton Carvalho, bem esperto, disse que um participante havia tido um ato corajoso e era merecedor de um prêmio por ter conseguido saltar de um lugar muito alto para



Uma das clínicas "Tennis in USA for Juniors", organizadas por Marcelo Meyer, Carlos Goffi, Wilton Carvalho e Otávio Piva, em Orange Lake, na Flórida



dentro da piscina. Rasgou elogios e disse que aquela pessoa deveria ser um grande nadador. O Pedro Braga nem esperou o Wilton terminar e já foi se vangloriando. Duas horas depois ele estava na rodoviária de Monte Sião, pegando o ônibus e retornando para casa, em Belo Horizonte.

Esse menino, que fez a clínica e aprontou, acabou vingando e se projetando para o circuito profissional. Fernando Meligeni, Marcelo Saliola, Odair



*Ricardo Leite,
Marcelo Meyer,
Carlos Goffi e
Thomaz Koch
durante o Nike
Tennis Camp*

Santos, William Kyriakos, Marcelo Cesana, Andréa Vieira, Rodrigo Monte, Cristiano Testa, Bruna Colosio e Paulo Taicher são alguns dos jogadores que participaram desse programa especial de treinamento.

Ainda dentro do conceito de clínicas, juntamente com Koch, Goffi e Otávio Piva realizamos o Nike International Tennis Camps, em 1991, quando selecionávamos os melhores infanto-juvenis do Brasil para passar cinco dias no Hotel Rancho Silvestre, no Embu das Artes (SP). Era uma autêntica imersão do que é um treinamento, atitude e experiência de circuito profissional.



Tudo isso foi muito importante para a manutenção do nosso espírito jovem.

O sucesso das clínicas no Brasil fez nosso projeto atravessar fronteiras. Em parceria com o Batata e o Carlos Goffi passamos a montar grupos de 60 infanto-juvenis para treinar em Orange Lake, na Flórida (EUA), a partir de 1986. Fazíamos o projeto em parceria com a Stella Barros Turismo. Mudei, mais tarde, o perfil e passei a levar 20 jogadores com a missão de treinar durante a semana e competir em torneios da Federação Norte-americana de Tênis aos sábados e domingos.

Episódios bem engraçados aconteceram, assim como o de Pedro Braga. Nos Estados Unidos, dois dos nossos meninos, de brincadeira, afanaram lápis e borracha dentro de uma loja no parque da Disney. Um guarda levou-me para uma sala e mostrou que uma câmera havia gravado tudo. Foi uma confusão geral... Odair do Santos riscou com a chave toda a parede do hotel, também gravado em vídeo. Queriam expulsá-lo. Outra vez, no hotel, um dos meninos quebrou o extintor de incêndio e em cinco minutos o local estava cercado por 10 carros do Corpo de Bombeiros, com polícia, delegado... E lá vai Marcelo Meyer, com Wilton Carvalho e Otávio Piva, os responsáveis, resolver o problema, assinar boletim de ocorrência, pagar multas...

Futebol brasileiro ajuda tenista profissional norte-americano

Era bem difícil os jogadores juvenis brasileiros terem contato com um tenista profissional estrangeiro. Em duas clínicas, nos Estados Unidos, dois tenistas famosos estiveram conosco. Jay Berger, então número 10 do ranking mundial, e Patrick McEnroe, que esteve entre os 30 melhores do mundo.



Patrick sempre teve mão excelente e pés muito ruins. Ele sabia que uma das melhores coisas para melhorar sua movimentação era jogar futebol. Quando chegávamos por lá, o Patrick ficava alucinado e sempre pedia para terminar o treino de tênis um pouco mais cedo para jogar futebol. A genialidade que faltava aos brasileiros no tênis era compensada na hora do futebol: com todo seu talento, eles aprontavam com muita habilidade nas jogadas contra o Patrick.

O Jay Berger, apesar de figurar entre os top 10 e de ter faturado a fortuna de US\$ 1 milhão obtida apenas em premiações oficiais, estava em processo final de carreira profissional. A mulher dele é quem servia as refeições e recolhia os pratos para a nossa garotada. Isso para aquela criança endinheirada era o maior exemplo de simplicidade.

É uma lição que sempre fez parte do meu dia a dia e é a minha filosofia. O tênis é a melhor escola para o desenvolvimento pessoal de um ser humano. Ele ensina a disciplina, organização, humildade, relacionamento, ganhar e perder. Cria oportunidades para a vida que muitos diplomas não te oferecem. Existem muitos alunos que, através do tênis, conquistaram posições mais rápidas dentro de empresas ou no mundo de negócios.

Há muitos pais que me procuram e pedem para que eu transforme seus filhos em um Guga ou um Meligeni. A resposta imediata que dou é que não existe fórmula para se fazer um campeão de tênis. É tudo muito complexo, tudo muito subjetivo, são vários fatores. Se você quer fazer com que a criança seja no futuro um advogado, um médico, um engenheiro ou um dentista, é possível atingir essa meta. Fazer com que ela se transforme em tenista profissional é uma coisa bem difícil. Já assistimos muita gente com um grande potencial que não deu em nada e tantos jogadores sem muitas qualidades que conseguiram êxito.



Aos pais com esses objetivos, o que faço é tentar convencê-los de que estão no caminho errado. É o mesmo que chegar à Cultura Inglesa com seu filho e pedir ao dono da escola que o transforme não em alguém que vá falar a língua inglesa, mas em um novo William Shakespeare.

No geral, um grande tenista é a união de uma boa genética, talento, disciplina, estrutura familiar, bom treinamento e que nada de extraordinário aconteça durante 15 anos, período que se leva para a formação de um jogador. A formação vai dos 8, 9 anos até os 22, 23 anos. Essa é a realidade e a história do tênis brasileiro, pegando exemplos de Luiz Mattar, Jaime Oncins, Cássio Motta, Fernando Meligeni... Há os gênios, que “explodem” antes, como o Guga, o Koch. Mas eles são exceções, são precoces, são gênios do tênis.

Aprendi e passo a outros pais o meu próprio exemplo como jogador infantil. Quando eu ganhava um jogo difícil, ou um título importante, eu era o herói e ia jantar com minha família num bom restaurante. Quando perdia, era um mau-humor insuportável e o silêncio era total da quadra do clube para o carro de meu pai e em todo o caminho para minha casa até entrar em meu quarto. Ninguém lembrava de mim nem para me dar um pão com mortadela. O clima ficava bem pesado.

Hoje eu vejo essa situação ainda mais clara nas famílias. Na verdade, essa situação é até mais contundente devido ao fato de o tênis infanto-juvenil, na atualidade, envolver muito mais questões do que na minha época. Hoje existem rankings, patrocínios, entrevistas, jogos mostrados nas TVs... Os juvenis têm compromissos similares ao de profissionais.

A pressão é muito grande e na verdade a ordem dos fatores deveria ser invertida. Quando se alcança uma vitória, a atenção deveria ser menor do que nas situações de derrotas. É o momento em que o jogador precisa de



suporte para, no dia seguinte, ter disposição e ânimo para entrar na quadra, corrigir os erros, buscar o melhor.

O tênis, brasileiro e mundial tem um vasto histórico de maus tratos entre pais e filhos devido a performances dentro das quadras.

Carlos Goffi

Conheci o Marcelo Meyer ainda na infância. Tínhamos 9 ou 10 anos. Eu jogava no Tênis Clube Paulista ele no Esporte Clube Pinheiros. Fomos adversários, parceiros, viajamos juntos e crescemos juntos.

Em 1970, disputei o Orange Bowl, na Flórida, onde fui convidado por uma universidade no Texas para estudar e jogar tênis com uma bolsa de estudos completa. Indiquei o Meyer ao meu treinador e estava tudo certo para ele entrar na universidade, mas ele acabou sofrendo uma contusão e permaneceu em São Paulo. Em 1974, visitei o Brasil, encontramos-nos e traçamos alguns projetos.

No fim da década de 70, a Nike ainda era desconhecida. Patrocinava o John McEnroe com apenas um modelo de tênis. Na caminhada de John à condição de superestrela nos anos 80, a empresa me pediu para criar algo que vinculasse o sucesso de John ao esporte e a imagem da marca perante os tenistas juvenis. Como diretor de promoções tenísticas da Nike, além de vários outros projetos, realizei o Nike Tennis Camps and Workshops. Esse projeto foi desenvolvido inicialmente em 17 cidades norte-



americanas e tinha como objetivo, além de oferecer oportunidades de crescimento aos selecionados jogadores juvenis e seus técnicos dentro do esporte, difundir a marca esportiva entre o público jovem com a presença do Mac.

Paralelamente, Marcelo e eu fizemos uma “ponte” Brasil-EUA com o programa que chamamos apropriadamente “Tennis Brazil-USA”, um intercâmbio promovido pela Meyer Tennis onde se formava um grupo de juvenis brasileiros para uma temporada de treinamento em Orlando, na Flórida.

Quando a Nike abriu escritórios na América Latina no início dos anos 90 e me apontaram como diretor de promoções tênicas para a região, logicamente, meu primeiro contato foi o Marcelo Meyer. Imediatamente, chamamos nosso amigo Thomaz Koch, pelo qual temos muito respeito, para liderar o projeto. Também contamos com a presença de um outro amigo de infância, Otávio Piva, para nos ajudar a adaptar o conceito às condições brasileiras e latino americanas. Juntos, lançamos o Nike International Tennis Camps, que foi uma excelente contribuição para tenistas juvenis acompanhados por seus respectivos treinadores. Após esse sucesso no Brasil, expandimos o conceito a vários outros países na América Latina.

O meu relacionamento profissional com o Meyer não aconteceu somente em função da nossa amizade desde a infância ou da amizade entre nossas famílias. Temos muita proximidade na maneira de pensar e na forma de transmitir nossos conhecimentos. Pude perceber isso pela primeira vez no início da década de 80, quando fomos técnicos da seleção brasileira de



tênis, compostas pelos jogadores Fernando Roese e o Nelson Aerts, para a disputa do Banana Bowl, no Esporte Clube Pinheiros. Em nossa filosofia de treinamento, não é suficiente ver um jogador ter uma boa direita, uma boa esquerda ou um bom saque, mas sim priorizar sua preparação mental e emocional para este poder competir efetivamente na quadra.

Essa semelhança de estilos de treinamento não foi somente detectada no trabalho com juvenis, mas também tivemos a oportunidade de compartilhar nossas experiências no circuito profissional. Quando eu treinei o Patrick McEnroe e o Meyer acompanhou o Fernando Meligeni, sempre nos encontrávamos e trocávamos idéias durante os torneios.

Admiro o Meyer pela habilidade, competência e visão que tem para ensinar e promover o tênis.

Carlos Goffi foi técnico dos irmãos norte-americanos Patrick e John McEnroe e de Peter Fleming. Autor do livro Tournament Tough, com John McEnroe, um best seller publicado em 1984 em 12 países. Pai de Josh Goffi, jogador do Brasil na Copa Davis.



Marcelo Meyer, Thomaz Koch, Denis Meyer, Carlos Goffi e Otávio Piva

* * * * *



CAPÍTULO VIII

O difícil relacionamento entre técnico e jogador

O Paulo Cleto foi o primeiro técnico de tênis no Brasil, ao acompanhar o Kirmayr. Ele foi o primeiro em nosso país e um dos pioneiros no mundo na função. Não existia esse cargo. O primeiro a viajar com seu técnico foi o Ion Tiriac, que acompanhou Ilie Nastase, Guillermo Vilas e Boris Becker. Tiriac criou o personagem de treinador profissional de tênis no início da década de 70.

Minha primeira experiência como técnico aconteceu em 1979, quando passei a acompanhar o Paschoal Penetta. Pela primeira vez se viu um técnico profissional com um juvenil de 16 anos de idade durante a realização do Campeonato Brasileiro, no Rio de Janeiro. A badalação foi forte... Eu e o Penetta também tivemos a companhia do Goffi. Eu falava muito bem do Penetta e o Goffi queria vê-lo jogar, afinal, tínhamos a conexão Brasil-Estados Unidos para facilitar a vida do menino.

O Penetta era o nome da vez, a grande promessa. O Cleto tinha o Kirmayr e a empresa Guatapará como patrocinadora. A Guatapará queria na equipe o melhor juvenil, que era o Penetta. Em nome da empresa, o Paulo fez uma



*Marcelo Meyer e
Paschoal Penetta no
Hotel Rancho Silvestre
– Embu, SP*

proposta ao Penetta e a seu pai, que era o oferecimento de todas as condições técnicas e financeiras para jogar os torneios mais importantes. Pouco tempo depois, acabou a Guatapará... O Penetta caiu em um buraco sem fundo e nunca mais voltou a jogar a mesma coisa. Perdemos, assim, um dos gênios do tênis nacional.

O que desestimula muitos treinadores de tênis é o fato de você iniciar um trabalho com a criança, quando ela tem 10, 12 anos, fazer toda a base por seis, sete temporadas, e quando essa pessoa está na transição para o profissionalismo acaba deixando você de lado, porque o aspecto financeiro geralmente se torna prioritário nas decisões que o tenista precisa tomar neste estágio. O custo das viagens internacionais para dar o início nos torneios do circuito profissional é muito elevado. Você, que ralou o tempo todo, é esquecido.

O trabalho que o técnico de tênis tem no desenvolvimento de um jogador é complicado devido a situações como essas.



A parceria Larri Passos-Guga é exceção.

Em partes, compreende-se porque o técnico prefere não se engajar num projeto de longo prazo, como esse. Expor oito, nove, dez anos da sua vida na formação de um tenista pode acabar com um triste fim. Quando está na transição, o jogador pode receber uma proposta e deixar quem esteve com ele durante toda a base. Isso acontece muito e causa um desestímulo para o técnico.

Um time de futebol pega um garoto de 11 anos, dá lugar para morar, campo para treinar, alimentação, técnico e toda a infra-estrutura para o seu desenvolvimento, investe por seis ou sete anos e o garoto transforma-se em craque. Este craque brilha, briga com o presidente do clube ou com o treinador e se transfere para outro clube, mas aquele clube que bancou toda a sua formação será muito bem remunerado financeiramente pela negociação.

No tênis não existe isso. Quando o tenista vira sensação, ele recebe ótimas propostas e, na maioria dos casos, esquece tudo o que foi feito para que ele chegasse àquela condição e, muitas vezes, deixa seu técnico sem nem ao menos dizer obrigado.

Portanto, nesse trabalho é preciso, antes de qualquer coisa, ter muito amor e ambição pelos resultados. Para quem tem a única pretensão de um retorno financeiro é melhor procurar outro negócio.

P a s c h o a l P e n e t t a

Fui um dos primeiros jogadores a ser treinado pelo Marcelo Meyer. Comecei com ele aos 16 anos e essa experiência teve a duração de duas temporadas. Era a força que eu precisava... Eu não tinha dinheiro e ele apostou no meu potencial.



Ele foi muito humano comigo. Lembro que certa vez estava em Londres, para disputar a chave juvenil do Torneio de Wimbledon, e recebi, através de um amigo, uma carta e um livro enviados pelo Meyer e por sua filha, Tatiana. Isso pode não representar nada para muita gente, mas para mim era algo mais do que especial: era uma prova de que, mesmo estando longe, eles pensavam e apostavam em mim.

O Meyer foi um segundo pai pra mim! (pausa e silêncio: Penetta se emociona e não contém as lágrimas). Eu choro porque me emociono quando lembro de tudo isso. Eu sou o ser humano que sou hoje devido a pessoas como o Meyer, que ajudaram muito na minha formação. Talvez pudesse ser hoje um milionário jogador de tênis, mas, ao mesmo tempo, ser alguém frustrado, amargurado. Dou dez horas de aula por dia, mas me sinto feliz e realizado.

***Número 1 do Brasil nas categorias
infanto-juvenis, dos 12 aos 18 anos.
É professor na Academia
Paulistana de Tênis, em São Paulo.***

* * * * *



CAPÍTULO IX

Odair Santos, planejado para as conquistas

Com a experiência que tive de treinamento com infanto-juvenis e conhecendo o perfil desses jogadores, algumas questões ficaram claras na minha cabeça. Era um contraste que persiste até hoje: o tenista sem dinheiro dificilmente conseguia ser bem sucedido numa carreira de performance, tanto juvenil como profissional. Chegava determinado momento que era necessário dinheiro para viagens, hospedagens, bons equipamentos.

Contraditoriamente, o garoto sem dinheiro era o que mais se esforçava, o que mais lutava. Quem tinha condições financeiras, pela facilidade natural que a vida lhe proporcionava, não tinha tanta determinação.

O que fazer então?

A essa altura, em 1982, o tênis já havia proporcionado muito para mim e toda a minha família. Eu me senti na obrigação de fazer algo pelo tênis. Tive, então, a idéia de selecionar um pegador de bola ou um jovem carente e colocá-lo no tênis. Eu me contentaria ao devolver parte do que o esporte trouxe para a minha vida ao dar a chance para alguém que tinha o perfil



batalhador, porém, sem condições financeiras. Era uma verdadeira ação social, um ideal que, apesar da minha vontade, sabia que seria difícil viabilizar.

Vinha com esse pensamento até o dia em que levei o José Mauro Wasserfirer, que era um dos melhores juvenis do Brasil na época, para treinar no A Hebraica. As duas quadras da Meyer Tênis, no Brooklin, eram rápidas e precisávamos usar o piso de saibro como preparação para o Banana Bowl. Numa tarde, passando por uma das quadras do A Hebraica, vi um garotinho da altura da rede batendo na bola com uma raquete de madeira toda torta, jogando com uma alegria especial. Aquela cena me contagiou. Busquei detalhes. Era uma criança que acompanhava o irmão mais velho, o Amadeu, professor de tênis no clube. Na hora veio na memória meu plano pessoal. Aquele era meu personagem!

A primeira apresentação ficou marcada para dois dias depois em determinado horário na minha academia e... nada do garoto aparecer. Depois de muito tempo, naquele mesmo dia, surge um senhor acompa-



*Marcelo Meyer,
Marcelo Saliola e
Odair Santos
durante torneio
na Martinica*



nhado de uma criança de oito anos, com cara de choro, que havia se perdido na avenida Santo Amaro. Começava ali toda uma história encantadora com Odair dos Santos.

O primeiro passo foi levá-lo ao médico. Conheci, a partir dali, um lado muito bonito do povo brasileiro: todos que conheceram o projeto voltado para o Odair abriram suas portas sem nenhuma restrição e colaboraram com a maior boa vontade do planeta. O pediatra de meus filhos, doutor Vagner Lapati, prontificou-se a ajudar, colocando toda sua clínica à disposição. O Odair tinha dentes defeituosos e foi atendido pelo doutor José Bruhns. Também começou a fazer natação. Uma amiga, a Vera, tinha uma loja de confecção infantil e vestiu o Odair como um autêntico príncipe. Fizemos mecânica, funilaria e pintura e ele virou um zero quilômetro, motor de Ferrari.

Visitei, então, a família do Odair na Vila Flórida, perto do Embu das Artes (SP). Local de difícil acesso, precisei deixar o carro bem longe da casa. Na mesma casa moravam o pai, a mãe e oito irmãos.

Começamos todo um trabalho de desenvolvimento com o Odair. Ele teve respaldo técnico, clínico, psicológico, nutricional, odontológico. O doutor Vitor Matsudo e a psicóloga Regina Brandão, gentilmente, cuidavam dele.

Certa vez, fui buscar minha filha, Tatiana, na festa de aniversário de um amiguinho dela. O pai desse amiguinho, Sérgio Guerreiro, pediu para eu entrar. Conversamos bastante e falei sobre o Odair. Então presidente da Leo Burnett, o Sérgio, um publicitário, disse que sua agência teria um cliente que se interessaria pelo projeto. O cliente era a Alpargatas, através da marca Rainha. Dois dias depois eu estava reunido com toda a diretoria da Alpargatas. Na semana seguinte a diretoria da empresa estava na Meyer Tênis acompanhando aos treinos do crioulinho. Eles se encantaram...



Dos 8 aos 18 anos, o Odair teve tudo o que se possa imaginar. Alimentação para ele e a família inteira, roupa, viagens, as minhas despesas de viagens com ele... Através de um dos diretores de marketing da Rainha, o saudoso Paulo Nalon, fui apresentado ao diretor de marketing das Casas Pernambucanas, que também entrou como patrocinadora no projeto. O Odair ia comigo para todos os lugares, passava a maior parte do tempo mais em minha casa do que na casa dele e se transformou no meu filho colorido.

Aos 9 anos, ele conquistou o título do Campeonato Brasileiro infantil. Aos 10, ele chegou à semifinal do Mundialito, na Venezuela.

O grande adversário dele era um menino que se chamava Marcelo Saliola, um ano e pouco mais velho. Seu treinador era o Sérgio Ferreira, primo do Paulo Ferreira e irmão de um dos meus parceiros de duplas, Carlos Alberto Ferreira, o Botina. Muito precoce e inesperadamente, o Serginho faleceu. Teve uma crise de bronquite fulminante. A partir daí, em concordância com os pais do Saliola, passei a ser seu treinador.

Aquela união entre dois garotos rivais das quadras, na minha cabeça, poderia resultar em dois benefícios. O primeiro era que o Saliola, loirinho, de classe média, ficaria mais “malandro” convivendo com um menino de vila, de periferia. Seria interessante para ele aquela experiência. Mas aconteceu o contrário: o Saliola era o “malandro” e o Odair, o príncipe, daquele que escovava os dentes quatro vezes, usava desodorante, trocava várias vezes de camisa e tomava no mínimo três banhos por dia.

O tênis proporcionou ao Odair oportunidades que poucos têm em nosso país. Aos 10 anos ia para a Venezuela, aos 11 viajava para os Estados Unidos, disputava campeonatos sul-americanos, já era escolado em nível cultural para a vida em função de todas essas atividades. Sempre foi bom aluno na escola e querido por todos. A administração do dia a dia era bem difícil, principalmen-



te para a Sonia, porque tínhamos uma verba dos patrocinadores, inclusive para alimentação. Não podia existir distinção de ter alguém, sob o mesmo teto, tomando iogurte e o outro comendo farinha. Precisávamos fazer compras no supermercado toda semana para termos a garantia de que o Odair se alimentava bem na casa de seus familiares.

O doutor Vagner Lapati revelou um diagnóstico preocupante na primeira consulta do Odair. Disse que ele era uma criança saudável, forte fisicamente, mas que tinha um problema: sem saber como havia sido sua alimentação do zero aos três anos, não podia fazer uma previsão para o seu futuro. O médico revelou que se a alimentação nessa fase não tivesse sido saudável, o desenvolvimento cerebral do Odair poderia estar comprometido e ficar desproporcional ao desenvolvimento físico.

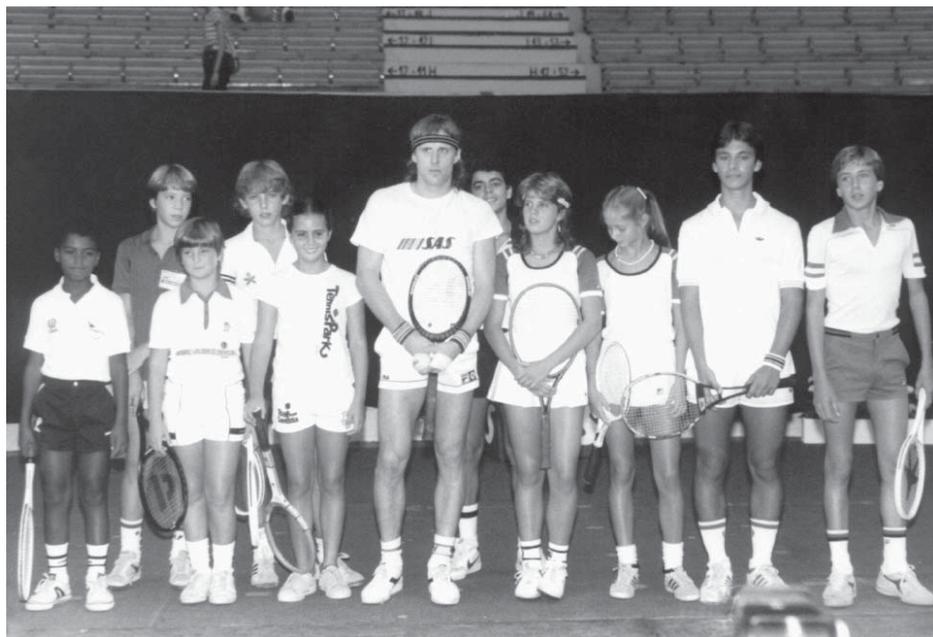
Não deu outra...

Nos meus 30 anos lecionando tênis, treinando jogadores, eu não tive nenhum atleta que mereceu ter o sucesso que o Odair merecia ter. Era desconumal o que ele agüentava treinar e jogar. Mas o diagnóstico que o médico fez no início de tudo foi materializado, quando o Odair chegou aos 17 anos de idade. Ele disputou seus primeiros torneios profissionais, furou alguns qualifings, marcou pontos no ranking mundial da ATP. Era a fase da carreira onde ele precisava de uma agilidade de raciocínio muito apurada, reflexo e leitura dos golpes dos adversários bem aguçados... Isso, lamentavelmente, o Odair não conseguiu desenvolver.

Como percebi que para o tênis profissional ele não teria futuro, comecei a prepará-lo para ser um cidadão saudável e poder viver de toda aquela experiência que viveu dentro das quadras. O Odair é casado, tem um filho, vive em sua casa própria e é braço direito do Ricardo Leite, que trabalhou comigo por dez anos e para meu orgulho coordena já há muitos anos



o Departamento de Tênis do Alphaville Tênis Clube, em São Paulo, um dos principais do país.



Bjorn Borg, com Odair Santos, Marcelo Saliola, Jaime Oncins e Andrea Vieira, entre outros juvenis brasileiros, durante sua visita a São Paulo para uma exibição no Ginásio do Ibirapuera

É por isso que eu digo que o tênis é muito mais que um jogo.

Um menino de periferia, sem recursos, conseguiu, através do esporte, se transformar num cidadão respeitado, pai de família exemplar e bem sucedido profissionalmente. Ele teve a oportunidade de bater bola com alguns dos melhores tenistas do mundo, como Bjorn Borg e Arthur Ashe, entre tantos outros. Em sua experiência com o Borg, no ginásio do Ibirapuera, o Odair foi matéria especial do Jornal Nacional, da Rede Globo. Imagine o orgulho para ele e toda a sua família?



Mestre em trapalhadas

Durante todo o tempo em que estivemos juntos, com o Odair e o Saliola passamos situações muito engraçadas...

Em 1986, ainda existia um mito de que quando você estava muito cansado, sentindo câibras, deveria colocar uma colher de sal na boca. Todo mundo sabia que eu era técnico do menino e eu não podia dar instruções. Em partida válida pela semifinal do Orange Bowl, em Miami, nos Estados Unidos, categoria até 12 anos, ele sentia dores nas pernas no terceiro set contra o argentino Lucas Arnold, que foi vice-campeão naquele ano – o campeão foi o norte-americano Vincent Spadea. Mandei um garoto, o Fernando Signorini ir até à lanchonete buscar um pouco de sal para o Odair. Ele levou o copo cheio de sal para o Odair, avisando que eu havia pedido para ele tomar com água. Na angústia para curar seu problema e sem entender exatamente o que eu queria, o Odair virou o copo inteiro de sal pela sua boca. Foram dois dias inteiros sem sair do banheiro...

Outra situação engraçada também ocorreu também no Orange Bowl. O Odair entrou na quadra para enfrentar o japonês Hijiri Kaneko na segunda rodada. Os dois não falavam uma palavra em inglês. Orange Bowl de 12 anos não tem juiz, a organização dá a súmula e os jogadores se viram entre eles. Na hora do sorteio, os dois chegaram à rede e o japonês perguntava: "Are you ready?" ("Você está pronto?"). O Odair entendia que a pergunta era sobre a marca da raquete, Head, e respondia: "Não, não... Eu jogo de Prince". Os dois ficaram por uns cinco minutos nessa confusão antes de começar a partida.

O Saliola se matava de tanto rir... Era como se fosse um irmão do Odair. Eles se amavam... Muito "malandro", o Saliola só perturbava o Odair o dia todo. E o Odair, um príncipe, idolatrava o Saliola. O carinho e respeito entre eles era enorme, não havia nada de ofensivo.



Outra vez, também nos Estados Unidos, um jogo duro, 4/4 no terceiro set e o estrangeiro cantou para si uma bola duvidosa. O Odair chamou o árbitro. Após muita discussão com os dois jogadores, mostrando marca daqui e de lá, o gringo acabou aceitando e dando o ponto para o Odair. Não entendendo que a marcação final havia lhe sido favorável, o Odair insistia em dizer que a bola havia sido boa e o rival respondia: “Ok, I know” (“Ok, eu sei”). Só que para o Odair, o “nou” que ele ouvia do “know” dito pelo adversário significava “não”. Foi uma eternidade um berrando para o outro na briga por aquele ponto do jogo.

Eu, que assistia a tudo (e foram inúmeras as situações tanto com o Odair como com o Saliola), não me intrometia. Para mim, muito mais importante para um tenista infanto-juvenil é saber resolver seus imprevistos dentro da quadra do que conquistar vitórias com a ajuda do técnico.

Na carreira de um tenista, os resultados da fase infanto-juvenil não influem em nada a performance no circuito profissional. Porém, as lições de auto-defesa, raciocínio e auto-defesa serão importantes para o desenvolvimento de um jogador.

Caso de polícia

Foi um grande susto! Estávamos eu, a Sonia, Odair, Saliola e Fernando Signorini em Miami, nos Estados Unidos. Durante o Orange Bowl, cuidávamos da roupa dos jogadores. Quando terminava o torneio, tínhamos um dia de folga e depois seguíamos a Nova York para o torneio de Port Washington, o segundo maior torneio infanto-juvenil. Aquela folga era o dia de lavar a roupa de todo mundo.

Fomos até Miami Beach para usar as máquinas de lavar e secar. Aquele



era um lugar perigoso na época, mas não me dei conta. Deixamos a roupa na lavanderia e fomos dar uma caminhada na praia. Na volta, os meninos estavam se dirigindo à lavanderia e eu seguia para o hotel pegar moedas para pagar as máquinas. De repente, chega o Signorini, pálido e esbaforido. “Corre, corre!!! Estão roubando todas as nossas roupas.”

Saí em disparada e vi uns caras com um monte de roupas correndo para um beco. O Odair correu comigo atrás dos gringos. O Saliola e o Signorini ficaram morrendo de medo, atrás da saia da Sonia.

Como eu estava em plena forma física, após dois quarteirões eu consegui alcançar um deles. Em plena Colins Avenue, uma das principais avenidas de Miami Beach, eu fui obrigado, numa atitude impulsiva, a soltar uma direita cruzada na cabeça do sujeito, que não queria devolver a roupa. O cara foi a nocaute! Ficou estendido no chão e em poucos segundos formava-se uma multidão ao nosso redor. Fiquei apavorado com a situação. O Odair achava tudo aquilo o máximo. O Saliola e o Signorini, morrendo de medo, não desgrudavam da Sonia.

Os policiais chegaram e um deles me explicou: “Você fez o que a gente gostaria de fazer com todos esses bandidos, mas sua atitude aqui nos Estados Unidos pode ter sérias complicações.” Gelei!!! O policial aliviou e pediu para eu ir embora para não complicar a minha vida. Salvamos metade da nossa roupa e sumimos dali. Que sufoco!!!

O Odair brinca até hoje: “Pô, o Saliola só ficou penteando os cabelos.”

Exercícios para a maturidade

O Odair tinha 14 anos e o Saiola, 15, quando os mandei sozinhos para disputar um circuito satélite de quatro semanas na Espanha. A intenção era fazer com que eles se virassem sem a minha companhia para ganhar maturi-



dade. Eles ficaram tremendamente assustados... Mas foram e se deram muito bem. Era uma competição de três torneios e os jogadores de melhores desempenhos classificavam-se para o Masters.

Derrotado na primeira rodada de simples do Masters, o Saliola voltou para o Brasil. O Odair permaneceu um pouco mais para a disputa da chave de duplas. No dia do retorno... nada do Odair... Ligo para o torneio, para o hotel, para a companhia aérea e ninguém sabia dele. Depois de dois dias, ele aparece em São Paulo. Na ida para o aeroporto, na Espanha, ele pegou o trem errado, foi assaltado, perdeu todo o dinheiro e a passagem. Odair precisou recorrer à ajuda de amigos, na Espanha, para conseguir voltar ao Brasil. Desligado, chegou em casa e nem teve a preocupação de me avisar.

Com o Fernando Meligeni foi a mesma coisa. Ele tinha 20 anos e US\$ 3 mil, resultado de toda a economia conquistada no tênis. Eu o fiz jogar quatro qualificings de ATP Tours nos Estados Unidos para ele conhecer a rotina do Jim Courier e Michael Chang (norte-americanos, sensações do circuito profissional na época): o que ele comia, como era seu treinamento técnico, tático e físico... Era sua primeira viagem desacompanhado para os Estados Unidos e ele ficou preocupado. Mas viajou, fez tudo certinho e, coincidência ou não, foi o primeiro grande ano de sua carreira, quando chegou nas oitavas-de-final de Roland Garros.

A Andréa Vieira também teve seu momento de pânico. Aos 14 anos, durante o Orange Bowl, em Miami, nos Estados Unidos, ela perdeu no terceiro set na semifinal e eu disse que ela viajaria sozinha no dia seguinte a Nova York para jogar em Port Washington. Ela não acreditava, esperneava, dizia-me para não abandoná-la... Mesmo chorando, ela foi e ganhou o torneio.

Todos esses exemplos reais são lições de vida. São fatos que fazem a pessoa aprender mais rapidamente a lidar com todo tipo de situação.



Odair Santos

Devo muito ao Marcelo Meyer por tudo o que tenho. Eu era um menino pobre, que morava na periferia de São Paulo. Não tinha oportunidades, nem perspectivas de crescer na vida.

Quando ele me convidou para treinar, fiquei surpreso. Parecia um sonho! Eu, que não tinha nada, comecei a viver em um outro mundo: passei a ser acompanhado por médicos, psicólogos, dentistas e a aparecer em jornais e revistas. Todo mundo falava que tinha me visto em programas de TV. Ia para a escola com roupas da Rainha e das Casas Pernambucanas. Foi uma transformação total.

O tênis proporcionou muitos avanços também para toda a minha família. Minha casa era de madeira e com o dinheiro que ganhei, ajudei a melhorá-la. Meu pai, Egidio, era pedreiro e construiu uma casa nova, mais confortável para a minha mãe, Carmelita, e meus sete irmãos.

O Meyer foi um paizão. Era bravo nas horas de cobrança, mas uma pessoa muito boa e com um coração enorme. Sou muito grato a tudo o que fez por mim. Pude sentir na pele o doce gosto de ser campeão brasileiro e sul-americano, entre inúmeras outras conquistas. Através do tênis, tive a felicidade de conhecer muitos países. Também tive a oportunidade de conhecer pessoas como o Marcelo Saliola, meu adversário dentro das quadras, mas que foi um verdadeiro irmão para mim.

Alguns amigos de infância partiram para um caminho errado e acabaram perdendo suas vidas. Eu também poderia



ter virado um bandido, um traficante ou estar usando drogas. Mas tive muita sorte: o Meyer me deu oportunidade, me deu educação e condições para que eu conseguisse um bom emprego para viver em paz com a minha família. O que me deixa orgulhoso é ser respeitado por tudo o que fiz e por tudo o que faço.

***Campeão brasileiro e sul-americano
infanto-juvenil. É professor na academia
do Alphaville Tênis Clube, em São Paulo.***

* * * * *



CAPÍTULO X

Marcelo Saliola, o garoto prodígio

Desde que comecei no tênis até hoje, nunca vi no Brasil alguém com a genialidade do Marcelo Saliola. Eu o conheci quando ele tinha nove anos de idade. Foi um casamento muito feliz, uma amizade bem bonita entre ele e o Odair do Santos, numa convivência diária por oito anos, treinando, viajando, jogando duplas juntos, disputando títulos importantes em confrontos diretos, conquistando títulos de campeões infantis, juvenis.

Indiscutivelmente, o Saliola deveria ter sido o nosso primeiro Guga. Todo mundo esperava que o Saliola se transformasse num dos maiores nomes de todos os tempos do tênis mundial. Quando chegou a duas finais no Orange Bowl, conquistou os títulos de Port Washington, Banana Bowl e de sul-americanos, técnicos, jogadores e especialistas de todas as partes começaram a observá-lo pelo que apresentava dentro de uma quadra de tênis. Canhoto, ele tinha um backhand com duas mãos extraordinário e o seu forte era a intuição que tinha para jogar, o que é muito raro nos dias atuais. Com poucas exceções, como um Roger Federer e Pete Sampras, não existem



*Cássio Motta, Fernando Meligeni, Marcelo Saliola e Marcelo Meyer
no Challenger de Itu, São Paulo, em 1991*

tantos jogadores intuitivos que sabem se adaptar de acordo com a característica de cada adversário e com cada circunstância. O Saliola sabia fazer isso muito bem.

O Saliola teve resultados brilhantes em todas as categorias. Lembro de uma vitória sobre o Alberto Berasategui na semifinal de Orange Bowl por 6/1 e 6/0. O Berasategui, como profissional, foi vice-campeão de Roland Garros em 1994 e top 10 no ranking mundial. Greg Rusedski e Daniel Nestor, que também se firmaram entre os melhores profissionais, não eram adversários



para o nível de jogo do Saliola.

Com 14 anos, o Saliola passou pelo qualifying de um challenger em Itu (SP) e venceu a primeira rodada da chave principal. Na época, foi uma façanha: ele escreveu seu nome na história do tênis como o jogador mais jovem a conquistar o primeiro ponto no ranking mundial da ATP. Ele bateu o recorde do lendário sueco Bjorn Borg.

Aos 16 anos, em um torneio da ATP, em Brasília, Saliola venceu na chave principal o espanhol Emílio Sanchez, cabeça-de-chave número 1 do torneio e número 9 do ranking mundial. Com essa idade, ele também aprontou para o então número 2 do Brasil, Cássio Motta, em dois jogos válidos pelo circuito profissional, em Campos do Jordão e Itu, em São Paulo.

Duplista fantástico, carismático, pessoa extremamente agradável, divertida e bem-humorada, ótimo contador de piadas, bom contador de mentiras... Realmente, era um grande prazer conviver e viajar com o Saliola.

Todos os gênios, os extraordinários jogadores são precoces. Pete Sampras, Jimmy Connors, John McEnroe, Boris Becker, Andre Agassi, Ivan Lendl, Gustavo Kuerten são alguns exemplos. E o Saliola era um desses...

Além da carga pesada de responsabilidade que o tênis coloca em seus ídolos, outro grande problema do Saliola era que, por ser um garoto muito extrovertido, brincalhão, ele era também, no bom sentido, indisciplinado ao extremo. Indisciplinado no sentido de que não gostava de treinar, de fazer exercícios físicos, de dormir cedo, não gostava de deixar de sair com uma menina... Ou seja, era um garoto normal como qualquer um daquela idade. Porém, tudo aquilo que um atleta de alta performance precisa, o Saliola não tinha, por natureza. Guardadas as devidas proporções, ele era um Romário do tênis.

O que teria acontecido, na minha opinião, se ele não tivesse desistido



de jogar tênis aos 18 anos eu não posso afirmar, mas eu imagino que ele teria ganho muito dinheiro, seria muito famoso e estaria com sérios problemas emocionais e comportamentais.

O que me deixa muito feliz hoje ao ver o Saliola é que, apesar de ele ter desistido de ser um tenista profissional, ele é uma pessoa feliz, ajuizada, consciente da decisão que tomou e é um ser humano normal.

Um dos episódios mais difíceis que tive de enfrentar foi a decisão de Saliola de parar de jogar. Como um tenista que havia batido um recorde do Borg, a maior esperança do tênis brasileiro poderia estar se despedindo das quadras? Pouco antes da decisão definitiva, eu havia acabado de renovar contrato com a Rainha por três anos. Ele era a estrela de uma campanha publicitária do tênis Rainha System, veiculado em toda a mídia e inclusive durante o Jornal Nacional, no horário mais nobre da Rede Globo. Foi bem difícil chegar a todas as pessoas, àqueles empresários que apostavam naquela esperança e dizer que tudo estava acabado.

Felizmente, todas essas pessoas entenderam tão bem aquela situação que o meu contrato particular com a Rainha permaneceu por mais seis anos. Como o Fernando Meligeni estava começando a aparecer, consegui convencê-las de que havia alguém surgindo como nova promessa.

Sinal de alerta

Quando o Saliola tinha 15 anos, fiz uma reunião com ele e seus pais, em minha casa. Ele já queria ali, anunciar à família que queria parar de jogar tênis. Isso aconteceu numa sexta-feira à tarde, véspera de um qualifying de um challenger em Santos (SP).

Durante aquela semana, ele não queria treinar, estava desanimado, dis-



Tatiana Meyer, Antônio Saliola, Suelene Saliola, Odair Santos, Denis Meyer, Sonia Meyer e Marcelo Saliola, em Santos, São Paulo

se que não era aquilo que ele queria para a sua vida. Perguntei a ele se tinha certeza e que no tênis só vinga quem ama muito o esporte acima de qualquer coisa. Ele respondeu que não tinha a menor dúvida que queria viver longe do tênis, mas que não sabia como dizer isso aos pais.

Não dava para forçá-lo: a vida normal para um garoto com essa idade é estudar, ir a cinema, danceteria, ter namoradas; para um atleta de alta performance, há o sacrifício, que muitos não suportam. Marcamos a reunião e expliquei para seus pais, que ficaram chocados. A vida do pai era o filho no tênis. Foi muito doloroso para eles. Muito jovem, o Saliola até poderia mudar de opinião e em uma semana voltaria às quadras. Mas tínhamos de respeitar sua decisão.



Foi o primeiro aviso...

Terminamos a reunião umas 16h30. Quando bateu 20h30 da mesma sexta-feira o Saliola me liga, avisando que havia pensado melhor, que iria jogar sábado em Santos e que me queria ao seu lado. Realmente, voltou a jogar e a jogar muito bem.

Esportes coletivos x esportes individuais

O circuito profissional de tênis consiste de um calendário que a maioria dos tenistas jogam, em média, entre nove e 11 meses por ano. Os torneios são semanais, em países diferentes, de climas diferentes, em pisos variados e ainda há o desgaste do fuso horário. O nível dos tenistas classificados entre os 100 primeiros do ranking mundial é praticamente o mesmo. Conseqüência de tudo isso: até os melhores tenistas do mundo são obrigados, desde as primeiras rodadas, a apresentar um tênis de altíssimo nível para superar seus adversários.

O tenista precisa correr muito e suar bastante quase todos os dias da temporada. É preciso estar bem o tempo todo, até mesmo enfrentando dores ou problemas pessoais

Os atletas de esportes coletivos também precisam correr todos os dias, viajam bastante, sofrem com a pressão e enfrentam contusões e problemas particulares. Mas, como estão em um grupo, existe o recurso da substituição. E, durante um jogo, toda a responsabilidade é compartilhada.

Temos exemplos de gênios do futebol, como o Romário e o Maradona, que mesmo fora da sua melhor forma física ou sem o menor esforço conseguiram decidir uma partida e até campeonatos mundiais através de uma simples jogada.



Na minha opinião, se o talento do Saliola fosse para um esporte coletivo, se ele tivesse nascido com o dom para ser um jogador de futebol, de vôlei ou basquete, tenho certeza de que ele teria sido um grande campeão, um fenômeno. Agora, se o Romário ou o Maradona tivessem escolhido o tênis como seu esporte, duvido que teriam o mesmo sucesso que tiveram com a bola nos pés.

Eu dosava da melhor forma possível o calendário do Saliola, para não deixá-lo desconfortável. Se você colocar o Romário para treinar no mesmo ritmo dos demais jogadores do grupo, ele não vai render nada na hora do jogo. Enquanto o Meligeni precisava de cinco horas de treinos para se sentir bem, o Saliola pirava se passasse de cinqüenta minutos de ritmo puxado de treinamento. Tinha essa preocupação, pois sabia que qualquer excesso poderia comprometer o futuro do Saliola.

Com o gênio, o técnico precisa ter essa sensibilidade. Tinha jogo com 3/3 no terceiro set em que ele olhava para mim na arquibancada e indicava que iria colocar a bola em determinado ponto do outro lado da quadra. Com a maior facilidade, ele cumpria a promessa, mesmo jogando com jogadores de rankings muito melhores que o seu. Ele ficava na quadra até a hora que fosse conveniente para ele. Quando queria decidir, ganhava dois pontos decisivos e terminava o jogo. O Saliola, nas quadras tênis, era o mesmo que Romário na Copa do Mundo de 1994.

A partir do anúncio abortado da aposentadoria, ele continuou jogando muito bem. Tinha algumas recaídas, mas que rapidamente eram superadas. Passava duas semanas fazendo diariamente duas horas de física e quatro horas de treinamento dentro da quadra. Depois, nas semanas seguintes, não queria saber de passar nem perto da quadra. Conversava, orientava, mas não tinha jeito.



*Marcelo Saliola
com
fãs na Martinica*

Eu tinha um sítio em Ibiúna (SP), onde fazíamos a pré-temporada com Saliola, Odair Santos e Andrea Vieira. O Saliola acordava às cinco horas da manhã, atravessava a represa nadando, voltava nadando, pegava o caiaque, remava por duas horas, corria por mais uma hora, tomava o café da manhã e treinava tênis até a hora do jantar. Ele não tinha estabilidade.

Na escola era a mesma coisa. De repente, resolvia estudar e tirava boas notas. Depois, passava um mês sem aparecer no colégio e eu tinha de ir ao Objetivo explicar aos diretores e coordenadores quem ele era, porque faltava, porque não podia se dedicar tanto quanto os outros. Sempre éramos ouvidos.



Todo dia administrava um problema. Com namoradas então, nem se fala... Garoto bonito, saudável, famoso, capa de revistas... Era uma legião de meninas atrás dele o tempo todo.

Ele tinha uma menina com quem namorava um pouco mais seriamente e outra por quem ele era apaixonado. Na véspera da final do Banana Bowl, no Tênis Clube de Santos, em 1990, estávamos jantando num sábado e aparece a "outra". Na frente dele, eu levei a garota do restaurante até a porta do clube para fora. Ela chegou às 21 horas e queria sair com ele. E para acalmar e convencer o Saliola de quem estava certo era eu? Ficou doido de raiva comigo.

Essa "outra" causou vários problemas...

Vexame! E muita coragem...

O Saliola havia vencido o Emilio Sanchez, era a estrela do esporte nacional. Um mês depois seria realizada a Copa Banco Econômico, o principal evento do calendário infanto-juvenil do país. O promotor me ligou e pediu a presença do Saliola, respondi que ele já estava entre os 250 melhores tenistas profissionais do mundo e que o calendário estava voltado para o circuito da ATP e não mais para eventos juvenis. O promotor insistiu e sua participação foi acertada por um valor atraente, além de mordomias como apartamentos do melhor hotel de Salvador, motorista com segurança, coisas destinadas só mesmo aos pop-stars. O cartaz do torneio era a foto do Saliola, a capa da revista do torneio também, todos os recursos de mídia foram destinados em função da presença dele na competição.

No sábado da semifinal, era aniversário da "outra" e ele queria voltar para São Paulo. Ele vinha me preparando a semana inteira que naquele dia ele



teria de estar com ela. Arquibancada lotada, televisão ao vivo e ele perdeu a partida da semifinal para o Cristiano Testa.

Depois dessa, eu vi que era o fim. Ele não queria mesmo o tênis. Aquilo fazia mal para ele. Logo depois desse episódio ele mesmo decidiu parar de jogar definitivamente. Reconheço que o Saliola foi muito corajoso. Para ele, foi mais difícil ter uma atitude radical como aquela do que ir “empurrando com a barriga” e ser um cara insatisfeito e infeliz. Sua mãe, Suelene, sempre foi uma pessoa extremamente forte emocionalmente e muito influenciou no desenvolvimento do caráter do Saliola e em todas as suas decisões. Percebi também o quanto gostava dele, como um filho. Eu poderia forçar a barra, tentar mantê-lo nas quadras para ficarmos mais famosos, mais ricos, mas o apoiei em 100%. Considero até que isso tenha sido o motivo pelo qual somos eternos amigos, por ele me respeitar e admirar até hoje.

Quando o Meligeni começou a fazer sucesso, o que mais me perguntavam durante as viagens era o que tinha acontecido com o Marcelo Saliola. Todo mundo que frequenta o circuito sabe quando alguém diferenciado está aparecendo. Alberto Berasategui, Daniel Nestor, Greg Rusedski, Wayne Ferreira, Emilio Sanchez, Javier Sanchez e Alex Corretja não acreditavam que o Saliola havia parado de jogar.

Em 1993, o Saliola pediu para voltar a treinar comigo porque queria retornar às competições. Aceitei de imediato. Mas, com restrições. Disse que demoraria para ele me provar que realmente estava disposto a jogar. Mesmo meio gordinho, fez tudo certinho e ainda voltou a figurar entre os 100 melhores do mundo de duplas. Essa última tentativa durou pouco mais de um ano. Ele havia perdido o período mais importante e valioso da carreira de um jogador, que é a fase de transição, o momento de desenvolvimento.

O episódio Saliola foi uma grande lição para toda a minha vida. Aprendi



que os jogadores mais consistentes e que permanecem bem classificados no ranking mundial por mais tempo não são necessariamente os mais talentosos. Se talento fosse realmente predominante nessa situação, o chileno Marcelo Ríos teria sido o número 1 do mundo nos últimos cinco anos. E o Saliola foi tão talentoso quanto o Marcelo Ríos... Não só na minha opinião, mas na de muitos que o viram jogar.

Marcelo Saliola

Como em qualquer relacionamento, tive momentos bons e ruins, obtive erros e acertos com o Marcelo Meyer. Mas, no geral, o convívio tanto profissional quanto pessoal foi altamente positivo.

Naquela fase da minha vida, também tive a felicidade de conviver com o Odair Santos. Com sua simplicidade, ele me ensinou muitas coisas, como, por exemplo, respeitar as pessoas e a dar mais valor à vida. Vi o quanto ele e sua família sofreram. Era a melhor "aula prática" na escola da vida para eu valorizar todas as minhas oportunidades.

Uma passagem bem marcante pra mim ocorreu em 1991. Eu já não suportava mais aquela pressão toda que o tênis de alto rendimento descarrega sobre uma pessoa e decidi parar de jogar. O Meyer conversou bastante comigo e me mostrou que eu ainda poderia ter um futuro brilhante. Disse que eu tinha talento, mas que só aquilo não era suficiente. Enfatizou que eu precisava de dedicação. Na época, eu estava entre os 350 colocados do ranking mundial.

Assimilei bem aqueles conselhos, passei a me empenhar e consegui resultados, tanto que subi para o grupo do 200 melhores tenistas do mundo. Quando batia um desânimo, eu lembrava de cada palavra que o Meyer havia dito. Realmente, foi um motivo forte para eu ganhar confiança.

Apreendi muito com o Meyer. Ele é, sem dúvida, o melhor empresário de tênis do Brasil e é um dos melhores técnicos de tênis do nosso país. É inteligente, tem visão e muita segurança em tudo o que fala.

Recordista na ATP como o mais jovem tenista a conquistar ponto no circuito profissional, em 1987, com 14 anos e três meses, superando a marca de 14 anos e oito meses do lendário Bjorn Borg.

* * * * *



CAPÍTULO XI

Fernando Meligeni, um exemplo de garra e determinação

Conheci o Fernando Meligeni quando ele tinha 12 anos de idade. Jogava uma categoria acima da idade do Odair e eu o via sempre disputando os torneios infanto-juvenis. Normalmente, chegava nas quartas-de-final, às vezes alcançava a semifinal e em raras oportunidades estava na decisão. Pertencia a um grupo de jogadores intermediários. Era muito fraco fisicamente. O que me chamava a atenção era que, apesar da deficiência física, sempre vendia bem caro qualquer jogo que participava. Aos 12 anos de idade ele já se jogava de cabeça para salvar um ponto e não queria perder de jeito nenhum. Para quem busca performance no tênis, essa é uma qualidade que não se ensina.

Quando fiz a parceria com o Eduardo Azevedo, na Play Tennis, em 1991, a irmã do Meligeni, Paula, trabalhava comigo. Eu ficava com dó ao ver o Fernando: eu estava terminando o treinamento com o Marcelo Saliola, Odair Santos e Cássio Motta, quando ele chegava e fazia sozinho uma hora de preparo físico e ia para a quadra bater bola com alguém que estivesse na academia.



Jodo Pires



Fernando Meligeni e Marcelo Meyer durante clínica em Costa do Sauípe, na Bahia, em 2004

Ele não tinha um técnico, não tinha um professor, estava completamente desamparado tenisticamente.

Nessa fase, ele já tinha passado pelo seu primeiro ano de circuito profissional sem nenhum grande resultado. O Meligeni foi número 1 do mundo no ranking juvenil e se esperava que ele conseguisse algo razoável em seus primeiros passos no circuito profissional.

Eu estava treinando o Cássio Motta, quando ele enfrentou o Meligeni na primeira rodada de um torneio profissional no Hotel Jequitimar, no Guarujá, em São Paulo. O Cássio era cabeça-de-chave e um dos favoritos ao título, além de viver uma grande fase. O que o Meligeni fez com o Cássio naquele jogo, eu não acreditei. Correu, lutou, conquistou pontos importan-



tíssimos e venceu a partida por 6/2 e 6/4. Na rodada seguinte o Meligeni perdeu por 6/3 e 6/0 para o uruguaio Diego Perez.

De volta aos treinos na Play Tennis, fui conversar com o Meligeni. Apesar de todas as deficiências físicas e técnicas, sabia que ele tinha um potencial a ser explorado. Ele jogava com raquetes muito ruins e sacava muito mal. Mas tinha garra e determinação invejáveis.

Fiz o convite para treinar comigo. Ele tinha 19 anos de idade, ficou supercontente, no dia seguinte o pai dele veio conversar comigo. Treinamos por um período curto, tempo suficiente para fazermos alguma coisa. O primeiro pedido foi para que ele mudasse a maneira de jogar. O Meligeni tinha um estilo que funcionava para o tênis infanto-juvenil, onde quem erra menos ganha a maioria dos jogos. Com aquele conceito no circuito profissional, ele não chegaria a lugar nenhum. Mexi no saque, desde o grip até a movimentação dos pés e pedi para ele usar o melhor golpe que tinha, que era o forehand. Não cobrei resultado, apenas atitude.

Ele assimilou rapidamente o novo grip e trabalho de pés no saque, exercitou a definição dos pontos com seu forehand e ganhou um estilo que ficou característico para ele até o final da sua carreira.

Após esse treinamento inicial, o Meligeni partiu para a disputa de um circuito satélite no sul do Brasil, onde se saiu muito bem nas três etapas e conseguiu fazer um bom papel. Jogou outro satélite e, de cara, saiu de 280º para 230º lugar no ranking mundial. Ele se animou e queria jogar mais satélites, quando joguei um balde de água fria nos planos dele. Expliquei que os qualificfyings de challengers seriam muito mais produtivos. O Fernando começou a ter confiança no que eu falava, porque os resultados começaram a aparecer dentro das quadras. Insistia para ele competir nas duplas, porque servia para seu crescimento no saque, voleio e devolução.



O processo de naturalização

No final de 1992, o Meligeni já era o 167º melhor do mundo e o terceiro principal tenista profissional do Brasil. Isso me dava condições de pensar em “vôos” mais altos e de buscar patrocínios para impulsionar sua carreira. Aí estava o problema... Como conseguir apoio no Brasil para um jogador nascido na cidade argentina de Buenos Aires? Era uma missão bastante difícil.

O Meligeni tinha quatro anos de idade quando veio com sua família para o Brasil. Posso afirmar que ele se sentia mais brasileiro do que argentino, embora a sua certidão de nascimento e seu passaporte indicasse a nacionalidade argentina.

Conversamos muito a respeito da naturalização brasileira. Eu não quis colocar nenhuma pressão ou influência na sua decisão de jogar pelo Brasil. Apenas avisei que essa possibilidade facilitaria na viabilização de futuros negócios com patrocinadores e, principalmente, na grande chance de realizar um de seus maiores sonhos que era disputar a Copa Davis pelo Brasil.

A decisão final foi tomada pelo próprio Meligeni. Demos entrada em toda a documentação necessária e, com a ajuda de amigos influentes em Brasília e com a colaboração pessoal do nosso consultor, Jorge Iwayama, conseguimos fazer com que o processo de naturalização, que normalmente leva cinco anos para ser aprovado, saísse em apenas alguns meses.

Em 1993, na Sociedade Harmonia de Tênis, foi realizado o Campeonato Brasileiro de Profissionais. Meligeni foi campeão do evento que teve as participações de Luiz Mattar, Jaime Oncins, Fernando Ruese, Roberto Jábali. Foi seu primeiro título importante no país e a primeira grande exposição de seu nome na mídia. Ali ele jogava de uma maneira mais agressiva, já não esperava os pontos nos erros dos adversários, conquistava jogadas através de iniciativa própria.

Cheio de confiança, embarcou para um challenger no Chile. Na primeira



rodada, o adversário seria um juvenil chileno, que havia entrado na chave principal graças ao wild card. A euforia cresceu. Mas durante o jogo a euforia foi sendo substituída por preocupação. O chilenhinho acertava tudo, batia firme e não deixava o Meligeni pegar na bola. O segundo set ficou 7/5 para o rival e, por incrível que pareça, eu nunca tinha visto o Meligeni jogar tanto tênis em todo o tempo que estávamos juntos.

Apesar da derrota, fiquei contente com o jogo do Meligeni e falei isso para ele no hotel. “Se esse garoto jogar tudo isso, será um fenômeno”, comentei. Mais tarde, esse juvenil chileno saiu do anonimato ao entrar para seleta galeria de líderes do ranking mundial de todos os tempos – Marcelo Ríos.

Por ironia do destino, foi exatamente contra o Ríos que Meligeni fez a sua despedida do circuito profissional. De forma brilhante e emocionante, o Meligeni venceu a partida final dos Jogos Pan-americanos de Santo Domingo, na República Dominicana, em 2003, e conquistou a heróica medalha de ouro.

“Vôos” mais altos e a maior briga

Numa certa tarde, na academia, perguntei ao Meligeni quanto ele tinha em dinheiro. Respondeu que tinha US\$ 3 mil. Coloquei mais US\$ 1 mil e o mandei disputar nos Estados Unidos qualifings de torneios grandes. Ele ficou espantado! Pedi para ver tudo o que Pete Sampras fazia, como eram os treinamentos do Jim Courier, o que o Michael Chang comia no almoço e jantar. Queria o Meligeni fora daquele mundinho de satélites.

Muitos tenistas quando começam a obter resultados, conquistar pontos e a ganhar algum dinheiro em eventos pequenos, acabam se acomodando e preferem não buscar desafios maiores. O resultado desse medo é que passam a ser jogadores de nível limitado e não crescem.



Em abril de 1993, Meligeni ganhou o primeiro challenger da sua carreira (o Sul-américa Open) ao vencer o argentino Pablo Escribano, por 6/2 e 6/1, na final disputada no Esporte Clube Pinheiros. Subiu para a 155ª posição no ranking da ATP e aquilo significaria a classificação para o qualifying do Torneio de Roland Garros. Antes de ir para a França, pedi para ele jogar torneios em Jerusalém e Roma.

Estou certo dia na academia, na Granja Viana, quando toca o telefone. Era o Meligeni, chamando de Roma. Ele decidiu disputar o challenger em Bruck, na Áustria, onde entraria diretamente na chave e teria a hospedagem paga. Disse-me que seria melhor do que ir para o quali de Roland Garros. As competições começariam na mesma semana, e a vantagem, segundo ele, era que na Áustria não teria de gastar com hotel, inscrição, passagem. Além disso, na França, teria, evidentemente, uma disputa muito mais dura.

Foi a maior discussão que tivemos em toda a nossa convivência. Foi também a primeira vez que ele me viu – ouviu, melhor dizendo – fora de con-



*Fernando
Meligeni e
Marcelo Meyer
no Torneio de
Roland Garros,
em Paris,
em 1993*



trole. E, por sorte, eu estava bem longe. Eu precisava agir daquele jeito para demonstrar a confiança que eu tinha nele. Confiança que nem ele tinha em si próprio. Obviamente, ele mudou todos os planos que havia feito e embarcou para a Capital francesa.

Como combinado, a gente se encontrou na França. Ficamos em um hotel bem simples, no subúrbio de Paris. Íamos de metrô para o local onde se joga até hoje o qualifying, que é em outro clube ao lado do complexo de Roland Garros.

Foram três jogos duríssimos no qualificatório, sendo que na terceira e decisiva partida o rival foi Byron Black, do Zimbábue, um dos cabeças-de-chave.

Meligeni mudou sua vida a partir daquele exato momento.

Só por ter conseguido entrar na chave principal, ele faturou US\$ 7 mil. O máximo que ele havia ganho em toda a sua carreira foi uma premiação de US\$ 7,2 mil pelo título no challenger Sul-américa, em São Paulo. Ele começou a desfrutar de todas as mordomias que o circuito profissional reserva às grandes estrelas, algo que ele nunca tinha visto antes: motorista particular, convites para shows e restaurantes de luxo, hospedagem em hotel cinco estrelas...

Eu tinha tanta confiança na maneira como ele estava jogando que, logo depois da vitória sobre o Black, liguei para a minha casa, em São Paulo, e pedi para a Sonia, minha mulher, arrumar as malas e seguir para Paris. Toda a história desse episódio foi registrada pela mídia, com destaque. De repente, um menino vindo do qualifying, 167º do mundo, chegando na quarta rodada da chave principal, igualando a façanha de Thomaz Koch... Começava ali um novo capítulo... O ranking disparou, virou 115º do mundo, levamos só naquela semana um cheque de aproximadamente US\$ 50 mil, ganhou uma série de challengers, em 1994 ainda jogou muito bem.



Um grande susto

Em 1994, quando vivia um dos melhores momentos da sua carreira profissional, o Meligeni pregou um grande susto!

Em agosto, ele chegou à semifinal do ATP Tour de Kitzbuhel, na Áustria. Tinha vencido o alemão Bern Karbacher, que já havia sido top 10, por duplo 6/4, nas oitavas-de-final e superado nas quartas-de-final o australiano Richard Fromberg, por 6/2 e 6/4. A briga pela vaga à decisão seria contra o então número 2 do mundo, o croata Goran Ivanisevic. O adversário impunha muito respeito, mas como o jogo seria no saibro e o Meligeni estava embalado por vitórias expressivas naquela semana, ele teria boas chances.

Percebi que, na manhã do dia da semifinal, o Meligeni acordou meio tenso. Até aí, nada anormal para alguém que teria um compromisso tão importante. Fomos fazer o aquecimento para dar uma descontraída e depois de uns 15 minutos, quando ele parou para beber água, percebi que ele babava. Ele comentou que sentia algo estranho na boca.

Durante o jogo contra o Ivanisevic, Meligeni não foi tão bem como poderia ter ido. Mesmo assim, foi uma parada duríssima para o croata garantir a vitória com parciais de 6/3 e 6/4.

Após a partida, nos vestiários, notei que a boca dele realmente apresentava sinais estranhos. Parecia meio adormecida. O piscar dos olhos também estava mais demorado que o normal. Procuramos o médico do torneio, que alertou sobre o risco de paralisia e recomendou cuidados. Preocupados, decidimos voltar para o Brasil naquele momento.

Com a alta estação em Kitzbuhel, um badalado ponto turístico europeu, não encontramos nenhuma vaga para a viagem. Liguei para o nosso neurologista e ele nos deixou com mais medo ainda ao afirmar que aquela era uma situação de emergência. Desesperado, telefonei para Nova York, onde eu co-



nhecia um diretor da Varig. De lá dos Estados Unidos, ele entrou no sistema de passagens e cadastrou o nosso embarque. Chegamos a São Paulo, o Meligeni foi direto para o neurologista, que abriu a clínica no domingo pela manhã. Para conseguir se recuperar, ele ficou por 40 dias sem poder ver televisão, sem poder dirigir, sem poder ler.

Se não fosse o nosso bom relacionamento através do tênis, não teríamos conseguido as passagens de volta e as conseqüências poderiam ter sido muito graves para o Meligeni. Ele sofreu uma paralisia facial. Foi o maior susto que levamos.

A separação

No final de 1994, depois de mais de quatro anos viajando juntos, o Meligeni já tinha boa experiência no circuito internacional, estava entre os 60 do mundo e eu precisava ficar mais no Brasil. Não tínhamos mais nenhuma competição no Brasil e os compromissos do Meligeni eram todos no exterior. Ele tinha patrocínio da Rainha, Cartão Sollo e da Lisonda. Precisávamos de alguém por aqui, coordenando contratos, campanhas publicitárias, exposições, calendário, clínicas. Era mais importante eu fazer o business do que carregar as malas para ele entre um torneio e outro, ou marcar suas passagens e quadras para treinos no exterior.

Um outro fator que não me satisfazia pessoalmente era passar a maior parte dos meus dias e do meu tempo sem fazer absolutamente nada. Ou seja, no dia do jogo você aquece de 30 a 40 minutos, aí vem a partida e depois disso nada acontece. Em muitos torneios, quando o tenista perde numa primeira ou segunda rodada, você passa a maior parte da semana treinando dentro das possibilidades de horários de quadra e depois fica sem uma atividade pelo resto do dia.



Paralelamente a isso, você convive todo esse tempo livre com o tenista que, logicamente, é muito mais jovem. A grande maioria desses jogadores é totalmente alienada culturalmente. Ganha muito dinheiro e a única conversa que se escuta é sobre futebol ou sobre os novos modelos de carros que todos pensam em comprar. Falta conversa interessante nesse meio.

Terminada aquela temporada de 1994, tomei a decisão. Disse ao Fernando que para ele melhorar sua performance e para que pudéssemos aperfeiçoar nosso projeto, deveríamos contratar uma pessoa para acompanhá-lo nos torneios, enquanto eu ficaria no Brasil cuidando dos contratos. Com um staff, o meu plano era colocar o Meligeni entre os top 15 e ele tinha potencial para isso.

No começo dessa proposta, Meligeni ficou bastante assustado. Mas depois compreendeu que isso realmente era necessário. A única coisa que



Fernando Meligeni e Sonia Meyer no Torneio de Wimbledon, em Londres, em 1994



pedi a ele é que escolhesse o técnico com quem iria dividir o quarto do hotel e acompanhá-lo durante 11 meses por ano. Também gostaria que, quando ele tivesse o nome, pedisse minha opinião sobre a escolha. Mas ficou claro que a decisão final seria dele.

Sugeri nomes como Marcos Hocevar, Néelson Aerts, Henrique Perez Alves. O Henrique, aliás, era a primeira opção. Mas a parceria só não foi fechada porque o uruguaio Marcelo Filippini, treinado por ele na época, não aceitou. O Filippini era muito amigo nosso, estávamos sempre juntos e acreditávamos que seria até uma motivação a mais para o Filippini, que estava encerrando a carreira. O Henrique aceitou e quando revelou a proposta, o Filippini recusou.

Durante o Torneio de Indian Wells, o Meligeni encontrou o Ricardo Acioly, que estava treinando o Nicolas Pereira. Ligou, perguntou o que eu achava e respondi que seria uma pessoa ideal: brasileiro, tinha experiência, não tinha nenhum negócio para cuidar no Brasil, não possuía família, nem filhos, podia viajar o tempo todo no circuito. Fechado!

O projeto começou muito bem. Ótimos contratos com a Rainha, Cartão Sollo, Lisonda e Sogipa Tênis Clube. E o Meligeni jogando cada vez melhor...

Em agosto de 1995, recebi telefonema do Meligeni, que estava jogando um challenger no Rio de Janeiro. "Marcelo, estou entre a cruz e a espada", disse ele, referindo-se ao fato de que, na maioria das entrevistas, ainda aparecia meu nome como seu treinador e que o Acioly não se sentia bem com aquilo. Comentou ainda que o Acioly tinha muitos contatos e que podia, também, cuidar dos seus contratos.

Não pensei meio segundo para dar a resposta. Não tinha ninguém que queria o melhor para ele e se eu estava atrapalhando no seu desenvolvimento, estava fora da sua vida profissional exatamente naquele momento.



Fernando Meligeni e Marcelo Meyer no Torneio de Wimbledon, em Londres, em 1994

Fofocas e seu mal para o tênis brasileiro

Logicamente que, durante um longo e bem sucedido relacionamento, muitas fofocas foram feitas. O episódio da Copa Davis, em 2004, que culminou com o boicote de jogadores à CBT, demonstra bem a realidade do tênis nacional.

E qual é essa realidade? A realidade é que cada vez mais aumenta o número de pessoas que trabalha no tênis de uma forma direta ou indireta, mas, ao contrário do que parece, o mercado tenístico não cresceu na mesma proporção. E o que é pior, tem uma legião de pessoas despreparadas.

Resultado: é muita gente falando mal de muita gente. Interesses pessoais sempre são o fundamento do discurso de cada um. Raras vezes eu escuto discursos ou propostas reais para o desenvolvimento do tênis brasileiro. Políticos estão sempre em cima do muro esperando situações convenientes para se promover.

Na minha opinião, infelizmente, pouca coisa deve mudar. Já participei de uma novela semelhante quando um ex-presidente da CBT desapareceu com uma grande quantidade de dinheiro pertencente a uma equipe brasileira da Copa Davis, formada por Luiz Mattar, Cássio Motta, Jaime Oncins, Fernando Roese e o técnico Paulo Cleto.



Eu só acredito nas pessoas que arregaçam as mangas e realizam ou cumprem os seus projetos. Há mais de 30 anos, observo pessoas no tênis que passam a maior parte do tempo circulando em eventos tenísticos, pedindo projetos de federações ou do governo. São pessoas que vivem pedindo e que não realizam nada. Resumindo: quem espera acontecer, passa a vida toda esperando; quem faz acontecer, está sempre construindo.

Fernando Meligeni

O papel do técnico no trabalho com o tenista não é só o de ensinar a bater uma direita. Afinal, o convívio entre o técnico e o jo-gador, em função das horas e horas diárias de treinamentos, competições e viagens, é até maior do que o relacionamento entre pai e filho.

O Marcelo Meyer tem um valor muito grande na minha vida exatamente por esse motivo. Ele me ensinou muito mais do que técnica e tática de jogo. Influenciou na minha personalidade, ensinou-me a ter consciência de que um tenista é muito mais que alguém que entra em quadra para competir, mostrou-me que um jogador é uma verdadeira empresa.

Algumas passagens foram bem marcantes em nosso relacionamento. E em dois momentos, especificamente, o Meyer foi áspero para deixar claro o quanto ele acreditava em mim e, mais que isso, o quanto eu mesmo deveria apostar em meu potencial.

A primeira vez que isso aconteceu foi logo no começo da nossa parceria. Eu tinha US\$ 3 mil, todo o dinheiro que eu tinha guardado. Queria aumentar minhas economias disputando torneios de



pequeno porte. O Meyer fez eu gastar toda aquele dinheiro ao me mandar para competições mais importantes nos Estados Unidos sob o argumento de que eu poderia faturar muito mais que aquilo.

A segunda aconteceu em 1993. Eu estava na Europa e queria continuar jogando challengers a viajar a Paris para disputar o Torneio de Roland Garros. Ele me deu uma bela bronca... Disse que eu não deveria ter medo de ser feliz, que eu deveria pensar grande. Obedeci sua ordem. Passei pelo qualifying e alcancei as oitavas-de-final da chave principal em Roland Garros, em participação que acabou sendo fantástica e histórica para mim.

Sempre compartilhamos tudo juntos. Era um triângulo: eu, o Meyer e minha família. Foi assim em várias ocasiões e, inclusive, na decisão mais importante que tive de tomar: a da naturalização. Na verdade, era questão de tempo isso acontecer. Mas tratamos de resolver esse assunto na hora certa e isso foi marcante para o meu sonho de representar o Brasil em eventos de relevância, como a Copa Davis, as Olimpíadas e os Jogos Pan-americanos.

O Meyer me ensinou muitas coisas positivas. Meu ciclo como tenista profissional acabou e agora quero transmitir toda essa experiência aos mais jovens.

Teve como melhor classificação o 25º lugar no ranking mundial da ATP, em 1999. Foi semifinalista em Roland Garros, em 1999, e medalha de ouro na chave de simples dos Jogos Pan-americanos, em Santo Domingo, na República Dominicana, em 2003.

* * * * *



CAPÍTULO XII

Trabalhando com o tênis feminino

Quando tinha 10 anos de idade, a Andrea “Dadá” Vieira era uma das melhores do Brasil e veio treinar comigo, no Brooklin. Eu já trabalhava com o Odair Santos e o Marcelo Saliola.

Foram cinco anos de trabalho e alguns grandes resultados. No Orange Bowl, ela foi semifinalista na categoria 14 anos, e na semana seguinte conquistou o título do torneio Port Washington, também nos Estados Unidos, que era a segunda competição mais importante do mundo de infanto-juvenis, atrás apenas do Orange.

Tive poucas experiências com treinamentos com meninas. Antes, havia trabalhado por um ano e meio com a Ruth Cleto, irmã do Paulo Cleto, campeã brasileira de 18 anos.

A Dadá era uma menina de temperamento difícil e que tinha características extraordinárias, entre elas, o de adorar treinar. Fazia cara feia para muita coisa, menos para treinar. Isso foi o que ajudou muito em sua história dentro do tênis. A Dadá acabou se transformando por vários anos



Andrea Vieira e Fernando Meligeni em Ibiúna, São Paulo, em 1994

seguidos a jogadora número 1 do Brasil.

Quando ela chegou aos 15 anos, eu estava muito ocupado com o Odair e o Saliola. Não tinha como dividir a atenção, pois, evidentemente, eles disputavam torneios diferentes, em lugares distintos e não tinha como acompanhar todos ao mesmo tempo.

Ela recebeu a proposta de um treinador que coordenava um projeto patrocinado pelo Grupo Pão de Açúcar. A passagem de Dadá por lá não durou muito tempo. Surgiu, então, a oportunidade de morar em Key Biscayne, em Miami (EUA), para treinar com o chileno Patricio Apey, técnico da Gabriela Sabatini. Ficou lá por muito tempo sozinha e aproveitou bem a experiência. Também treinou com o Larri Passos, técnico do Guga.

Por um período, ela se afastou do tênis, porém retornou às quadras e me procurou em 1993, quando eu estava com Fernando Meligeni. Conseguimos conciliar o trabalho e nasceu uma nova experiência bastante interessante. Apesar do pouco tempo de treinamento, ela conseguiu passar o qualifying



em Key Biscayne, o qualifying do Aberto dos Estados Unidos, ganhou primeira e segunda rodadas da chave principal e já voltou a figurar perto das 100 melhores do mundo. Conheceu o argentino Patricio Arnold, com quem namorou, depois se casou e teve uma filha.

Um dos maiores problemas de Dadá foi sua péssima alimentação. Era muito difícil ela se recuperar fisicamente depois de uma partida difícil para estar inteira para o jogo do dia seguinte. Ela não conseguia se alimentar, não tinha fome. Outra grande dificuldade, que foi determinante para ela não ter conseguido chegar mais longe, era o pavor que tinha de viajar de avião. Toda viagem era um drama... Dois dias antes do embarque, ela mudava completamente sua fisionomia. A saudade de casa, dos familiares também comprometeu sua vida profissional dentro do tênis. Dadá não conseguia ficar muitas semanas seguintes longe de São Paulo e sofria demais por isso.

Inúmeros são os detalhes que podem impedir que um tenista seja alguém notável dentro do circuito. Só no caso de Dadá, citamos três exemplos: alimentação, medo e saudade. Três problemas que travavam todo o seu talento. Não fosse isso, certamente ela teria ido muito além da 76ª posição no ranking mundial, sua melhor classificação na WTA.

Em toda a história, o Brasil colocou apenas cinco mulheres entre as 100 primeiras do ranking. Maria Esther Bueno (número 1 do mundo em 1959 e 1964), Nieve Dias (32ª colocada), Patrícia Medrado (48ª), Cláudia Monteiro (72ª), Andrea Vieira (76ª).

Tenho orgulho muito grande em ter colaborado durante vários anos no desenvolvimento de uma tenista que atingiu uma classificação tão expressiva no ranking mundial.

Durante entrevista em Sauípe, por ocasião do Brasil Open 2004, Maria Esther disse com muita propriedade que antes de qualquer coisa, para ser uma



grande jogadora, é preciso talento natural. E a verdade é que no nosso tênis feminino, com raras exceções, não aparecem jogadoras com talento para um tênis de alto nível.

O que é talento em tênis para Marcelo Meyer?

Mais uma vez aprendi que, muitas vezes, a determinação, a garra e o esforço de um jogador superam vários jogadores de qualidades excepcionais. Nossa tenista Patrícia Medrado foi um grande exemplo dessa lição. Sem um grande biotipo físico, nem golpes mortais, conseguiu por muitos anos manter-se numa boa classificação no ranking da WTA.

Andrea Vieira

Treinei com Marcelo Meyer em duas ocasiões: a primeira quando eu ainda era juvenil e a segunda aos 21 anos de idade. Eu já tinha chegado ao auge da minha carreira e já havia parado de jogar em uma oportunidade.

A história de vida vitoriosa do Meyer mostra tudo o que ele foi e tudo o que ele é: uma pessoa bem especial. O que mais me impressiona no Meyer é o seu otimismo e a força que tem com suas palavras. Exemplifico isso numa situação vivenciada por mim:

Em 1993, antes de viajar para Nova York para a disputa do US Open, tivemos longas conversas durante os treinos. Ele me dizia que eu deveria acreditar em mim mesma, que eu teria grandes chances de passar pelo qualifying e que até poderia vencer a



Mary Joe Fernandez, tenista norte-americana que estava entre as 10 melhores do mundo.

Fui para os Estados Unidos, venci todos os jogos do qualificatório e qual não foi a minha surpresa ao saber que a minha adversária na primeira rodada da chave principal seria a Mary Joe!!! Era incrível, mas toda aquela conversa que tivemos em São Paulo estava se concretizando. Eu teria a chance de jogar contra uma das estrelas do torneio, na quadra central de Flushing Meadows, em horário nobre da programação, após ao jogo do Andre Agassi.

Pena que a Mary Joe acabou desistindo do torneio por contusão... Ela estragou todo o meu foco... Acabei enfretando a argentina Maria Jose Gaidano, uma juvenil que substituiu a Mary Joe, na quadra vinte e pouco, lá no fundão do complexo. Perdi. A Gaidano estava em ascensão e avançou até as oitavas-de-final. Talvez, se tivesse jogado contra a Mary Joe, o poder das palavras do Meyer teria me levado a uma agradável surpresa...

Fui a oitava melhor juvenil do mundo, conquistei seis torneios seguidos em 1987, alcancei a 76ª posição no ranking da WTA, venci algumas das melhores jogadoras da história do tênis. Acho até que poderia ter conseguido outros resultados expressivos se não tivesse parado de jogar tão cedo, aos 23 anos.

Mas não tenho o que reclamar e não tenho nenhuma frustração. Fui bem orientada na minha carreira. Tive o Larri Passos, que me ensinou muitas coisas, e o Meyer, que me fez



sentir muito bem. Com sua honestidade, sempre falou sem dó, nem medo, o que eu precisava realmente ouvir. Isso é o que se espera de alguém em quem se deposita a confiança sobre o seu futuro.

***Alcançou a 76ª colocação no ranking mundial da WTA, em 1989.
É a capitã da Seleção Brasileira da Federation Cup.***



CAPÍTULO XIII

Juvenil brilhante não é sinônimo de profissional vencedor

Williams Kyriakos foi o exemplo de um campeão infanto-juvenil que não deu certo como tenista profissional. No início da década de 80, existiu um campeonato mundial conquistado por Kyriakos na categoria até 10 anos. Foi vice-campeão do Orange Bowl na categoria 12 anos, conquistou o Banana Bowl e o Sul-americano nas categorias 14 e 16 anos. Era, juntamente com o Marcelo Saliola, o maior nome do tênis infanto-juvenil brasileiro. Mas nas suas tentativas no circuito profissional ele não foi bem sucedido. Seu jogo não evoluiu.

Outra história que me comprova isso foi a de Jim Courier, em. Fui para o Japão como técnico da delegação brasileira juvenil, que era formada por Jaime Oncins, Roberto Jábali e do saudoso Marcos Saliola para a disputa da World Youth Cup, um mundial juvenil por equipes que existe até hoje e que reúne 16 países.

Na primeira rodada, vencemos um país africano, depois enfrentamos os Estados Unidos em quadra de grama. Coloquei para jogar as partidas de



Marcos Saliola, Jaime Oncins, Roberto Jábali e Marcelo Meyer na Copa do Mundo Juvenil, no Japão

simples o Jaime e o Roberto. O Jábali, de 16 anos, caiu contra o Courier, que tinha 15 anos. Foi um jogo duro e o Courier ganhou apertado. O Brasil perdeu por 3 a 0. Mais tarde, entro no vestiário e vejo o Courier sentado, cabisbaixo, quase chorando. Perguntei se poderia ajudá-lo e ele respondeu que estava chateado porque foi chamado a atenção pelo técnico dos Estados Unidos, Nick Saviano, por ter jogado mal contra o Jábali e que estaria fora do jogo da decisão. John Faldo e Francisco Montana seriam os titulares. Courier não jogou mais naquela competição.

Onde quero chegar? Exatamente no fato de que um tenista – substituído numa seleção juvenil por outros jogadores que não fizeram nada de expressivo como profissionais – acabou chegando ao número 1 do mundo e ganhou o bicampeonato em Roland Garros (1991-1992) mesmo com várias deficiências técnicas. Fundamentava seu jogo no saque e na direita, que eram golpes poderosos, e na vontade de vencer.

Este sim foi mais um jogador que demonstrou que vale mais o tama-



nho do coração que uma pessoa põe dentro de uma quadra de tênis do que a facilidade com que certas pessoas têm de empunhar uma raquete.

Aproveito estes exemplos para uma mensagem a pessoas do tênis, a quem tem filho ou parente no tênis e até mesmo aos jogadores infanto-juvenis.

Pode ser muito perigoso você desenvolver uma carreira vitoriosa na fase infanto-juvenil e fazer projeções para a carreira profissional. A partir do momento em que um jovem ostenta essa posição, quando ele atinge o status de número 1 de sua categoria, ele passa a jogar tênis para não perder. A fase para se formar um grande jogador é exatamente dos 10 aos 17 anos, período em que precisa tentar tudo o que é possível dentro de uma quadra de tênis. Precisa criar jogadas, desenvolver golpes, formar-se atleticamente, ter um certo nível cultural, viver a idade normal de um jovem da respectiva idade.

O que vi, na maioria das vezes, – incluindo o Luiz Mattar, o Carlos Alberto Kirmayr, o Cássio Motta e tantos outros – foi que não necessariamente os melhores juvenis transformaram-se nos profissionais mais destacados. Isso acontece porque o jovem que começa a jogar para não perder, passa a ter uma atitude muito defensiva dentro da quadra de tênis. Com o passar do tempo, isso embute um estilo de jogar extremamente conservador, o que é bastante eficiente, quando você joga contra adolescentes.

Quando se chega a um nível que você precisa ganhar os seus pontos com sua própria iniciativa, se você não desenvolveu essa técnica, atitude, estratégia e recursos de iniciativa nas jogadas, você não consegue absolutamente nada no estágio profissional. No circuito adulto, não se ganha jogos esperando pontos com o erro do adversário. Você precisa forçar o erro do rival ou conquistar seus pontos com jogadas vencedoras e construídas por você.

Esse é um dos maiores problemas que eu vejo no tênis brasileiro. Dá-se muita importância à fase infanto-juvenil, proporcionam-se inúmeras



vantagens para jogadores desse estágio, a grande maioria dos treinadores alimenta essa situação. Afinal, o melhor marketing para a sua academia é divulgar que o número 1 do país em determinada categoria é seu aluno. Tudo isso não vale nada, se não é feito um trabalho visando realmente o desenvolvimento do tenista, sem a preocupação única e exclusiva da vitória.

A vaidade e ego dos pais formam outro grande problema ainda nessa linha. Há os que adoram ver o filhinho no fim do mês na capa da revista, ou aparecendo na lista do ranking como número 1, ou poder revelar para seus amigos que um herdeiro campeão está sendo formado. Isso para os jovens não é nada benéfico.



*Carlos Oliveira,
William Kiryakos,
Marcelo Meyer e
Marcelo Saliola
no Campeonato
Sul-americano,
no Peru, em 1988*



O William Kyriakos foi a grande prova disso tudo. Ele veio treinar comigo quando tinha 19 anos de idade. Não consegui fazer com ele o êxito que tive com o Fernando Meligeni, que foi mudar a atitude e maneira de jogar, colocar uma arma em seu estilo de jogo para ser usada nas partidas.

Felizmente, as coisas estão mudando com relação a essa questão. A identificação de imagem com o Guga está fazendo com que os infanto-juvenis desenvolvam um estilo bem mais agressivo.

William Kyriakos

Comecei a treinar com o Marcelo Meyer aos 19 anos. Eu havia feito uma grande carreira como juvenil e até estava conseguindo bons resultados como tenista profissional, mas o que eu precisava mesmo era de motivação.

Esse ânimo extra para encarar o circuito eu consegui com o Marcelo Meyer, devido ao fato de, na época, conseguirmos formar uma grande equipe. Eu, o Fernando Meligeni e o Marcelo Saliola tínhamos pouca diferença de idade e um nível de jogo bem parecido. Formávamos um trio de destaque no cenário tenístico brasileiro. Foi uma fase muito importante para a minha vida. Um puxava o ritmo do outro.

O problema, no meu caso, é que eu realmente já estava meio cansado daquilo tudo. Comecei muito cedo e com 10 anos fui campeão mundial. Essa precocidade não foi muito positiva: chegou um momento em que eu não podia mais nem ouvir falar em hotel e avião. No meu caso, esse esgotamento juntou-se a outros



fatores, como a pressão por resultados, falta de estrutura, falta de apoio financeiro e a uma contusão no cotovelo. Por todos esses motivos, encerrei a carreira bem cedo, aos 21 anos.

Mas o momento em que treinei com o Meyer foi uma fase especial. Ele me ensinou a ter mais garra, motivação e amor ao tênis. Mostrou como eu deveria lutar por um objetivo. Essa foi a lição que aprendi: o tênis sempre fez parte do meu dia-a-dia e é o que move a minha vida até hoje.

***Medalha de ouro por equipes dos Jogos
Pan-americanos de Havana, Cuba, em 1991.
É proprietário da Academia Tennis Coach,
em São Paulo.***

* * * * *



CAPÍTULO XIV

Escolas nacionais de tênis, um conceito duvidoso

Muita gente fala sobre escola sueca, escola espanhola, escola norte-americana, escola Argentina e escola australiana de tênis. É claro que num determinado país existe a maioria das pessoas com o mesmo biotipo, a mesma cultura. O norte-americano, no geral, é alto, o holandês também; espanhóis e argentinos são de estatura mediana; o japonês é menor, mais leve fisicamente; e o brasileiro é uma mescla disso tudo.

Não concordo com escola de tênis específica de um país e dou alguns exemplos.

Imagine o Bjorn Borg, que foi quem teria “criado” a escola sueca de tênis. O Borg foi o primeiro sueco a chegar a número 1 do mundo. Logo depois, outro sueco alcançou a liderança do ranking, o Stefan Edberg. Os estilos desses dois jogadores eram completamente diferentes, opostos. O Borg raramente subia à rede, tinha características totais de fundo de quadra, apesar de todos os seus títulos em Wimbledon. Opostamente, Stefan Edberg tinha



no voleio sua marca registrada. Até em quadra de saibro ele dava o primeiro e o segundo serviço e em ambos ia à rede para volear.

John McEnroe e Jimmy Connors são norte-americanos, jogaram na mesma época, foram líderes do ranking mundial e tinham estilos de jogar completamente distintos. McEnroe era um exímio voleador e Connors tinha a melhor devolução e os melhores golpes de fundo de quadra.

Andre Agassi e Pete Sampras são casos mais recentes. Também norte-americanos foram número 1 do mundo, ganharam vários títulos de Grand Slam e treinaram, inclusive, na mesma academia – a Bollettieri Tennis Academy, a mais famosa, mais bem sucedida e a que mais formou jogadores vencedores em todo o planeta. Agassi sempre foi jogador de fundo de quadra o tempo todo e Sampras saque-e-voleio em 90% do tempo em que passou dentro de uma quadra de tênis.

A Austrália é um país que tem quadras duras e de grama em todo o seu território. Com exceção de Rod Laver, que ganhou todos os torneios de Grand Slam, sempre existiram tenistas australianos bons em pisos rápidos ou lentos. Os exemplos mais recentes são o Patrick Rafter e o Lleyton Hewitt. Rafter ganhando os pontos na rede e o Hewitt, mais parecendo um tenista espanhol, batendo tudo lá do fundo de quadra.

Vamos transferir isso para o tênis brasileiro. Thomaz Koch e Gustavo Kuerten, que foram os principais nomes masculinos do país no masculino e são da mesma região - Sul do Brasil. Apesar de biotipos físicos bastante parecidos, seus estilos são completamente opostos. Koch sacava e voleava, devolia e subia à rede. O Guga – embora muita gente, inclusive eu, queira vê-lo jogando um pouco mais na rede – raramente deixa o fundo de quadra.

Diante desses poucos exemplos, como é que se pode dizer, identificar ou afirmar que há uma escola de jogo dentro de um país para todos os tenistas?



Marcelo Meyer com alunos na academia Meyer Tennis, na Granja Viana, em São Paulo

A experiência, nesses 30 anos, me mostrou que vários jogadores, com estilos diferentes, raquetes diferentes, grips diferentes, swings diferentes, podem chegar ao topo.

O que deve ser explorado desde o início da carreira de um infanto-juvenil é a sua origem e seu futuro. O técnico deve saber qual o biotipo dos familiares desse jovem. Você não terá 100% de acerto, mas terá uma grande possibilidade de saber qual será a característica física da pessoa quando ela tiver 18 anos. A medicina tem outros caminhos, como a medição dos ossos, projeção de altura, que podem ajudar nessa questão.

Tudo isso pode servir como auxílio para o planejamento de desenvolvimento do estilo do tenista. Se eu sei que o garoto dificilmente vai passar do 1,70m, posso desde muito cedo trabalhar os pés e as pernas desse tenista.



Ele vai precisar compensar a baixa estatura com muita velocidade e com golpes muito sólidos de fundo de quadra. Dificilmente com essa característica ele poderá ser um bom jogador de saque-e-voleio. Se eu tenho um aluno que com 11 anos que já tem 1,75m e sei que ele vai chegar quase a dois metros, preciso desenvolver nele a força física e adaptar seu estilo ao jogo de saque e voleio.

Muitas vezes me perguntam por que o Guga erra tanto, por que ele é lento. Por natureza, ele não é um jogador rápido, por natureza de sua personalidade ele não é uma pessoa paciente, ele não é defensivo. Se ele foge das características naturais, ele nunca vai conseguir jogar um bom tênis. O perfil do Guga em quadra é agredir a bola sempre antes que o adversário. Se não acontece isso, o rival vai colocá-lo para correr e vai fazer com que o Guga saia do seu estilo e fique em situação complicada no jogo.

Claro que alguém de 1,91m não vai ter a velocidade de um Guillermo Coria, com seu 1,70. O tenista precisa ser rápido num espaço de 1 a 3 metros. É o espaço que se utiliza durante 70% do jogo. Quando você vai salvar uma curta – nas poucas vezes que isso acontece numa partida – você dá um pique de 12 metros. Não adianta trazer para uma quadra o recordista mundial e campeão olímpico dos 100 metros rasos, porque no tênis isso é uma maratona.

No primeiro livro do Bjorn Borg, o que mais me chamou a atenção foram algumas palavras dele:

– Felizmente, quando eu tinha 11 anos, o meu primeiro técnico Percy Rosberg, ao contrário da maioria da época, não me mandou bater a esquerda com uma mão. (Ele usava a esquerda com as duas mãos e na época isso era considerado errado.) Se esse meu técnico tivesse mandado eu mudar a minha maneira de jogar, eu não teria sido Bjorn Borg e teria parado de jogar, disse.

O Percy Rosberg, que esteve no Brasil e com quem tive a oportunidade de trabalhar, falou algo interessante:



– Nós temos um juvenil na Suécia que pode ser tão bom quanto o Borg, com estilo completamente diferente. E pelo biotipo dele, alto e forte, nós fomos obrigados a trocar a esquerda dele de duas mãos para uma mão, comentou ele, referindo-se a Stefan Edberg, que confirmou a previsão e passou a executar uma das melhores esquerdas de todos os tempos. Foi necessário mudar o estilo do jogo em função do biotipo do Edberg.

É importantíssimo esse conhecimento, esse estudo, essa leitura, do biotipo do jogador.

Porque costumamos dizer que os espanhóis e os argentinos jogam todos da mesma maneira. Primeiro pela identificação dos ídolos que eles têm, exatamente o que está acontecendo hoje no Brasil com relação ao Guga. Segundo, devido ao fato de 95% das quadras na Espanha e na Argentina serem de saibro. Um garoto que passa toda a sua fase infanto-juvenil jogando no saibro, logicamente que ele vai desenvolver naturalmente um estilo que se adapta àquela superfície. São exemplos que mostram que não é a existência de uma escola específica, mas características normais das condições pessoais, culturais, climáticas e geográficas de cada país.

A escola ideal de tênis é aquela que respeita a individualidade, a personalidade, o temperamento e o biotipo físico de cada pessoa.

Modelo de treinamento

Falar em escola de tênis, que todo mundo tem de jogar dentro de uma mesma linha de ensino, não me convence. Digo isso fundamentado em exemplos, em provas reais.

Na minha fase como juvenil, o treino de tênis era disputar alguns sets, alguns jogos. Baseado na minha experiência como jogador e que vi funcionar



bem para muita gente, fundamentado também na evolução desenvolvida ao longo dos anos, o que procuro fazer hoje é o treinamento com jogadas simuladas, exercícios específicos e jogadas de repetição, além da disputa de muitos jogos. Considero esse um modelo praticamente ideal.

A maioria das academias tem poucas quadras em relação ao grande número de infanto-juvenis e isso é um grande problema na hora do treinamento. Os jogadores acabam fazendo muitos drills, muitos exercícios e poucos jogos. E o que se vê pelos torneios são muitos tenistas que possuem bons golpes, mas que não sabem jogar. Quando esse grupo chega ao circuito profissional, chega despreparado. O Ricardo Acioly disse isso com propriedade durante uma entrevista. Ele vê os juvenis brasileiros disputando os primeiros torneios profissionais e nota como estão completamente “verdes”, “crus” em relação ao jogo.

Não se pode ir para o torneio pensando em fazer voleio após o primeiro e segundo saques. Isso deve ser feito durante o treinamento. Exercícios simulados em jogos-treino são altamente produtivos.

Desenvolvi muito com o Fernando Meligeni exercícios para o saque-e-voleio. Não era característica dele esse estilo, mas era um treinamento importante para que ele pudesse usar desse artifício em determinado momento de uma partida. Ele fazia jogos-treino com juvenis e era obrigado a sacar e volear o tempo todo.

Existem exceções, pessoas como Pete Sampras e Roger Federer, que se você pedir para jogarem na rede vão fazer isso muito bem e se pedir para ficarem no fundo também vão desenvolver esse tipo de jogo com sucesso. São poucos os tenistas que são completos em todos os fundamentos dentro de uma quadra de tênis.

No treinamento em grupo, mesmo você tendo pessoas de características



diferentes, de estilos e biotipos distintos, é possível exercitar tudo o que é necessário para ser aproveitado dentro de uma partida.

Todo mundo que joga tênis já se deparou com a situação onde alguém que joga pior que o outro vence a partida. Isso acontece em todos os níveis – de amador a profissional – porque jogamos de uma forma tática errada. O treinamento em grupo ajuda nessa circunstância, porque existe a possibilidade de pôr em prática todo o seu arsenal de fundamentos. Não se pode, durante a partida, criar situação de comodismo mental e estratégico para o adversário. Essa é a causa da derrota do melhor para o pior.

Eu falava para o Fernando Meligeni sacar e volear em algumas ocasiões dentro de uma partida. Ele até podia errar o voleio, mas ganhava três ou quatro pontos no “paralelo”. Ganhar ponto no “paralelo” é vencer, criando erro no teu adversário em virtude da sua variação, é ganhar um ponto, porque seu rival não sabe o que você vai fazer. Esses pontos, provavelmente, vão te levar, dependendo da situação, à vitória na partida.

Aulas de tênis e receitas de bolo

Até eu, que não sou um cozinheiro, tendo os ingredientes, sigo uma receita e faço um bolo. Pode não sair uma maravilha, mas vai virar um bolo. Isso não existe para o professor de tênis. Não existe uma receita. O professor de tênis tem de adaptar a aula e o treinamento às características individuais do aluno. Essa é a minha filosofia. Não adianta ler um livro que tem um método de ensino e entrar em quadra para ensinar aquilo. Até porque, cada aluno tem objetivo diferente. Existe aquele que sonha ser o Guga, aquele que pensa em perder quinhentos gramas para tomar quatro cervejas depois da aula ou ainda o que está na quadra para paquerar a aluna da quadra ao



lado. O bom professor de tênis é aquele que consegue atender os objetivos de cada aluno.

Ao longo da minha carreira tenística, vi muita gente ganhando dinheiro com cursos mágicos para aprender a jogar tênis. Os nomes desses cursos foram muito variados e criativos, como “Aprenda a jogar tênis em um dia”, “Seja um tenista em 20 horas”, “Aprenda tênis dormindo”, “Seja um grande duplista em dois dias”. Até que, como estratégia de marketing e apelo de vendas, essas idéias são interessantes, não vou negar. Porém, quantos desses cursos de “nomes bonitos” sobreviveram? Caro professor, o segredo do sucesso é entender, em primeiro lugar, o que cada aluno quer e a partir daí preparar e desenvolver treinamento ou aula adequados a essas necessidades.

Caminho de desenvolvimento para o tênis brasileiro

Poderia escrever um outro livro exclusivo sobre este tema. Assunto é o que não faltam. Para sintetizar, explico o maior problema que vejo com os tenistas brasileiros.

Em primeiro lugar, vamos tirar da cabeça um conceito muito tradicional, no entanto completamente desatualizado, que é o seguinte: Por quê no Brasil possuímos bons jogadores infanto-juvenis que não vingam na carreira profissional? Para aqueles menos informados, o último brasileiro campeão juvenil até 18 anos no Banana Bowl foi o Eduardo Oncins, em 1981. Quantos títulos juvenis nosso país conquistou em torneios do Grand Slam nos últimos 15 anos? Resposta: nenhum. Portanto, essa idéia de que infanto-juvenis brasileiros são excepcionais não é mais a nossa realidade.



A fase mais difícil que o jogador brasileiro encontra é quando está em seu último ano de juvenil e em seu primeiro ano como profissional, a tão dolorida transição. Ele não tem experiência necessária, não tem dinheiro, não tem patrocínio e, em nosso caso, são raros os torneios challengers, futures e satélites no Brasil. Embora importante para jogadores em fase de transição, eventos como esses são escassos em nosso país, porque não dão retorno financeiro. Os jogadores que participam desse tipo de competição ainda não têm expressão e, conseqüentemente, não atraem o público, nem a mídia. É difícil para um promotor vender um torneio que tem custo mínimo de dez mil dólares em prêmios e pelo menos mais dez mil dólares em gastos operacionais, tudo isso sem pensar em lucro. Portanto, como negócio, não é um projeto tão fácil de ser viabilizado.

Se quisermos desenvolver nosso tênis, sugiro que a Confederação, a exemplo do que é feito em outros países, promova uma quantidade razoável de torneios dessa natureza. Ao invés de pensar em centros de treinamentos e em uma quantidade tão grande de torneios infanto-juvenis, o que se precisa realmente é de um bom calendário com esses torneios intermediários para profissionais. Tomando como exemplo a Argentina e Espanha, poderemos ter, a curto prazo, vários jogadores entre os 150 do ranking mundial e é isso que torna um país sólido no meio tenístico em vários aspectos.

* * * * *



CAPÍTULO XV

Nova oportunidade

Eu ainda tinha a Meyer Tênis no Brooklin e o Wilton Carvalho, o Batata, era professor na Sociedade Harmonia de Tênis. A gente se conhecia desde crianças, mas nossos primeiros contatos profissionais começaram no A Hebraica, onde dávamos aulas de tênis.

Ele casou-se com a Suzana Procópio, filha de Alcides Procópio, na época em que o Alcides ainda tinha lojas de produtos de tênis e fábrica de raquetes. O Wilton praticamente abandonou as quadras, para auxiliar a família na administração dos negócios, chegou a viver um período em Manaus (Amazonas), onde era a fábrica.

Quando o Wilton voltou a se dedicar às aulas de tênis, passou a coordenar um grande grupo de crianças na Sociedade Harmonia. Foi o início da nossa parceria para as clínicas. Nessas viagens falávamos do sonho de expansão, de ter uma academia maior, falávamos da idéia de criarmos um centro de treinamento. Surgiu uma oportunidade de locação de um espaço no bairro do Morumbi, zona sul de São Paulo. Eu e o Wilton nos interessamos



pela área, montamos uma sociedade e fundamos ali, na rua Domingos da Rocha, a Meyer/Wilton Tênis.

Ficamos juntos de 1984 a 1989. Foi realizada ali uma série de eventos bem sucedidos, como clínicas, torneios, excursões para o exterior, aulas. Como é normal em qualquer sociedade, chegou um momento em que a relação começou a ficar desgastada. Não houve briga. Ele tinha seus interesses e o meu objetivo principal era desenvolver o Odair dos Santos e o Marcelo Saliola.

Algo também me assustava. Durante a sociedade com o Wilton, toda semana um prédio novo era construído naquela região do Morumbi. Existia o lado positivo, que era a possível presença de novos clientes, e o negativo, que era a constante ameaça de perdemos o ponto numa região que se valorizava a cada minuto.

Minha proposta era comprarmos um terreno em um lugar mais afastado. Naquela região do Morumbi, eu acreditava que tudo iria se transformar em prédio em pouco tempo.

Mas esse não era o principal motivo da separação. Eu sempre quis fazer pelo tênis uma coisa que eu gostaria que alguém tivesse feito por mim. Tenho certeza de que se na minha época de juvenil eu tivesse tido um técnico para me orientar, treinar, explicar o caminho para jogar o circuito, se eu tivesse alguém para me dar todo esse tipo de suporte teria jogado bem tênis. Não sei até onde poderia chegar, mas tenho convicção de que eu teria sido um bom jogador.

Carreguei comigo essa carência por todo o tempo. E o que eu mais queria, nessa época de rompimento com o Wilton, era ser esse suporte para os jogadores. Foi em função de tudo isso que nasceram Odair Santos, Marcelo Saliola, Andréa Vieira e Fernando Meligeni. Eu queria provar para mim



mesmo que eu poderia fazer para alguém o que eu gostaria que tivessem feito por mim.

Como eu queria desenvolver os jogadores e o Wilton planejava se dedicar exclusivamente à academia, decidimos encerrar a sociedade.

Foi uma aposta que fiz, sabendo que financeiramente era um risco enorme. Eu estava largando uma empresa extremamente rentável, sólida, segura para investir numa incógnita. Será que esses dois meninos (Odair e Saliola) vão vingar no circuito profissional? O que me dava respaldo financeiro para apostar nesse projeto eram os patrocínios da Rainha e Casas Pernambucanas, que sempre foram muito fiéis ao desenvolvimento desses jogadores, desde o início de suas carreiras.

Precisava, então, de quadras rápidas e de saibro, de piscina, fisioterapia, de toda a infraestrutura para continuar o treinamento. Levei o projeto ao Marcos Arbatman, então presidente do A Hebraica, que me abriu todas as portas do clube. Outra academia que serviu como base para nossos treinamentos e que também foi “engolida” pela especulação imobiliária foi a Top Tennis. Fábio e Júlio Pontes eram sócios da Top Tennis, um centro com quadras cobertas e descobertas que ficavam à nossa disposição a qualquer dia, qualquer hora.

Depois de um ano, um amigo, professor de tênis, Reinaldo Delgado veio me propor uma parceria na Play Tennis, localizada atrás do Novotel Morumbi, que hoje já não existe mais. Fechamos negócio e o projeto ganhou o nome Play Tennis Programa Marcelo Meyer.

Eu tinha, nesse ano de 1991, as duas principais promessas do tênis brasileiro e o Cássio Motta que estava praticamente encerrando a carreira. Era a oportunidade rara para o Odair e o Saliola estar no dia a dia com um profissional bastante experiente.



Coincidência ou não, o melhor resultado da carreira do Cássio foi nesse período. Ele estava com 30 anos de idade, quando conquistou o Grand Prix de Brasília. Na mesma época, venceu o Jimmy Connors em Madrid, na Espanha. Senti que minha contribuição foi mais um suporte emocional do que técnico. O Cássio já passava dos 13 anos de circuito e não tinha o que aprender tecnicamente. O que mais valeu foi o apoio de um amigo.

Nessa época, apesar de toda a genialidade e resultados históricos, percebia que o Saliola não tinha o perfil adequado para encarar o circuito profissional. Fazia muito mal para ele aquela rotina de treinamento, de trabalho, de pressão. O Brasil estava carente de um ídolo e ele, campeão do Orange Bowl, campeão de Port Washington, campeão do Banana Bowl, batendo o número 9 do mundo, campeão dos Jogos Pan-americanos, já começava a dar sinais que não saberia conviver com tudo aquilo, que não era o que ele queria para a vida dele.

A dúvida sobre o Saliola começou a ficar mais clara e mais definida justamente durante o início da parceria com a Play Tennis. Naquele momento, comecei a me preocupar comigo mesmo e com a minha família.

Eu estava há um ano ausente do treinamento com infanto-juvenis, devido aos compromissos e viagens com Saliola e Odair. O que me deixou bastante orgulhoso foi que, no primeiro mês de atividades na Play Tennis, as cinco quadras ficaram lotadas de alunos, em todos os horários. Ali apareceram vários garotos, que ganharam projeção, como o Fernando Meligeni, Rafael Fontes, Richard Brostowicz, Roberta D'Agostini, Roberta Fontes, Jorge Carvalho, Fernando Marsiareli, e tantos outros. Contratei a Paula Meligeni, a irmã do Fernando, para me ajudar no projeto Play Tennis Programa Marcelo Meyer.

Senti que precisava realizar alguma coisa minha, própria, definitiva, para



concretizar todo aquele meu sonho que nasceu na Europa, quando entrei pela primeira vez na quadra central de Roland Garros. Tinha, cada vez mais claro na minha cabeça, que em uma cidade como São Paulo ficaria cada vez mais difícil manter uma academia de tênis devido à valorização imobiliária.

Dois caminhos apareciam para o meu futuro: ou comprava um terreno em um lugar mais afastado para montar um centro de tênis ou mais tarde daria um passo para trás na minha vida e seria obrigado a voltar a dar aula em algum clube.

Havia adquirido, naquela época, em 1991, um sítio na região de Ibiúna (SP), que me atraía todos finais de semana. Percebia pelo caminho, na rodovia Raposo Tavares, que o lugar não parava de crescer, com o surgimento de residências, empresas, comércio, como Carrefour e Pão de Açúcar, escolas como Objetivo e Rio Branco... A Granja Viana, em Cotia, era uma comunidade que também evoluía, com bom número de residências. Fiz, então, uma pesquisa que me surpreendeu. O Rio Branco possuía dois mil alunos e o Carrefour estava abrindo sua segunda unidade em todo o Brasil naquele lugar, que não era tão distante assim. Até o Esporte Clube Pinheiros, eram menos de 20 minutos. Acreditei naquele potencial e comprei, em 1991, a área de quase 11 mil metros quadrados onde está instalada hoje a Meyer Tennis.

Não tinha dinheiro suficiente para a aquisição. Pensei, então, em usar o meu currículo vitorioso no tênis para viabilizar o plano. Montar um negócio daquele porte, na vizinhança, seria um benefício para alguém que possuía terrenos em volta daquele centro. Afinal, era o maior empreendimento tenístico particular do país. Os frutos também seriam colhidos pelos moradores. Precisava encontrar uma pessoa que possuísse uma área grande e que também tivesse a visão que eu estava tendo, de que o meu negócio iria valorizar a região.



Sugeri a idéia a uma imobiliária da região, onde tenho negócios até hoje, a Pro Invest, que buscou alguém com o mesmo perfil. Não demorou muito e encontramos a pessoa certa. Conheci a área onde está localizada a Meyer Tennis e me encantei com o lugar, embora na época fosse fechado de mata.

Comprei a área por um preço muito atraente. Fiz um grande negócio e o primeiro passo estava dado. E para construir as quadras? Como fazer? Era muito caro fazer 10 quadras.

Parti para nova investida com estratégia semelhante ao da aquisição do terreno. Marcelo Meyer, um nome conhecido do tênis brasileiro, poderia ser interessante para qualquer empresa construtora de quadras esportivas. Como o meu negócio seria próprio, com escritura definitiva, eu tinha um argumento mais forte para conseguir a construção por um preço abaixo do custo.

Eu tinha um amigo, um arquiteto muito conceituado, o Michael Dranoff, que adorava tênis e tinha seu pai morando em Nova York no mesmo prédio do John McEnroe. Ele estava muito atualizado no que se dizia respeito a construções de academias e grandes resorts nos Estados Unidos. Foi quem eu procurei para fazer o meu projeto.

Com a maquete pronta, procurei os três principais construtores de quadras esportivas no Brasil – Lisonda, Play Piso e SF Quadras Esportivas. Quem “comprou” a minha idéia, por um motivo prático, foi a Lisonda. A fábrica e escritório da Lisonda ficavam a três quilômetros do local onde seria construída a Meyer Tennis. Seria para a empresa uma espécie de show room. Aquela proposta caiu como uma luva para a Lisonda. O proprietário, Sérgio Coutinho, fechou negócio comigo a um preço extremamente baixo.

Em três meses, a Meyer Tennis foi construída na Granja Viana, em Cotia (SP). No dia 17 de fevereiro de 1992 foi dada a primeira aula no novo centro.

Muita gente me qualificou de louco. Como era possível largar um



Vista aérea da academia Meyer Tennis, na Granja Viana, em São Paulo

negócio no Morumbi para montar uma academia com 10 quadras no quilômetro 25 da rodovia Raposo Tavares? A resposta veio no terceiro mês de funcionamento da academia. Foi o tempo que precisei para lotar todas as quadras. Eram dois ônibus diários transportando meus alunos entre a academia e o centro de São Paulo.

Ao mesmo tempo, aquela minha previsão acontecia. Três anos depois de estar trabalhando na Granja Viana, eu vi cerca de 60 quadras desaparecerem em um ano em São Paulo em função da especulação imobiliária. Alguns exemplos foram o Centro Paulista de Tênis (a maior academia de tênis da América Latina, com suas 12 quadras cobertas e mais cinco descobertas), ocupada por uma agência da Volkswagen; Play Tennis da avenida Juscelino Kubistchek, e a Hobby Sports, que funcionava ao lado do Centro Paulista de Tênis, entre tantas outras que também fecharam suas portas.



Com a Gugamania, várias academias ressurgiram na cidade de São Paulo. Mas eu tenho dúvidas com relação ao futuro delas num lugar onde os impostos são bem elevados e o aluguel é um absurdo. Comercialmente falando, não vejo futuro para essas academias. Além disso, a maioria de seus donos é formada por investidores e não por pessoas do tênis.

Quando as quadras de tênis começaram a desaparecer em 1993, 1994, eu orientava meus professores a investir em cidades do Interior. São lugares onde ainda existem espaços mais baratos do que nas grandes capitais. Na maioria dos casos, principalmente em comparação à capital paulista, são regiões que têm um clima melhor (mais sol, menos garoa, menos poluição...). São localidades com menos opções de lazer e de menos problemas de trânsito.

Além de tudo isso, o interior é um celeiro de craques. Sempre revelou grandes nomes para o tênis brasileiro, como Júlio Góes, João Soares, Róger Guedes, entre outros. Mais recentemente, Flávio Saretta e Ricardo Mello são jogadores que surgiram fora da Capital paulista.

Isso ocorre também em outros estados. No Rio Grande do Sul, a maioria dos jogadores também saiu de cidades do Interior, como Novo Hamburgo, Pelotas, Caxias, Passo Fundo para treinar em Porto Alegre. Ivan Kley, Fernando Roese, Marcelo Henemann, César Kist, Marcos Hocevar, Niége Dias, mais recentemente Marcos Daniel e Miriam D'Agostini, são alguns exemplos.

Cássio Motta

Estive por pouco tempo com o Marcelo Meyer. Já estava numa fase avançada, precisava mais de apoio de um amigo do que de um treinador. Foi exatamente isso que consegui com o



Meyer. Ele tem uma cabeça muito boa, ganhadora, transmite muita motivação. Seu trabalho me ajudou na parte técnica e tática, mas sua colaboração foi efetivamente forte no companheirismo, nas dicas, nas conversas. Viajamos juntos algumas vezes, em 1990, e a mais marcante foi para Brasília. Passei por todo mundo e na final, contra o Jaime Oncins, eram dez mil torcedores querendo a vitória dele e apenas o Meyer na arquibancada me dando força. Venci aquele torneio. No ano seguinte, obtive mais um resultado expressivo ao superar o Jimmy Connors, na Espanha. Essas foram as passagens marcantes enquanto estive com o Meyer. Ele é um amigo para mim.

É o brasileiro que alcançou a melhor classificação de todos os tempos no ranking mundial de duplas, com a 4ª posição, em 1983. No ranking de simples, obteve como melhor classificação o 48º lugar, em 1986.

* * * * *



CAPÍTULO XVI

Promoção de torneios infanto-juvenis e amadores

Na inauguração da Meyer Tennis, na Granja Viana, o primeiro torneio infanto-juvenil teve como finalistas dois jogadores que se transformaram em alguns dos principais nomes brasileiros no circuito profissional. Flávio Saretta e Ricardo Mello jogaram a decisão da categoria 12 anos e receberam como prêmio um patrocínio da Prince.

Promover torneios que possam contribuir para o desenvolvimento do tênis brasileiro é uma preocupação que venho tendo desde a inauguração da Meyer Tennis, em Cotia. Esse meu projeto pessoal nasceu com o Prince Open.

Fomos pioneiros no Brasil na realização de pré-qualificatórios. Era uma oportunidade a mais que os nossos tenistas pudessem disputar os grandes torneios. Os vencedores desses pré-qualificatórios ganhavam convites para a chave principal de competições profissionais.

Até então, essas vagas eram destinadas diretamente a algum jogador



que tinha alguma influência forte com determinado evento, como, por exemplo, o filho ou parente de um dos patrocinadores ou dos promotores. Foi com o Juliano Tavares, promotor de eventos, que lançamos essa novidade durante a Copa Perdigão, um challenger com premiação de US\$ 50 mil. Antes do qualifying oficial do torneio, realizamos um qualificatório nacional e demos as quatro vagas para tenistas brasileiros. Essa é uma real contribuição para nossos jogadores que somente agora, depois do ano 2000, voltou a ser colocada em prática por algumas promotoras.

Um dos primeiros torneios profissionais que o Gustavo Kuerten disputou foi dentro da minha academia, na Granja Viana, e ele foi um dos que souberam aproveitar esse tipo de oportunidade.

Durante as minhas viagens pelo exterior, observava a forma profissional como os torneios da ATP eram organizados. Por menor que fosse a competição, o respeito e o tratamento dado ao jogador era sempre um diferencial. Era alguém te esperando no aeroporto, pessoas no hotel para tirar suas dúvidas e muita gente no clube para agendar quadra de treinamento, oferecendo bola, água... Aquilo começou a me despertar a atenção para o seguinte: Por quê não se fazer no Brasil um torneio com esse nível de organização para tenistas amadores? Foi assim que nasceu a World Tennis Cup.

Em 1992, o proprietário da World Tennis visitou a Meyer Tennis. Ele jogava, adorava o esporte e queria fazer algo, marcar sua empresa nessa modalidade. Conversamos sobre o que poderia ser feito e sugeri a idéia de realizarmos uma competição com formato profissional, mas voltada para amadores. Como seria isso? O participante ganharia uma camiseta do torneio, jogaria todas as partidas com bolas novas, acompanhamento de arbitragem, teria horário programado, placar e nome dentro da quadra e ainda receberia uma promoção especial da loja. Era algo que faltava aqui no Brasil.



A World Tennis possuía seis lojas no país – atualmente são mais de 60 unidades – e a idéia ia totalmente de encontro aos anseios de seu desenvolvimento. Além de colocar seu nome em um evento pioneiro, teria em mãos, através de promoções, o consumidor em potencial de produtos ligados ao tênis, que são os amadores – da categoria infanto-juvenil a sênior – que compram tênis, bolinha, raquete, camisetas, que alugam quadras, que fazem aulas.

Meu conceito é que se o cliente investe dez reais, um mês depois ele tem de receber no mínimo vinte reais. Como “amarrei” isso? O participante do torneio deveria retirar sua camiseta do torneio diretamente na loja. De cara, eu estava enfiando mais de mil pessoas nas unidades World Tennis.

O inscrito no torneio recebia um vale-desconto, estendido para familiares e amigos, para comprar a marca de calçado, co-patrocinadora da competição. Com isso, estaria mandando à loja esses mil multiplicados por quatro para aproveitar a promoção. Iniciamos com a Rainha, depois Nike e em seguida Wilson.

Consigo, com isso, oferecer para o meu cliente aquilo que ele busca, que é vender mais. E o dinheiro que ele põe no torneio, faz com que o evento seja o que o tenista amador necessita, que é uma competição realizada nos moldes profissionais.

Além de oferecer um grande produto para o patrocinador, foi uma excelente oportunidade de valorizar o praticante, que se sentiu mais respeitado. O tênis começava a viver a dura concorrência com as academias de ginástica, que estavam entrando muito forte no Brasil.

Dezenas e dezenas de outros eventos vêm sendo feitos na Meyer Tennis para todos os segmentos. São torneios para tenistas infanto-juvenis, profissionais, amadores, para empresários, médicos, universitários. É tudo uma



questão de criar, planejar, encontrar uma adequação junto ao patrocinador e o resultado é sempre o sucesso.

Quando a Meyer Tennis chegou aos quatro anos de existência, parti para uma ampliação. Dentro dos quase 11 mil metros quadrados, havia um bom espaço que estava reservado para algo novo. Depois de muitos estudos, pesquisas e consultas, foi decidido que, do ponto de vista comercial, a construção de um salão de festas seria o mais adequado. Eu teria dentro de um ambiente bonito, a oportunidade de abrir o lugar para um outro segmento, que era o de locação para aniversários, casamentos, confraternizações, formaturas. O mesmo espaço, com capacidade para abrigar 300 pessoas, serviria como auditório para os nossos cursos de professores e para atividades sociais dos nossos patrocinadores.

O salão de festas acabou se transformando em um departamento muito importante dentro da academia. Até durante as festividades, conseguimos alavancar negócios para as quadras. Em algumas festas infantis, promovemos uma clínica especial de tênis para crianças. Com rede menor, bolinha de espuma, raquete mais leve, levamos o esporte de uma forma lúdica para as crianças, em um espaço adaptado. A festa ganha um entretenimento diferente e a Meyer Tennis, invariavelmente, consegue dessas ações novos clientes para o tênis.

A concorrência das academias de ginástica

Um desafio que o tênis vem enfrentando desde meados da década de 90 é a febre das academias de ginástica. Não só no Brasil, mas em todo o mundo, o tênis vem perdendo praticantes em função dessa concorrência. Nessas academias, paga-se mensalidade fixa e ganha-se o direito de usufruir



qualquer dia, qualquer hora, quantas vezes quiser. Bem diferente do tênis, onde você paga por aula, sempre em dia e horário fixos. Principalmente em cidades grandes, o praticante do tênis sofre em função dessa falta de flexibilidade devido à chuva, trânsito e outros imprevistos. Nesse aspecto, as academias oferecem essa facilidade a mais.

Outra questão favorável às academias de ginástica é o resultado prático mais imediato. Em duas ou três semanas é possível notar o emagrecimento ou o aumento da musculatura nos braços, pernas, abdômen. Basta olhar para o espelho para sentir diferenças. O tênis é um esporte que leva um tempo mais longo para começar a colher frutos desse investimento ou dessa dedicação às aulas.

O lado positivo que o tênis oferece em relação às academias é o exemplo de meus pais: mesmo com uma idade bastante avançada, diariamente eles têm a possibilidade de praticar esporte. É muito mais difícil conseguir um cliente novo no tênis do que numa academia de ginástica. Só que no tênis o cliente fica, muitas vezes, por toda uma vida, enquanto nas academias de ginástica a rotatividade é maior e o público, menos fiel.

Próximo passo

Com uma vida familiar e profissional estabilizada, eu poderia voltar a treinar jogadores profissionais e viajar dez meses para fora do Brasil. Meu filho, Denis, de 25 anos, trabalha na administração da academia desde os seus 18 anos.

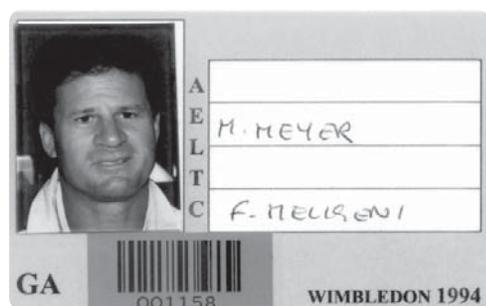
O Denis, com seu 1,98m de altura, aliás, poderia ter sido um esportista de destaque em qualquer modalidade. Foi um dos melhores esquiadores aquáticos do Brasil na categoria slalom juvenil, joga tênis em nível de 1ª Classe,



passou um período em Los Angeles, nos Estados Unidos, onde jogou basquete com jogadores da NBA, inclusive o Cedric Ceballos, e atualmente pratica golfe com handicap três.

Apesar de não ter sido profissional em nenhuma dessas modalidades, tenho muito orgulho em poder ter proporcionado ao meu filho uma educação dentro do meio esportivo. Tenho certeza de que todas essas experiências serão um grande auxílio para toda a sua vida, além de ajudar em seu trabalho na administração da academia ou em qualquer outra atividade profissional que venha a ter.

Não tenho como objetivo principal, atualmente, voltar a ser um técnico de tenistas profissionais. Nada impede, no entanto, que eu acompanhe um



Credenciais de acesso aos torneios de Wimbledon, Roland Garros e Aberto dos Estados Unidos



jogador com qualidades. Ultimamente, por várias vezes, tenho sido especulado e procurado por alguns dos principais tenistas brasileiros. Para voltar a ser treinador, precisaria de uns seis meses viajando o circuito, para me atualizar, para conhecer do número 1 ao 300 do ranking mundial. Não me sinto preparado como anos atrás para ser treinador de um profissional. Eu me afastei do circuito e as informações que tenho hoje são através de noticiário, de contatos e de alguns torneios que acompanho pessoalmente. Mas isso é pouco para o que a profissão exige.

O que me daria satisfação de encarar essa missão seria eu ter, em primeiro lugar, uma grande afinidade pessoal com esse parceiro. Sei o que é dividir um quarto dez meses por ano com uma pessoa, com um marmanjo que ronca do teu lado.

O grande prazer que tive com o Saliola e Meligeni, que foram dois jogadores com quem tive oportunidade de dividir quartos por muitos anos, foi de que acima de tudo eu me divertia muito. Muita gente pergunta o motivo pelo qual o Guga não arruma outro técnico, porque continua com o Larri Passos por todo esse tempo. Uma das questões mais importantes que faz o sucesso dessa dupla é a afinidade pessoal.

A falta dessa sincronia é bastante responsável pelo fim prematuro de relacionamento entre jogadores e treinadores, no Brasil e em outros países. As pessoas mal se conhecem, fecham um contrato, formam uma parceria e vão viajar sem ao menos saber quem gosta de ficar com o controle remoto da televisão na mão na hora do descanso.

Como conviver num clima como esse? É um autêntico casamento, mas muito mais complexo. Não existe amor e o relacionamento vive sob a pressão pela cobrança por resultados. Se no casamento, na união entre o homem e uma mulher, onde existe amor, sexo, filhos, e onde não existe



*Regina Brandão,
Psicóloga Esportiva*

a pressão por vitória ou derrota, o relacionamento já é difícil, imagine então como fica a união entre dois profissionais, que são cobrados pela mídia, pelo patrocinador, pelos pais, pelo torcedor?

O que me dá satisfação, hoje, é reencontrar ex-alunos e professores bem sucedidos pessoalmente e profissionalmente. Se eu consigo dar essa contribuição a uma pessoa,

vale muito mais do que um cheque maior no fim do mês de um profissional que conheci ontem e fechei contrato hoje para viajar por dez meses durante uma temporada.

Outro exemplo foi o professor Marcel Veira, que trabalhou durante quase dez anos em minha academia. Hoje, ele é o responsável técnico de todos os eventos tenísticos da Octagon Koch Tavares. A experiência da nossa convivência serviu de escola para a sua formação profissional.



Regina Brandão

Eu me formei em Psicologia, em 1977, e, por dez anos, atuei na área clínica. Mas o esporte sempre me fascinou. Em 1989, conheci o Marcelo Meyer e fui convidada para desenvolver um trabalho com a equipe de jogadores em sua academia. Era uma iniciativa pioneira no Brasil. Por aqui, ainda não se falava em psicologia esportiva.

Entre os vários alunos, os que mais se destacavam em termos de resultados na época eram o Marcelo Saliola e o Odair Santos. Pouco depois de iniciar as atividades com o tênis, comecei também um trabalho com a seleção brasileira masculina de vôlei, então dirigida pelo técnico José Roberto Guimarães, que conquistou a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Barcelona, na Espanha, em 1992.

A experiência de atuar com duas modalidades distintas, uma coletiva e outra individual, foi enriquecedora para o meu trabalho e para o desenvolvimento da minha carreira profissional. Afinal, são bem diferentes as reações comportamentais dos praticantes. No tênis, o jogador tende a se desestabilizar emocionalmente nos momentos em que a bola não está em movimento, como na troca de lado de quadra ou entre um saque e outro.

Foi extremamente interessante acompanhar e compartilhar o trabalho do Meyer com esses talentos: o Odair era raça e vontade, enquanto o Saliola era dono de puro talento. E mesmo com as diferenças, ambos conseguiram êxito. Peguei a ascensão e queda do Saliola. Foi uma grande lição.

Era o início da minha carreira na área da Psicologia Esportiva. Aprendi muito com o Saliola, com o Odair, com o Meyer e com sua mulher, Sonia. Afirmo isso porque o envolvimento do Meyer e da Sonia com os meninos era até mais familiar do que profissional. Aquele modelo positivo, de uma família estruturada, foi fundamental para o crescimento dos garotos em todos os aspectos.

O interessante é que o Meyer não tem um trabalho voltado só para o retorno financeiro. A preocupação com o aspecto pessoal, com o ser humano, sempre foi sua marca registrada.

PHD em Ciências do Esporte pela Unicamp, a psicóloga Regina Brandão trabalhou nas campanhas das seleções brasileiras masculinas de vôlei campeã olímpica em Barcelona-1992 e de futebol pentacampeã da Copa do Mundo no Japão-2002



CAPÍTULO XVII

Inovação nos calendários paulista e nacional

Consegui implantar, no calendário tenístico da Federação Paulista de Tênis, o conceito de organização e marketing esportivo. Foi a minha colaboração não apenas para o tênis paulista, mas para todos os outros estados, que também adotaram o projeto.

No início dos meus planos para realizar torneios amadores nos moldes dos eventos profissionais, os primeiros eventos, em 1992 e 1993, me deixaram indignados. Nosso modelo de calendário era completamente equivocado. Eram dezenas de competições acontecendo simultaneamente, os jogadores se inscreviam em vários deles e, evidentemente, não conseguiam estar em todos ao mesmo tempo. Isso porque não existia previamente o dia exato que você iria competir.

Quando comecei a me concentrar mais na realização de eventos para tenistas federados, senti que teria de fazer algo para mudar aquele conceito. Conversei então com o Raul Cilento, presidente da Federação Paulista de Tênis, e o diretor técnico, Carlos Gonçalves, sobre a necessidade de mudanças.



Dei a eles, também, a solução, ao apresentar-lhes o método utilizado na Flórida (EUA). Um calendário preparado com um ano de antecedência, onde o tenista poderia, com muita antecedência, escolher o torneio, sabendo o clube, o dia e o horário de seu compromisso.

Adequamos toda a situação para a realidade brasileira, em menos de um mês convocamos, na sede da Federação, todos os promotores de torneios de clubes e academias do Estado de São Paulo e no ano seguinte estava funcionando o modelo que eu trouxe para o tênis brasileiro. O processo passou a ser mais organizado em função de um modelo que eu não inventei, em absoluto, existe há 100 anos e é desenvolvido por uma das mais importantes federações do mundo, que é a Florida Tennis Association. Era só uma questão de adaptação e boa vontade para colocá-lo em prática.

Estrutura equivocada e perigosa

O tênis brasileiro criou um calendário caça-níquel de torneios que é maior e mais intenso que o da ATP. São inúmeros torneios durante uma temporada.

As minhas perguntas são as seguintes: Como é que, com tantos compromissos dentro das quadras, um garoto ainda consegue tempo para ir à escola? Em que horário ele terá a oportunidade de aprender uma outra língua? Quando é que ele poderá treinar? Como é que poderá fazer um condicionamento físico? De onde o pai vai tirar tanto dinheiro para que ele possa participar de todos os torneios?

Os mais afortunados participam de todas as provas, acabam, mesmo sem ter nenhuma qualidade técnica, conseguindo boa posição no ranking nacional e, conseqüentemente, são convocados para eventos mais impor-



tantes. O resultado de tudo isso é que, quando completa 17 anos, o garoto percebe que o saque é ruim, a direita é deficiente, a esquerda precisa de potência e ele ainda não aprendeu a volear. Ele já está cansado de viajar e o pai está atolado em dívida, porque bancou a carreira infanto-juvenil e não recebeu nenhum centavo de retorno.

Como desenvolver o tênis brasileiro, se o nosso processo é errado? Qual a diferença do tênis argentino em relação ao brasileiro? Vai dizer que lá tem mais quadras, que os técnicos são melhores, que as bolas são mais redondas, que a raquete de lá é melhor do que a daqui... Não, nada disso. O que acontece é que lá o garoto com 17, 18 anos está preparado para viajar sozinho. Ele põe a mochila nas costas e dorme em banco de estação de trem para economizar uma noitada de hotel. E ele só volta ao seu país no dia em que ele conseguiu alguma premiação. Isso quando não resolve aproveitar aquele dinheiro para dar uma esticada ainda maior.

Em nível de desenvolvimento tenístico, nós, brasileiros, estamos andando um caminho na contramão.

Devido ao processo equivocado, o Brasil já perdeu vários jogadores que poderiam brilhar. Cansei de ver garotos com potencial e qualidade parar no meio do caminho por nunca conseguir uma convocação importante, por falta de oportunidades.

* * * * *



CAPÍTULO XVIII

Guga com pinta de campeão

A primeira vez que vi Gustavo Kuerten foi durante a Copa Banco Econômico, na Bahia, onde acompanhei o Marcelo Saliola e o Odair Santos. Ele tinha 13 anos e era simplesmente mais um bom jogador infantil. Ninguém poderia imaginar o que aconteceria para aquele menino. Nenhum especialista, onde eu me incluo, poderia dizer que o Guga seria um top 10.

Tive uma das primeiras oportunidades de ver o Guga jogar em minha academia, na Granja Viana, durante o qualifying de um torneio profissional. Mas só fui observar que o Guga tinha algo a mais que o tenista precisa para se destacar no ano de 1993, no torneio juvenil de Roland Garros. Ele enfrentava um norte-americano nas quartas-de-final. Na disputa do tie-break do terceiro set, num momento de muita pressão, já naquela idade, ele me surpreendeu: jogou com agressividade. Ainda na fase juvenil, ele já apresentava essa característica arrojada que ainda é sua marca: ele jamais espera para vencer os pontos nos erros do adversário e sempre tem a iniciativa. Essa é uma característica dos grandes campeões. É um estilo de jogo muito



*Gustavo Kuerten, Fernando Meligeni e Marcelo Meyer
no Torneio de Roland Garros, em Paris, em 1993*

complicado e delicado, porque pode se perder muitas partidas das quais você teria condições de ganhar. Em contrapartida, é o diferencial que leva um tenista a se transformar em número 1 do mundo.

Existiram inúmeros jogadores que eternamente foram número 10 e 15 do mundo. Jogadores bons, sólidos e regulares, mas que não têm armas e atitude para chegar a figurar entre os três primeiros do ranking.

Por isso, eu digo que o Fernando Meligeni teve condições de ser um top 15. Ele não reunia condições para ficar entre os três primeiros do mundo por não ter as características e os golpes que o Guga tem.

Quando o Guga saiu da categoria infanto-juvenil, ele conseguiu se colocar rapidamente entre os 100 melhores profissionais do mundo, passando



dez meses na temporada jogando fora do Brasil. Naquela época, não tinha nenhum torneio profissional de porte em nosso país. Isso para um garoto é extremamente difícil.

Outra coisa que ajudou muito na carreira do Guga foi ter encontrado o Larri Passos. São poucos os técnicos em nosso país que se sujeitam a sacrificar anos e mais anos da vida pessoal e profissional apostando em um jogador. Temos inúmeros técnicos em cima do muro esperando um jogador começar a despontar, para pegar o tenista e aí então investir. São bem raros os casos daqueles que se dispõem a investir no desenvolvimento e crescimento de um jogador, quando ele tem 12 anos de idade.

Lógico que o Guga é o que ele é pelas suas qualidades, disciplina, determinação e garra, mas o Larri teve um papel muito importante em tudo o que aconteceu, em todas as conquistas.

Esse exemplo talvez responda, em partes, um dos motivos pelos quais a Argentina tenha um tênis tão melhor que o do brasileiro. Sempre encontrei tenistas e técnicos argentinos fazendo o tipo de aposta Larri-Guga.

O pensamento, generalizado por aqui, é que quando tivéssemos um jogador entre os 15 do mundo, o Brasil seria o país do tênis. E apesar desse sonho tão distante ter acontecido, por incrível que pareça, não houve mudanças positivas. Tivemos um aumento de praticantes, sem dúvida nenhuma, exposição maior do esporte na mídia, mas de uma maneira mais sólida, mais consistente, mais organizada, pouca coisa mudou, lamentavelmente. Não vi aquele “boom” que imaginava. Todos nós erramos naquele prognóstico.

O que mais me preocupa é como será o futuro do tênis no Brasil. Somos um país muito mais de torcedores do que apreciadores do esporte. Fiquei triste, em 1998, quando a seleção de futebol foi vice-campeã da Copa do Mundo ao perder da França na final. Não pela derrota, mas de ver uma nação



praticamente de luto pelo vice-campeonato mundial. Fiquei triste ver o Rubens Barrichello terminar a temporada como o segundo ou terceiro melhor piloto da Fórmula 1 e todos os brasileiros esculachando nosso representante.

Nossa cultura é de número 1, é de campeão. A minha preocupação no tênis é que será muito difícil surgir um novo Guga. O parâmetro para os próximos jogadores serão as conquistas do Guga. Se aparecer algum tenista que alcance o 15º lugar no ranking mundial, será algo fenomenal, mas sem grande valor para o país.

Meu foco principal dentro da academia hoje é atrair e segurar uma nova safra de tenistas. É muito difícil trazer alguém para o tênis, ao contrário de uma academia de ginástica. A pessoa que entra para o tênis é alguém que fica para o resto da vida. Como o mercado cresceu em função do sucesso do Guga, precisamos oferecer uma boa quantidade de atividades interessantes para segurar essa nova geração por mais alguns anos.

Outra preocupação que tenho é que os dirigentes de clubes se preocupem em melhorar cada vez mais a qualidade de serviços tenísticos para os seus associados. Alguns clubes estão terceirizando, a bons profissionais, os serviços de tênis dentro dos clubes. Se a gente consegue oferecer coisas legais para os praticantes da modalidade, por 30, 40 anos, o mercado continua consistente. Se isso não acontecer, uma boa parte desse mercado vai trocar de esporte, vai abandonar o tênis.

A responsabilidade é nossa

Quando o Guga parar de jogar e se não conseguirmos outro jogador de um nível perto do dele, o espaço na mídia certamente diminuirá, os torneios no país desaparecerão e a torcida diminuirá. Buscar alternativas para manter



as pessoas no tênis e trazer gente nova é uma preocupação que tenho bem antes de o Guga existir. Em todos os cursos de professores que faço, há 15 anos, procuro formar profissionais com visão que vão além dos ensinamentos técnicos, táticos e didáticos.

Consegui, nos Estados Unidos, a representação para desenvolver no Brasil esses cursos para professores. Fui buscar know how na maior associação de professores de tênis do mundo, que se chama USPTR, fundada por Billie Jean King e Dennis Van der Meer. Tive reuniões, trouxe os profissionais mais capacitados para transmitirem suas experiências no que diz respeito a aulas de tênis, organização de torneios, organização de projetos tenísticos, marketing tenístico. Durante três anos, cheguei a fazer isso até por três vezes na mesma temporada para professores de todo o país.

Com recursos próprios e iniciativa própria, consegui propiciar essa grande contribuição para inúmeros professores de todo o Brasil, que tiveram a oportunidade de conhecer também o Simpósio Mundial Anual, nos Estados Unidos, com a palestra e conferência dos principais treinadores de tênis de todo o mundo.

O curso era uma organização de uma aula de tênis dentro do modelo norte-americano de ensino, que poderia ser adaptado a cada estilo individual. Mas era algo bem mais abrangente e mostrava ao professor de tênis que ele não precisava se limitar a ser um professor de tênis. Abria horizontes para inúmeras possibilidades de trabalho dentro da modalidade, como administrar uma academia, loja ou clube, como encordoar uma raquete, montar uma empresa própria e oferecer serviços a hotéis, condomínios e residências.

Muita gente acredita que a única coisa que o professor pode fazer é mandar a bolinha do outro lado da quadra e ensinar ao aluno como ele deve bater



a esquerda e a direita. É um erro que me preocupa muito. Se eu pensasse dessa maneira, provavelmente estaria até hoje naquela quadra do clube A Hebraica, empurrando bola para os meus alunos. Veja tudo o que aconteceu em minha vida em função do tênis, pelo fato de eu ter uma visão mais abrangente que é ser um profissional do tênis.

Nos Estados Unidos, a maior homenagem

A USPTR existe há mais de 30 anos e durante o Congresso Mundial Anual faz uma cerimônia, concorridíssima, o verdadeiro Oscar de tênis norte-americano. O comitê da entidade julga e concede prêmios aos destaques do ano. O Carlos Goffi, por exemplo, foi homenageado por duas temporadas seguidas como o melhor técnico dos Estados Unidos devido ao seu trabalho com o Patrick McEnroe. Foi um reconhecimento à dedicação



Marcelo Meyer realizando a sua palestra em curso da USPTR para professores, em Hilton Head, na Carolina do Sul (EUA), em 1996

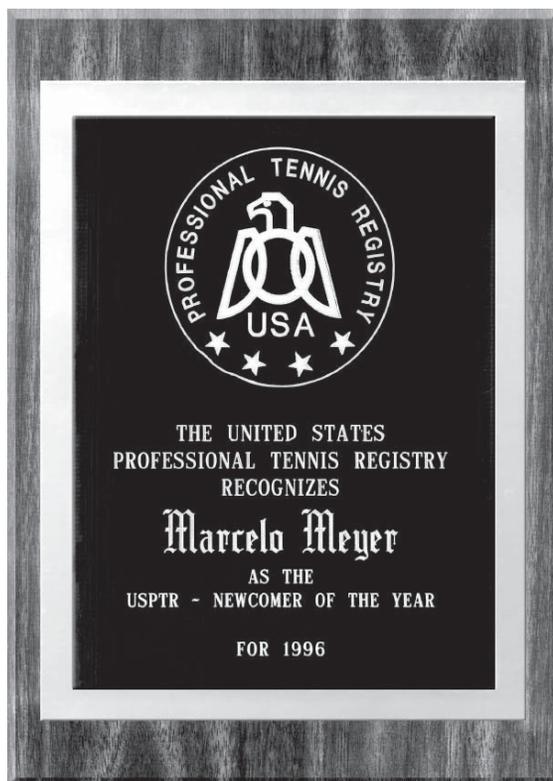


a alguém que pegou um tenista que estava fora do grupo dos top 100 e o levou à condição de 30º do mundo.

Fui convidado por dois anos consecutivos para ser palestrante nesse simpósio e tive uma grande e honrosa surpresa. Eu havia feito a palestra pela manhã e combinei com o Otávio Piva que iríamos para o banquete de premiação. Não sabíamos de nada. Quando o Piva passou no meu quarto, impecável, de terno, disse a ele que não estava muito disposto. Ele não acreditou e disse que havíamos combinado e eu deveria ir.



*Marcelo Meyer
recebe de Dan
Santorum um
prêmio da USPTR,
nos Estados
Unidos, pelo seu
trabalho
desenvolvido na
América do Sul*



Prêmio da USPTR, recebido por Marcelo Meyer nos Estados Unidos

Chegamos ao hotel, em Hilton Head Island, todo mundo superelegante, pessoas bem importantes do mundo do tênis. Na recepção, falaram que a minha mesa seria a de número três, na primeira fila, juntamente com Iñaki Balzola, Dan Santorum e toda a alta cúpula da USPTR. A mesa do Piva era a de número 80, lá no

fundão. Foi para onde eu e a Sonia seguimos. Ficamos com o Piva.

Na hora da premiação, o mestre de cerimônia começou a falar que seria feita uma homenagem ao profissional que mais havia trabalhado, pela USPTR, para o desenvolvimento do tênis na América do Sul. Disse que o Brasil estava se transformando no terceiro maior número de filiados da entidade em todo o mundo pelo trabalho que essa pessoa havia feito. Fiquei impressionado em ser reconhecido em um país como os Estados Unidos, que me valorizou com a mais importante homenagem que eu recebi em toda a minha vida por tudo o que fiz pelo tênis.

* * * * *



CAPÍTULO XIX

Comentarista de TV, uma nova atividade

Desde 1998, em conjunto com a Octagon Koch Tavares, venho exercendo a função de comentarista de jogos de tênis de grandes torneios profissionais. Isso é comercializado junto a uma emissora de TV e seja qual for a emissora, trabalho como comentarista dos jogos.

O que mais marcou nesse novo tipo de trabalho foi a conquista do bicampeonato de Gustavo Kuerten, em Roland Garros, no ano 2000. Tive a felicidade de comentar, ao vivo, as partidas das quartas-de-final, semifinal e final do Grand Slam que consagrou a carreira de Guga. Em companhia do narrador Rui Viotti, vivi uma emoção enorme.

Foi impressionante poder passar toda aquela emoção a mais de 20 milhões de pessoas assistindo àquela final. Foi um grande desafio para mim, uma responsabilidade enorme estar na cabine da quadra central de Roland Garros ver o Guga fazendo aquele espetáculo de cinco sets contra o sueco Magnus Norman. Foi uma sensação incrível, ao mesmo tempo, ter lembrado o momento em que, aos 19 anos, eu tive a primeira oportunidade de conhecer aquele estádio.



Tive muitos sonhos com o tênis. O que jamais havia passado pela minha cabeça é que um dia eu teria a oportunidade de estar ali, num dos lugares mais cobiçados, acompanhando a conquista de um brasileiro e transmitindo cada detalhe para tantas pessoas ao mesmo tempo.

O lado não tão positivo dessas transmissões é que em muitas ocasiões tudo é feito do estúdio e não do local onde está sendo realizado o evento. É uma sensação completamente diferente de se fazer comentários olhando para monitor e a de se estar ao vivo na partida, vendo não só a movimentação dos jogadores, mas o que ocorre em todo o ambiente.

Foi o que aconteceu com a transmissão do tricampeonato do Guga em Roland Garros, em 2001. Consegui dimensionar muito bem a sensação de comentar um jogo nessas duas condições.

Uma experiência nova nesse meu trabalho como comentarista aconteceu durante a exibição, ao vivo, entre a suíça Martina Hingis e a russa Anna Kournikova, no ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, no ano 2000. O narrador foi o jornalista José Luiz Datena e eu que vinha habitualmente fazendo as transmissões com o Rui Viotti fiquei na expectativa sobre qual seria o seu comportamento. Fui surpreendentemente positivo. Com extrema facilidade de comunicação, ele transformou aquele jogo em um espetáculo diferente, com sacadas que outros narradores ainda não haviam apresentado. Foi bem informativo, dinâmico e divertido.

Outra experiência muito gratificante foi vivida durante o Brasil Open 2004. Juntamente com Luciano do Valle, que, na minha opinião, é um dos melhores narradores de TV do esporte brasileiro, fiz todos os jogos do torneio numa emissora aberta de TV em horário nobre. Confesso que, na primeira transmissão, eu estava ansioso e apreensivo pelo fato de estar ao lado de uma grande personalidade do meio de comunicação. Rapidamente, essa sensação termi-



Luciano do Valle e Marcelo Meyer durante transmissão do Aberto do Brasil, em Costa do Sauípe, na Bahia, em 2004

nou devido ao carisma e simpatia que o Luciano me proporcionou. Para completar essa experiência, o Guga sagrou-se campeão do torneio e obtivemos índices de audiência jamais alcançados em transmissões de jogos de tênis na história da TV brasileira.

Costa do Sauípe: tripla satisfação

Quando o projeto de construção do complexo da Costa do Sauípe, no litoral norte da Bahia, ainda estava no papel, eu fui procurado por engenheiros da Odebrecht – construtora de todo o empreendimento e detentora de parte do negócio – para ser o consultor do projeto tenístico. Foi uma experiência nova na minha empreitada dentro do tênis e uma grande honra receber aquele convite de fazer parte do maior complexo turístico da América do Sul.

A Impar, uma empresa do Rio de Janeiro, era a consultora geral da Previ. Essa empresa fez uma pesquisa no tênis brasileiro e constatou que eu deveria ser a pessoa para tratar do assunto.



*Marcelo Meyer
com o Sr.
Bandeira
durante
a fase de
construção
do complexo
tenístico em
Costa do Sauípe,
na Bahia*

A proposta me foi formalizada após inúmeras visitas de todo o pessoal envolvido com a construção do complexo da Costa do Sauípe à minha academia, na Granja Viana.

Eles buscavam, em primeiro lugar, uma área com espaço suficiente para abrigar uma quantidade de quadras que fosse o suficiente para atender todos aqueles hotéis ou para poder receber uma grande competição.

Criei, então, uma situação econômica para a realidade do dia-a-dia dos hotéis, mas com a flexibilidade de conversão para sediar um evento de grande porte. Esteticamente, o lugar ficaria muito mais bonito se eu não tivesse de atender esses dois objetivos. Fui obrigado a deixar ao lado da quadra central espaço livre para a construção de arquibandas, tendas, hospitality center e tudo o mais.

Costa do Sauípe era um canteiro de obras nas minhas primeiras visitas. Ainda não era possível visualizar o mar logo da entrada, devido à mata fechada, e o acesso às quadras era totalmente rústico.



O que me dá muito prazer é saber que o local onde tudo começou com algumas dicas minhas é o palco do mais importante torneio profissional de tênis do país, o Brasil Open, onde o Guga conquistou dois de uma vasta lista de títulos.

Minha terceira satisfação nesse projeto foi ter reencontrado a rainha Maria Esther Bueno para um bate-bola. Havíamos nos encontrado em 1984, no clube Harmonia, em São Paulo, e só voltamos a entrar em quadra juntos neste ano de 2004, durante o confronto Brasil x Paraguai pela Copa Davis. Emoção maior ainda foi o fato de ver meu filho, Denis, também bater bola com Estherzinha. Ele poderá contar para as próximas gerações que por alguns instantes jogou tênis com a mais importante atleta do esporte brasileiro de todos os tempos.

Essas situações e oportunidades vividas em Costa do Sauípe foram algumas novas experiências que provam que o tênis é muito mais que um jogo.



Giovanna Nicci

Denis Meyer, Maria Esther Bueno e Marcelo Meyer



CAPÍTULO XX

O jogo mais difícil

Não tenho dúvida. Em toda a minha experiência com o tênis, o jogo mais duro de vencer aconteceu fora das quadras.

Carla Foschini foi aluna minha desde os sete anos. Pelo sobrenome Foschini e pelo seu jeito meio fortinho, logo vieram as brincadeiras e ela ganhou o apelido de Fusquinha. É praticamente vizinha da academia, começou a treinar na escolinha, passou a jogar bem e aos 10 anos já estava entre as primeiras do ranking paulista.

Apesar da facilidade dentro da quadra, a Fusquinha nunca teve grandes aspirações de competição. Ela pinta muito bem e o tênis sempre foi simplesmente um esporte, uma diversão para ela.

Por muito tempo, ela treinou uma média de três vezes por semana. Aos 15 anos, durante duas semanas, ela não conseguia terminar os treinamentos. Apresentava sintomas de quem estava com uma gripe – meio cansada, fraca, com tontura e dores de garganta. Para quem está com gripe, esse é exatamente o quadro. Depois de algumas horas de treino, o cansaço bate e o treino até



Marina Russo e Carla Foschini durante um torneio na Meyer Tennis

acaba antes do horário normal. Ela tinha 1,70m, não bebia, não fumava, não usava drogas e tinha uma vida amplamente saudável.

Numa sexta-feira à tarde, ela entrou no meu escritório, disse que estava muito desgastada e que iria parar porque não estava se sentindo bem. Disse que sentia um gânglio na garganta. Recomendéi falar com seus pais e que procurasse o médico.

No dia seguinte, viajei com a Sonia para uma semana de férias no Panamá. Quando voltamos, no domingo, peguei vários recados do pai da Fusquinha. Eu não tinha intimidade com ele para receber tantos telefonemas daquela maneira. Fiquei preocupado, mas como cheguei de madrugada, deixei para ligar no dia seguinte. No outro dia, logo cedo, a recepcionista da academia disse-me que o pai da Fusquinha estava desesperado atrás de mim para ajudá-los. Havia sido diagnosticado câncer e que a garota estava internada.

Imediatamente, fui para o Hospital do Câncer, na Vergueiro. Encontrei o pai dela numa fila e conversamos longamente. Ele me explicou que estava no início da enfermidade, não tinha todos os resultados de exames. Ele me pediu o favor de conversar com ela.

Fui até o quarto...

Veio à minha cabeça como eram diferentes os caminhos... Viver toda a emoção de entrar com o Fernando Meligeni numa das quadras secundárias



de Roland Garros, lotada, pelas oitavas-de-final, e passar uma incrível ansiedade de caminhar por um corredor de hospital infantil e encontrar crianças carequinhas, cheias de esperança por dias melhores. A Fusquinha sempre teve muita admiração por mim, por esbanjar, sempre, muito otimismo, positivismo. Entrei no quarto, encontrei a Fusquinha deitada ao lado de uma criança de três anos, já em tratamento intensivo com a mãe ao lado. Pensei o que poderia fazer, falar, estimular alguém naquela condição.

Naquela fração de segundo, a primeira coisa para confortá-la, sentado ao lado dela, foi dizer-lhe algumas palavras que o tênis me ensinou:

– Fusca, o que está acontecendo agora contigo precisa ser encarado como um jogo duríssimo de tênis, o mais difícil de toda a sua vida. Vou avisar desde já: é uma partida de cinco sets, sem tie-break, você vai estar na frente em alguns momentos e perdendo em vários outros. Haverá uma hora que estará 2 sets a 1 para o nosso adversário, você terá perdido o saque, mas você ainda terá capacidade de virar o placar. Essas são as condições. Você vai virar esse jogo, comentei.

Os olhos da Fusquinha brilharam e ela abriu um sorriso tímido:

– É a minha sobrevivência. Vamos ganhar esse jogo, respondeu.

Ficamos juntos por mais alguns instantes e fui para casa, refletindo sobre tudo aquilo.

Dias depois começaram a chegar os diagnósticos, o quadro era bastante delicado. Mas as possibilidades de reversão eram reais, em função do avanço tecnológico da medicina, e, principalmente, pelo fato de a Fusquinha ser uma jovem, atleta, forte, com ótima estrutura familiar e ter o apoio de amigos. Tudo isso conta muito num momento difícil como esse.

Dentro das minhas pequenas limitações, procurei dar meu suporte e acompanhei todo o processo. Depois de alguns meses, ela deixou o hospital, voltou a receber o carinho de familiares e amigos em sua própria casa, evoluiu



*Marina Russo, Marcelo Meyer e
Carla Foschini na Meyer Tennis, na
Granja Viana, em São Paulo*

clinicamente e se recuperou. Mesmo assim, aquele prognóstico se confirmou: ela alternava momentos, com fases de depressão total, reações colaterais e ao tratamento quimioterápico.

Um dos momentos de felicidade, nessa fase triste, foi ver a Fusquinha sentada ao lado da quadra, acompanhando o lançamento do projeto Tênis Para Todos. Esse foi um programa realizado nas quadras do Parque Villa Lobos, com o subsídio da Secretaria de Esporte e Turismo do Estado de São Paulo e com recursos da Caixa Econômica Estadual. Foram 300 crianças carentes beneficiadas até a transição de governo, que encerrou o projeto. A Fusquinha pôde rever amigos e reencontrar seu ambiente de diversão depois de muito tempo. Talvez isso tenha servido como uma ótima terapia para ela, num momento em que ela se dedicava ao tratamento para combater o câncer.

Certo domingo, à tarde, em casa, recebo o telefonema desesperado do pai da garota. A situação havia piorado muito e ele estava com medo de que ela entregasse os pontos. Corri para a casa deles, onde estavam duas freiras que eram diretoras do colégio dela e a Fusquinha toda abatida e deprimida. O clima estava pesado e a Fusquinha precisava de uma injeção de ânimo. Senti que estava 4/1 no quinto set para o adversário e alguém precisava entrar na quadra. Fui até meio mal-educado naquele momento, pedi para conversar a sós com ela.



Sáímos de uma cozinha onde estavam a família e as freiras e fomos para o seu quarto. Usando a minha experiência com jogadores, procurei encaminhar mais uma vez a situação como um jogo importantíssimo. Dentro do meu estilo, de um cara que não admite derrota, disse que queria que ela ganhasse aquele jogo. Foi nessa base, dando porrada na cama dela, que conversamos:

– Você não vai perder esse jogo, meu. Não quero saber se você está vomitando, se você não tem fome, se você está inchada, se você está feia, com espinhas no rosto... Quero você saindo por cima dessa situação, desabafei.

Foi duro... Mas a Fusquinha venceu aquele jogo.

Ela superou a enfermidade, voltou a jogar tênis, estudou numa escola de artes, tem uma vida normal. Em 2003, a Fusquinha disputou um torneio que eu realizo anualmente para quem mora, trabalha ou estuda na Granja Viana. A festa de encerramento foi Celeiro da Granja, um dos principais restaurantes da comunidade, com troféus para campeões e vices, sorteio de brindes, presença de autoridades, jogadores e familiares.



Carla Foschini e Marcelo Meyer na entrega de prêmios em 2003



Durante a solenidade de entrega de troféus, eu fiz uma menção especial para a Fusquinha, que estava no local. “Para mim, a maior vencedora de toda essa competição é a pessoa que vou chamar agora. Eu, ela, sua família e alguns dos seus amigos que estão aqui, sabem o motivo pelo qual ela é, na verdade, a grande campeã desse torneio”. Foi emocionante.

O tênis me ensinou muita coisa por toda a minha vida. Pude aplicar meu conhecimento e minha experiência em várias situações, inclusive em uma ocasião totalmente inesperada. Estou pouco me importando se tenho um jogador que vai ser 20 do mundo.

O caso da Fusquinha é o exemplo mais nobre de que o tênis é muito mais do que um jogo.

É a maior vitória no jogo da vida real.

Carla Foschini

Meus pais sempre quiseram que eu praticasse esporte. Aos seis anos, eles me colocaram no tênis, mas fiz apenas duas aulas e parei. Dois anos mais tarde, incentivada pelos irmãos Caetano e Carol, voltei às quadras na Meyer Tennis. Tive um bom começo, ganhei vários torneios organizados pela Federação Paulista, subi no ranking e me acostumei com as vitórias. Aos 10 anos, já não sabia conviver com derrotas.

Quando tinha 12 anos, minha família passou por problemas financeiros. Ficou decidido que, diante da situação, as aulas de tênis, consideradas um luxo, um supérfluo, seriam interrompidas. O Marcelo Meyer tem um jeitão de uma pessoa brava.



Na verdade, ele realmente impõe bastante respeito, mas é dono de um coração mole. Quando soube que eu iria parar de treinar, ele fez questão de manter as portas da academia abertas pra mim, disse que eu poderia continuar normalmente os treinamentos, mesmo sem pagar as mensalidades.

Foi uma atitude bem solidária por parte do Meyer. Demonstrou sensibilidade num momento difícil pra mim. Em casa, estávamos adequando nosso dia-a-dia à nova realidade, após a falência da empresa de meu pai. Precisei, por exemplo, sair de um colégio particular para estudar em escola pública. Era bem difícil conviver com essa nova realidade.

Eu tinha 15 anos nessa fase. Estava meio revoltada com a vida em virtude de uma combinação de acontecimentos negativos, como o delicado financeiro em casa, a mudança de alguns hábitos e os resultados ruins no tênis. Sem perceber, estava abandonando o ambiente saudável da academia de tênis para conhecer lugares nada recomendáveis e encontrar amizades não muito boas.

Certo dia, em conversa com uma amiga, evangélica, da escola, provoquei-a e desafiei a Deus. Insisti em dizer que Ele não existia e que se eu estivesse enganada gostaria de ter uma prova: queria que Ele me deixasse doente. Não demorou muito. Uma semana depois, comecei a sentir dores no pescoço. Olhei para o espelho e descobri dois nódulos. Fiz os exames e o resultado acusou que eu tinha câncer.

Foi um choque enorme. Eu não sabia dimensionar o tamanho daquele novo – e gravíssimo – problema. Naquele momen-



to, várias coisas passaram pela minha cabeça e a principal era que eu não teria muito tempo de vida.

Eu precisava ser internada com urgência e aí veio mais sofrimento para mim e toda minha família. Estávamos sem condições financeiras de arcar com uma despesa daquele tamanho. Posso afirmar que naquele momento surgiram os meus dois anjos da guarda: o Marcelo Meyer e a doutora Célia, do Hospital do Câncer. Outra pessoa bem especial foi o artista plástico Walter Berner que veio várias vezes de Petrópolis (RJ) para São Paulo, para me dar muita força, com palavras bem bonitas. Todos eles me ajudaram muito em todo esse duro processo.

Fui internada no mesmo dia em que uma garota de nove anos, a Janaína. Apesar de bem novinha, ela já era uma “veterana” no combate ao câncer. Com incrível facilidade, falava de como era o tratamento, sobre medicamentos, vivia sorrindo e brincando. Fiquei num quarto que tinha também a Ana Carolina, de dois anos.

Bateu uma grande felicidade quando o Meyer apareceu naquele quarto, logo nos primeiros dias de internação. Ele é uma pessoa que eu respeito bastante, que eu gosto como se fosse meu pai, porque sei que não é hipócrita comigo. Ele me disse que eu teria “cinco sets longos para disputar”. Fez uma metáfora bonita: usou as palavras do dia-a-dia dos treinamentos de tênis em sua academia para eu vencer aquela dura guerra contra a doença. Eu me lembro como se fosse ontem... Acreditei e, de fato, utilizei muito do que ele falou como arma para vencer o câncer.

Realmente, foram “cinco sets longos”, como ele disse... Foram seis meses de tratamento e sofrimento. Naquele “jogo”, foram bem



poucos os momentos em que eu estive ganhando. Cheguei a ponto de quase abandonar tudo, quando tentei, em determinada ocasião, fugir do Hospital. Teve momento em que estava "5/1 e saque para o adversário no quinto set"

Mas eu não me entreguei... Via todo aquele meu sacrifício, o desespero e empenho de meus familiares, a dedicação de amigos... Não podia deixar tudo aquilo em vão. Reagi e consegui vencer aquele "jogo". Ainda faço visitas ao Hospital para exames de rotina, mas estou completamente curada!

Essa experiência foi incrível e hoje tenho medo de esquecer tudo o que aprendi.

Aparentemente saudável, eu não vinha aproveitando bem a minha vida, estava trocando o tênis por companhias duvidosas e lugares ruins, vivia deprimida e cheia de dúvidas até descobrir a doença. Do mesmo jeito que Deus me enviou o aviso ruim, o câncer, Ele me mandou também a mensagem positiva de que eu precisaria ter um caminho diferente. Hoje, tenho outros tipos de problemas, como qualquer pessoa. Mas sei encarar as dificuldades sem me desesperar. Com a doença, aprendi a valorizar muito mais a vida. Antes, eu não tinha a noção de seu real valor.

O Meyer tinha razão... Foi como um difícil jogo de tênis. Eu tive pela frente um adversário quase imbatível, mas com a energia positiva dos meus "técnicos", dos meus familiares, da platéia e com a minha força de vontade, consegui vencer. Se estivesse jogando sozinha, talvez não tivesse passado do segundo set. A conquista foi coletiva.

* * * * *

